

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP

Paulo Sérgio Leme

**A MISSÃO NA CIDADE A PARTIR DO
DOCUMENTO DE APARECIDA**

MESTRADO EM TEOLOGIA

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP

Paulo Sérgio Leme

**A MISSÃO NA CIDADE A PARTIR DO
DOCUMENTO DE APARECIDA**

MESTRADO EM TEOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia sob a orientação do Prof. Dr. Tarcísio Justino Loro.

SÃO PAULO

2016

AGRADECIMENTOS

A Diocese de Bragança Paulista, na pessoa de Dom Sérgio Aparecido Colombo e aos colegas padres que me apoiaram na vida acadêmica. Aos professores e funcionários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Ao meu orientador Prof. Dr. Tarcísio Justino Loro, por acreditar em mim, me mostrar o caminho da ciência, por fazer parte da minha vida nos momentos bons e ruins, por ser exemplo de profissional, por sua ajuda nos momentos mais críticos, por acreditar no futuro deste projeto e contribuir para o meu crescimento profissional. Sua participação foi fundamental para a realização deste trabalho.

RESUMO

A cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas, cenário no qual são geradas e se impõem uma nova linguagem e uma nova simbologia. Configura-se uma nova estrutura social da Era da Informação, uma sociedade constituída por redes de produção, de poder e de experiências que constrói a cultura do virtual nos fluxos globais e que transcende o tempo e o espaço. Encarnada neste contexto, a Igreja, à luz do Documento de Aparecida, é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. É importante detectar os dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje, onde o essencial da cidade consiste em organizar um diálogo verdadeiro entre todas as categorias sociais. Neste diálogo todos poderão reivindicar com força a sua participação na cidade e o alcance de níveis mais elevados de comprometimento, em vista de superar os desafios advindos de estruturas que limitam as ações e superficializam as relações.

ABSTRACT

The city became the place itself of new cultures, scenario in which they are generated and impose themselves a new language and a new symbology. Sets up a new social structure of the Information Age, a company set up by production networks, power and experiences that build the virtual culture in global flows and that transcend time and space. Incarnated in this context, the Church in light of the Aparecida document is called to rethink deeply and relaunch with fidelity and courage its mission in the new circumstances Latin American and global. It is important to detect dynamics that run through and condition the Church's presence in the city. The pastoral action must be an expression of an understanding of the faith and the Church in the pluralistic and diverse context of today's reality, where the bulk of the city is to organize a genuine dialogue among all social categories. In this dialogue all can claim to force their participation in the city and reach higher levels of commitment, in order to overcome the challenges arising from structures that limit the actions and superficialize relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I.....	11
DESAFIOS DA CIDADE APONTADOS PELO DOCUMENTO DE APARECIDA	11
1.1 Situação sociocultural das cidades.....	11
1.2 Situação econômica.....	15
1.3 Situação Político-religiosa no mundo	21
1.4 Alguns aspectos da ecologia integral: segundo a carta encíclica <i>Laudato Si'</i>	24
1.5 Algumas mudanças na experiência religiosa: uma reflexão a partir do mundo urbano.....	35
CAPÍTULO II.....	46
A MISSÃO NA CIDADE	46
2.1 A missão da Igreja.....	46
2.2 Relevância do Concílio Vaticano II para a Teologia da missão	50
2.3 Desdobramentos pós-conciliares na teologia da missão	57
2.4 Desdobramentos da Igreja Latino-Americana na teologia da missão	59
2.4.1 A V Conferência de Aparecida: antecedentes imediatos	63
2.4.2 O Documento conclusivo da Conferência de Aparecida.....	63
2.5 Pastoral urbana: um novo modo de evangelizar a cidade	70
CAPÍTULO III	79
NOVOS PARADIGMAS PARA A MISSÃO NA CIDADE	79
3.1 A identidade cristã: uma nova eclesiologia	79
3.2 Conversão pastoral e novas estruturas	84
3.3 Formação do discipulado para Missão na cidade.....	89
3.4 Novos paradigmas propostos pelo Concílio Vaticano II e assumidos na realidade da Igreja Latino Americana.....	91
3.5 Novas perspectivas pastorais a partir do Pontificado de Francisco	96

a) <i>A alegria da missão</i>	97
b) <i>A realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo</i>	97
c) <i>Para Francisco o encontro tem um caráter sacramental</i>	98
d) <i>Estado permanente de missão</i>	98
e) <i>A misericórdia de Deus não dispensa processos permanentes de conversão e discernimento</i> 99	
3.5.1 Configuração de coragem	99
3.6 Apontamentos da Encíclica Laudato Si para uma ecologia integral	103
3.7 Cristãos leigos e leigas engajados na missão e profecia na cidade	108
3.8. Novos rostos: as pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, migrantes, enfermos, dependentes de drogas e detidas em prisões.	115
3.8.1 Pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades	115
3.8.2 Pessoas migrantes	116
3.8.3. Pessoas enfermas	117
3.8.4. Pessoas dependentes de drogas	118
3.8.5. Pessoas detidas em prisões	119
CONCLUSÃO	121
BIBLIOGRAFIA	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
CD	Decreto <i>Christus Dominus</i>
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida
DP	Documento de Puebla
DM	Documento de Medellín
DSD	Documento de Santo Domingo
EG	Encíclica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	Exortação apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LS	Encíclica <i>Laudato Si'</i>
RM	Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
SC	Constituição Dogmática <i>Sacrosanctum Concilium</i>
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, amparado por uma pesquisa bibliográfica, buscar-se-á fazer uma reflexão acerca dos principais desafios à evangelização na cidade o que nos ajudará a compreender a questão da afirmação da identidade cristã em uma sociedade que enfrenta fortes mudanças em suas estruturas sociais, culturais e religiosas e analisar a profundidade e a beleza do mistério da Igreja em sua missão de testemunhar a comunhão com Deus e a humanidade. Neste contexto a Igreja, à luz do Documento de Aparecida, é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia de sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. É importante detectar os dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje, onde o essencial da cidade consiste em organizar um diálogo reflexivo e verdadeiro entre todas as categorias sociais. Tais reflexões se justificam diante de um ambiente onde prevalece a afirmação da autonomia do sujeito, a secularização, o pluralismo religioso e a liberdade de expressão.

Na busca para atingir os objetivos acima elencados, este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo analisaremos a realidade a partir da conceituação das principais características da cidade em toda sua complexidade, em vista de identificar os novos fenômenos urbanos presentes nos modos de viver, de sentir e de pensar dos cidadãos de hoje. Vivemos uma mudança de época onde os agrupamentos de pessoas não se dão espontaneamente, por vizinhança geográfica, mas de indivíduos que buscam estar juntos por suas afinidades eletivas, ainda que para isso devam superar os obstáculos e as distâncias espaços-temporais. Configura-se uma nova estrutura social da Era da Informação, que chamamos de sociedade em rede, pois, é constituída por redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura do virtual nos fluxos globais, que transcendem o tempo e o espaço. A lógica preponderante dessas redes transforma todos os domínios da via social e econômica. As suas características são a globalização das principais atividades econômicas. A economia informal/global é capitalista. A norma continua a ser a produção em vista do lucro. A fronteira entre a exclusão social e a sobrevivência diária está cada vez mais complexa. A

natureza foi e continua sendo agredida. A terra foi depredada. As águas estão sendo tratadas como mercadoria. Com relação à situação religiosa, a história nos mostra a necessidade de uma nova linguagem, novos métodos e novos conteúdos para que a mensagem do evangelho possa ter sua eficácia e atinja as novas gerações. Hoje a Palavra Deus espanta ou confunde o homem secular. Enfim, a cidade apresenta novos desafios à Igreja, como os novos rostos dos cidadãos.

O segundo capítulo tem como objetivo reafirmar a importância dos paradigmas eclesiológicos do Concílio Vaticano II e do documento de Aparecida. O documento de Aparecida aprofunda os fundamentos teológicos da missão evangelizadora da Igreja: origem trinitária da missão; articulação entre missão e discipulado no ministério de Jesus; a ação do Espírito, que envolve a atividade evangelizadora da igreja e sua configuração histórica, em Pentecostes, como comunidade missionária. A missão da Igreja nasce da missão do Filho e do Espírito, enviados pelo Pai ao mundo. A referência é o projeto eclesiológico do Vaticano II. Neste sentido, destacaremos a dimensão missionária da Igreja, o que inclui o seu caráter profético, abertura aos sinais dos tempos e o diálogo com a modernidade.

O terceiro e último capítulo apresenta os principais desafios que se impõe ao “ser Igreja” no contexto da cidade. É importante detectar dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje. O essencial consiste em trabalhar o método do diálogo verdadeiro e participativo. Todos os cidadãos são chamados a participar da vida da cidade, inclusive no campo religioso. O lugar do cristão é estar em meio das lutas pela humanização da cidade, segundo o espírito do evangelho. O acolhimento desse dom, porém, nunca pode ser reduzido a uma experiência individualista, pois a fé não só é recebida através da Igreja como é também professada e aprofundada na comunidade eclesial. Compreender a pessoa humana como imagem e semelhança da Deus implica dimensioná-la sempre para o relacionamento aberto para com os outros; entendendo-se a partir dos outros e sendo através dos outros que constrói a sua identificação. Neste sentido serão tratados os seguintes temas específicos com relação à realidade da cidade: conversão pastoral, formação do discipulado para a missão na cidade, leigos e leigas engajados na missão, novos paradigmas, novos rostos: pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, migrantes, enfermos, dependentes de drogas e detidos em prisões. Diante dessas realidades desafiadoras o pontificado do Papa Francisco identifica esperanças e

luzes para uma Igreja que dialoga com essa nova realidade. Enquanto o mundo, especialmente em alguns países como a Síria, Egito, Iraque, entre outras, reacendem-se várias formas de guerras e conflitos, o Papa Francisco, insiste na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços. Precisamos acolher a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra um Deus que habita nas casas, nas ruas e praças. E principalmente do coração das pessoas. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para sua vida. É preciso uma evangelização que se constitua a partir do diálogo e do encontro com o homem urbano em seus mais variados rostos.

CAPÍTULO I

DESAFIOS DA CIDADE APONTADOS PELO DOCUMENTO DE APARECIDA

Neste primeiro capítulo será realizada uma análise da realidade apoiada no Documento de Aparecida considerando os seguintes aspectos: situação sociocultural das cidades, situação econômica, situação político-religiosa no mundo, alguns aspectos da ecologia integral: segundo a carta encíclica *Laudato Si* e algumas mudanças na experiência religiosa a partir do mundo urbano. O método a ser utilizado será a análise bibliográfica de documentos eclesiais e obras de cientistas contemporâneos que tratam do mundo urbano.

Queremos refletir sobre as principais características da cidade em sua complexidade, incluindo o modo de sentir e de pensar dos cidadãos. Configura-se uma nova estrutura social da Era da Informação, que chamamos de sociedade em rede porque é constituída por redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura do virtual nos fluxos globais, que transcendem o tempo e o espaço. A lógica preponderante dessas redes transforma todos os domínios da via social e econômica. A norma continua a ser a produção pelo lucro. A natureza foi e continua sendo agredida e a terra foi degradada. As águas estão sendo tratadas como se fosse mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transformadas num bem disputado pelas grandes potências. Com relação à situação religiosa a história nos atesta a necessidade que a cada configuração histórica, se faz necessário uma linguagem religiosa específica para que a mensagem do cristianismo possa ter sua eficácia e atingir as novas gerações. Vivemos num novo contexto cultural. O mundo da cidade onde se apresentam novos desafios para evangelização em seus mais variados rostos. Não podemos permanecer isolados e ignorar a complexidade da cultura urbana.

1.1 Situação sociocultural das cidades

O ponto de partida do Documento de Aparecida é a realidade interpeladora do continente latino-americano, que contradiz o Reino de vida do Pai. Nele é constatada que nossos povos vivem uma realidade marcada por grandes mudanças. A novidade é que com o fenômeno da globalização essas mudanças têm alcance muito maior. Quis o documento apontar para uma mudança de paradigma na leitura do econômico para o cultural. Vivemos

uma mudança de época, sobretudo no âmbito cultural, assim nos diz o documento de Aparecida:

A novidade dessas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferenças e matizes, afetam o mundo inteiro. Habitualmente são caracterizadas como fenômeno da globalização. Um fator determinante dessas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas. Como se costuma dizer, a história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunica com grande velocidade a todos os cantos do planeta (DAp. 34).

A realidade se transformou drasticamente no último século com a formação das grandes cidades e o êxodo rural. A realidade que era rural passa a ser urbana. Como atesta Susin:

Até algumas décadas, ao menos até metade do século XX, a vida humana sobre a terra, por milhões de anos, estava inserida imediatamente na ecologia rural, era parte da paisagem rural. Evidentemente, cidades sempre existiram, e algumas muito grandes, mas a vida urbana era minoritária. No entanto, alguns indicadores avisam que houve uma inversão de até 80 % em poucas décadas do final do século XX: se antes tínhamos apenas 20 % da humanidade em áreas rigorosamente urbanas, hoje temos 80 %, permanecendo apenas 20 % em áreas rurais, com algumas variações de acordo com, a região do planeta.¹

O cristão de hoje não se encontra mais na primeira linha da produção cultural, mas recebe sua influência e seus impactos. As grandes cidades são laboratórios dessa cultura contemporânea complexa e plural. A cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que se vão gestando e se impondo. Assim diz José Comblin:

As grandes cidades estão numa situação dramática. Um sinal bem claro: os ricos fogem das cidades, constituindo, aliás, zonas reservadas e protegidas, isoladas do mundo por muros e serviços de vigilância particular. A criação de cidades privilegiadas longe das cidades reais mostra a permanência do ideal de cidade e de vida urbana e ao mesmo tempo a gravidade

¹ SUSIN, Luiz Carlos. Missão em um tempo de mudanças profundas e desafios culturais inadiáveis. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (orgs). *A missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas. 2010. p. 26.

da situação nas cidades que existem atualmente. Mas a cidade-paraíso é a solução, mas uma solução acessível somente a uma pequena minoria. Para os outros a vida urbana é um problema que parece insolúvel, e de fato é insolúvel dentro do sistema econômico-social que nos domina. O capitalismo quebra todas as formas de solidariedade porque vê nelas resistências ao seu desenvolvimento. As formas de solidariedade dão força aos trabalhadores. Por isso, promove a dissolução da família, da vida social dos bairros, das associações de todo tipo.²

A globalização e as novas tecnologias de comunicação nos levam a uma mudança de época onde os agrupamentos de pessoas não se dão espontaneamente, por vizinhança geográfica, mas de indivíduos que buscam estar juntos por suas afinidades eletivas, ainda que para isso devam superar os obstáculos e as distâncias espaços-temporais. Irrompem novos costumes onde a imagem imaterial, os videoclipes, o mundo da virtualidade rompe as categorias do espaço e tempo. Isso tem impacto profundo não só na concepção do humano, mas igualmente nas relações humanas. O ser humano, sobretudo aquele das grandes metrópoles, não se relaciona mais, se conecta. Com um “clique” inclui ou dispensa outros seres humanos do seu mundo que tem as dimensões ao mesmo tempo de uma tela de computador e, a partir daí, de todo o universo. Configura-se uma nova estrutura social da Era da Informação, a qual chamamos sociedade em rede porque é constituída por redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura do virtual nos fluxos globais, que transcendem o tempo e o espaço. Assim diz Manoel Castells em sua obra: “a sociedade em rede” introduz a cultura da virtualidade real:

A tecnologia reduz o tempo a alguns instantes aleatórios e, com isso, desarticula a sequência da sociedade e o desenvolvimento da história. Ao encerrar o poder no espaço de fluxos, ao permitir que o capital escape do tempo e ao dissolver a história na cultura do efêmero, a sociedade em rede desincorpora as relações sociais e introduz a cultura da virtualidade real³

Segundo o Documento de Aparecida essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, economia, política, ciências, educação, esporte, artes e também a religião. Nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado. Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. O individualismo

² COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 5.

³ CASTELLS, M. *A questão urbana*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003. p.475.

enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. Os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos estão na base da profunda vivência do tempo, o qual se concede fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais, aos problemas de sexualidade, da família, das enfermidades e da morte. Verifica-se, em nível massivo, uma espécie de nova colonização cultural pela imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores. Castells atesta que se vive uma nova cultura no paradigma informacional:

Ao longo da história, as culturas foram geradas por pessoas que compartilham o espaço e tempo, sob condições determinadas pelas relações de produção, poder e experiência e modificadas pelos seus projetos, lutando umas contra as outras para impor os seus valores e os seus objetivos à sociedade. Portanto, as configurações espaços-temporais eram importantíssimas para o significado de cada cultura e na sua evolução. No paradigma informacional surgiu uma nova cultura a partir da superação dos lugares e do anular do tempo pelo espaço de fluxos e pelo tempo atemporal. A virtualidade real é um sistema em que a realidade em si (ou seja, a existência material/simbólica das pessoas) está imersa por completo num ambiente de imagens virtuais, no mundo do faz de conta, no qual os símbolos não são apenas metáforas, mas abarcam a própria experiência real.⁴

Essa cultura se caracteriza pela autorreferência do indivíduo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável. Prefere-se viver o dia-a-dia, sem programas a longo prazo nem apegos pessoais, familiares e comunitários. As relações humanas estão sendo consideradas objetos de consumo, conduzindo a relações afetivas sem compromisso responsável e definitivo. As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais mais profundas. Em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, de perceber e com novas formas de se relacionar. Joana T. Puntel constata que estamos diante de um grande desafio para a evangelização que é compreender o que significa encontrar-se diante de uma verdadeira “Revolução” tecnológica:

⁴ Ibid. p.475

Frequentemente nos deparamos diante das novas tecnologias, e corremos o risco de não as usar adequadamente. Mas aqui surge o “primeiro grande desafio”: não se trata apenas de a Igreja preparar-se “profissionalmente” para o uso das novas tecnologias e assim saber “mecanicamente” operacionalizar as novas invenções. O eixo fundamental reside no fato de compreender o que significa encontrar-se diante de uma verdadeira “revolução” tecnológica que exige ir além dos instrumentos, e tomar consciência das mudanças fundamentais que as novas tecnologias operam nos indivíduos e na sociedade, por exemplo nas relações familiares, de trabalho, etc.⁵

A cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, são múltiplas as formas, valores e estilos de vida que afeta todas as coletividades. Nessas culturas os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos. O indivíduo procura sempre mais relações, a partir de sua escolha, por afinidade de interesses. Entre as novas experiências comunitárias, marcadas fortemente por afinidades emocionais, estão também experiências de comunidades e movimentos religiosos.

O documento de Aparecida convida a posicionarmos frente a essa forma de globalização promovendo uma globalização diferente, que esteja marcada pela solidariedade, justiça e pelo respeito aos direitos humanos. Entre os aspectos positivos dessa mudança cultural está o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência.

1.2 Situação econômica

O mercado livre, processo econômico com dados positivos, manifesta os seus limites. Assim, o documento de Aparecida descreve os limites desse modelo econômico:

A face mais difundida e de êxito da globalização é sua dimensão econômica, que se sobrepõe e condiciona as outras dimensões da vida humana. Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Esse caráter peculiar faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas (DAp. 61).

Nas grandes cidades, o mundo do trabalho profundamente transformado pelas modernas conquistas tecnológicas, conhece avanços extraordinários, mas deve

⁵ PUNTEL, Joana T. A Igreja e os meios de comunicação na sociedade brasileira a partir do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise (orgs.). *Concílio Vaticano: Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 332.

lamentavelmente registrar também formas inéditas de precariedade, de exploração e até de escravidão. Em diversas áreas do planeta o nível do bem-estar continua a crescer, mas aumenta o número dos novos pobres e se alarga, por várias regiões, a diferença entre países menos desenvolvidos e países ricos. Segundo Leonardo Boff, o que vigora na sociedade de mercado é o individualismo.

O individualismo é a marca registrada da sociedade de mercado e do capitalismo como modo de produção e sua expressão política o (neo) liberalismo – revela toda sua força mediante as corporações nacionais e multinacionais. Nelas vigora cruel competição dentro da lógica do ganha-perde.⁶

O que prevalece nesse sistema perverso é o princípio onde o mais forte se apropria de quase tudo e o mais fraco é deixado para trás. Os donos das grandes riquezas do mundo e consequentemente detentores do poder optaram por viver e difundir esta lógica desigual.

Segundo o geógrafo Milton Santos, o estudo da história dos países hemisfério sul permite revelar uma especificidade de sua evolução em relação às dos países hemisfério norte. Essa especificidade aparece claramente na organização da economia, da sociedade e do espaço e, por conseguinte, na urbanização, que se apresenta como um elemento numa variedade de processos combinados. A situação dos países do hemisfério sul não é em nada comparável à dos países do hemisfério norte antes de sua industrialização. As economias desses últimos “não sendo dependentes, não eram deformadas e desequilibradas, mas ao contrário, integradas e aut centradas”.

Os espaços dos países subdesenvolvidos por serem dependentes acabam sendo deformadas e desequilibradas. Os espaços dos países desenvolvidos caracterizam-se primeiramente pelo fato de se organizarem e reorganizarem-se em função de interesses distantes e mais frequentemente em escala mundial. O espaço dos países subdesenvolvidos é igualmente multipolarizado, ou seja, é submetido e pressionado por múltiplas influências e polarizações oriundas de diferentes níveis de decisão. Enfim, o espaço dos países subdesenvolvidos é marcado pelas enormes diferenças de renda na sociedade, que se exprimem, no nível regional, por uma tendência à hierarquização das atividades e, na escala do lugar, pela coexistência de atividades de mesma natureza, mas de níveis diferentes. Nos países subdesenvolvidos, a possibilidade de consumo dos indivíduos varia muito. O nível

⁶BOFF, Leonardo. *A grande transformação na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 37.

de renda também é função da localização do indivíduo, o qual determina, por sua vez, a situação de cada um como produtor e como consumidor. O consumo responde a forças de dispersão, mas a seletividade social age como um freio, pois a capacidade de consumir não é a mesma qualitativa e quantitativamente.⁷

Milton Santos reflete dois conceitos para definir as duas realidades presente na cidade moderna que não pode mais ser estudada como uma máquina maciça. Ele chama esses dois subsistemas de “circuito superior” ou “moderno”, e “circuito inferior”. O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos hoje são os monopólios. O essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região. A vida urbana é condicionada pelas dimensões qualitativas e quantitativas de cada circuito. Cada circuito mantém, com o espaço de relações da cidade, um tipo particular de relações: cada cidade tem, portanto, duas zonas de influência.

É necessário doravante levar em conta o circuito inferior elemento indispensável à apreensão da realidade urbana e encontrar as medidas a serem adotadas para atribuir a esse circuito uma produtividade mais elevada e um crescimento sustentado, ao mesmo tempo conservando o seu papel de fornecedor privilegiado de empregos. É nessa perspectiva que se deve velar por uma adequada regulação da dialética dos dois circuitos nas cidades e no sistema de cidades.⁸

Nossa época diferencia-se de outras épocas por sua capacidade de inovação. Duas variáveis elaboradas no centro do sistema encontram uma difusão generalizada nos países periféricos. Trata-se da informação e do consumo – a primeira estando a serviço do segundo, cuja generalização constitui um fator fundamental de transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço. A difusão da informação faz sentir em todos os níveis e constitui o principal sustentáculo da difusão de novos modelos de consumo inspirados nos países ricos. A presença ou o simples conhecimento da existência de novos bens e de novos métodos de consumo aumentam a propensão geral ao consumo. Isso funciona como um obstáculo à formação de capital e ao desenvolvimento. Um dos resultados dessa nova escala

⁷ SANTOS, Milton. *O Espaço dividido*. Editora Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008. p. 21.

⁸ Ibid. p. 23.

mundial seria reduzir a demanda de produtos locais e suscetíveis de serem fabricados com o mínimo de dependência externa.

A modernização ocorrida nos países do hemisfério sul cria um número limitado de empregos e uma boa parte dos empregos indiretos são criados nos países centrais ou para os naturais desses países. A indústria responde cada vez menos às necessidades de criação de emprego. Quanto à agricultura, ela também vê diminuir seus efetivos, ou porque é atrasada ou porque está se modernizando. Essa é uma das explicações do êxodo rural e da urbanização terciária; e uma porcentagem elevada de pessoas não tem atividades nem rendas permanentes. Afirma Milton Santos:

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são as causas e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços.⁹

Pode-se constatar através da reflexão de Santos, que a economia conduzida por uma tendência que privilegia o lucro e estimula a concorrência, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Frente a essa forma de globalização, o documento de Aparecida propõe uma nova forma de globalização, que esteja marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos. Citando a Doutrina Social da Igreja aponta para aquilo que seria o verdadeiro objeto da economia do ponto de vista cristão:

Segundo a doutrina Social da Igreja, o objeto da economia é a formação da riqueza e seu incremento progressivo, em termos não só quantitativos, mas qualitativos: tudo é moralmente correto se está orientado para o desenvolvimento global e solidário do homem e da sociedade na qual vive e trabalha. O desenvolvimento, na verdade, não se pode reduzir a mero processo de acumulação de bens e serviços. Ao contrário, a pura acumulação, ainda que para o bem comum, não é condição suficiente para a realização de uma autêntica felicidade humana (DAp. 69).

⁹ Ibid. p. 37.

Observava-se que as instituições financeiras e as grandes empresas nacionais e multinacionais se fortalecem a ponto de subordinar as economias locais, debilitando os Estados em sua capacidade de levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações. As populações rurais, em sua maioria, sofrem as consequências da pobreza, agravada pela falta de acesso à terra própria, de financiamento adequado, de condições gerais de vida digna e de apoio à agricultura familiar. São altamente alarmantes os níveis de corrupção na economia, envolvendo tanto o setor público quanto o setor privado. Fenômeno preocupante é, também, o processo da mobilidade humana, sobretudo causado pela busca de trabalho e de condições melhores de vida. A exploração do trabalho, inclusive infantil, chega, em alguns casos, a gerar condições de verdadeira escravidão. Gera também a vergonhosa exploração sexual, especialmente de crianças e adolescentes.

Refletindo sobre os desafios da América Latina, Agenor Brighenti destaca que a crise do capitalismo, que, sobretudo depois da queda do muro de Berlim, como sistema absoluto e solitário, impôs uma segunda globalização, comandada pelo sistema financeiro. Nesse contexto, não mudam os modos de relação: ontem, metrópoles - colônia; hoje, centro hegemônico - periferia. Apenas mudam as formas de uma dependência secular. Uma leitura do contexto socioeconômico atual mostra que para os países do hemisfério Sul, em nosso caso para a América Latina e o Caribe, o processo de recepção da modernidade não foi muito mais do que um processo seletivo de modernização, que respondeu e continua respondendo às necessidades das “ilhas de prosperidade” nas próprias metrópoles e aos interesses do grande capital externo:

Os novos colonizadores têm no monopólio da tecnologia, no sistema comercial e financeiro internacional e, sobretudo, na dívida externa os mecanismos que prolongam a dependência que os países periféricos têm de um centro financeiro hegemônico. Empresas transnacionais e capital financeiro sem barreira alguma mantêm as “veias abertas” da América Latina, do Caribe e do Hemisfério Sul em geral, no fluxo diário de um bilhão de dólares para os países do norte.¹⁰

O pensamento único, fundado na falácia de que o sistema liberal capitalista é o “fim da história”, legitima e reforça essa situação no plano estrutural. De uma globalização mercantilista, passamos a uma globalização financeira. Ambas têm em comum a mesma

¹⁰ BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 17-18.

lógica de exclusão. A atual concentração de renda e riqueza acontece principalmente pelos mecanismos do sistema financeiro. A liberdade concedida aos investimentos financeiros favorece o capital especulativo, que não tem incentivos para fazer investimentos produtivos em longo prazo, mas busca o lucro imediato nos negócios com títulos públicos, moedas e derivados. Uma leitura conjuntural do contexto socioeconômico atual mostra que o setor financeiro domina a economia, transferindo para si a renda dos setores médios e baixos da população e gerando uma gradativa concentração da renda nas esferas mais altas da sociedade. A desigualdade entre ricos e pobres continua crescendo, seja entre hemisférios, seja entre as elites e a grande massa da população no interior dos países do Sul. Seguindo a reflexão de Brighenti, tudo segue a lógica dos interesses do capital financeiro, sendo assim, os governos não tem autonomia:

Os governos têm atuado dentro dos parâmetros estabelecidos pelas instituições existentes, cujo indicador mais explícito é a opção pelo ajuste fiscal, priorizando o “endividamento sustentável”, através do pagamento de juros. Temos uma democracia representativa em crise, pois, em última instância, ela representa a burguesia, que não tem projeto nacional e está aliada aos grandes interesses do capital financeiro internacional. Os militares entregaram o poder aos civis, mas sob a condição de não punir seus crimes, de eles serem os garantes da democracia, de não se tocar no modelo de economia liberal e de aderir à civilização ocidental cristã, leia-se, sistema liberal capitalista.¹¹

Tendo em vista o sistema perverso que rege a economia global. Para a maioria da população a vida urbana é um problema que parece insolúvel, e de fato é insolúvel dentro do sistema econômico-social dominante. O sistema capitalista precisa da cidade porque precisa de mão-de-obra qualificada ao alcance das empresas. Por isso, é inimigo da reforma agrária porque quer tirar os camponeses do campo para que venham à cidade constituir uma reserva de mão-de-obra barata. A sua prioridade é o lucro. Ora, serviços sociais, condições de vida, saneamento, embelezamento não dão lucro. O sistema obriga as municipalidades a primeiro respeitarem e promoverem tudo o que visa o lucro. Nada é feito para facilitar a vida dos cidadãos, e tudo é feito para facilitar a acumulação de capital. O capitalismo pretende reduzir o mais possível a força dos cidadãos para que estejam mais disponíveis para as necessidades das empresas. Por isso, promove a dissolução da família, da vida social dos bairros, das

¹¹ Ibid. p. 19.

associações de todo tipo. Comblin cita o caos que ocorre hoje nas grandes cidades, onde o sistema capitalista é vítima de suas próprias desordens:

O pior é quando as próprias indústrias ou comércios começam a descobrir que estão sendo prejudicados pelas próprias desordens que criaram: congestionamentos do transporte, o que limita a chegada das matérias-primas, e a saída dos produtos; congestionamentos das ruas. O que impede o comércio e os supermercados. As empresas vão instalar-se fora da cidade. Na fase final, a cidade fica somente com as massas humanas pobres condenadas a buscar trabalho longe da sua moradia, o que torna a sua vida mais incômoda ainda. É o que está acontecendo em São Paulo. Hoje em dia o símbolo da cidade são os edifícios dos bancos, símbolos da propriedade privada e da luta pelo lucro.¹²

1.3 Situação Político-religiosa no mundo

Um fato ocorrido que chocou o mundo e que questiona os cristãos é a situação de milhões de pessoas que morrem na tentativa de fugir das guerras e conflitos. Fato que chocou o mundo foi a foto divulgada no dia 3 de setembro de 2015, onde aparece uma criança morta à beira da praia da Turquia na tentativa de sua família chegar à Europa. Assim cita o jornal Folha de São Paulo, no caderno mundo do dia 5 de setembro de 2015:

Alylan Kurdi é a criança síria que morreu na tentativa de sua família chegar à Europa. A foto do seu cadáver na praia "chocou o mundo". "É a foto do fracasso da Europa, do mundo desenvolvido". O fracasso da Europa vem de sua incapacidade de adotar uma política comum para lidar com o maior fluxo de migrantes desde a Segunda Guerra Mundial. Quem matou Alylan foi a barbárie em curso na Síria. O mundo desenvolvido, porém, é cúmplice por estar se revelando incapaz de contê-la, dominado pelo que o Papa Francisco definiu como "globalização da indiferença".¹³

Diante dessa realidade a humanidade se inquieta e questiona as estruturas de um sistema marcado pelas consequências da lógica da situação econômica. O capitalismo quebra todas as formas de solidariedade porque vê nelas resistências ao seu desenvolvimento. No caso dessa criança e de outros milhares de pessoas em situação semelhante, o destino foi a morte. O flagrante da imagem traduziu-se em um drama social que se estende na tragédia de cadáveres à deriva nos mares europeus ou de pessoas retidas numa estação húngara

¹² COMBLIN. José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Editora Paulus, 2002. p. 6.

¹³ *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 de setembro de 2015. Caderno Mundo, p 12.

transformada em prisão. A própria família torna-se um símbolo de resistência. O irmão Galip, cinco anos, também morreu na tentativa de sair da Turquia.

Pelas idades que tinham, fica claro: ambos nasceram e viveram sempre sob os bombardeios da guerra na Síria. Haviam deixado para trás a cidade de Kobane, controlada pelo grupo terrorista Estado Islâmico (EI), palco de violentas batalhas entre militantes extremistas muçulmanos e forças curdas no primeiro semestre. Nenhum dos dois meninos tinha a proteção de alguma boia ou colete salva-vidas. Não contaram com qualquer chance de salvação quando, na noite cerrada, o bote onde estavam virou, e eles se afogaram. Desesperados para escapar da barbárie, o pai do menino, Abdullah, e a mãe, Rehan, primeiro deixaram a Síria. Foram para a Turquia. Sentindo-se discriminados e com dificuldades financeiras em solo turco, partiram com o sonho de se juntar aos parentes no Canadá. A família precisava deixar de vez Kobane para trás. Mesmo ilegais, tocaram adiante os planos. Apenas Abdullah sobreviveu à tentativa de travessia entre a Turquia e a Grécia. Além dos meninos e de Rehan, pelo menos nove pessoas morreram na fuga desesperada. Assim cita Cátia Simões:

O mundo vive a maior crise de refugiados desde a II Guerra Mundial. São já mais de 50 milhões, segundo dados da Anistia Internacional. Deslocados, apátridas, sem nada. A onda começou nas pequenas balsas, tão frágeis que até no tranquilo Mediterrâneo se viravam. Desde o início do ano já morreram mais de dois mil. Quando se afogaram mil de uma vez a opinião pública escandalizou-se, emocionada, exigiu uma ação dos políticos, que alguém acolhesse os pobres refugiados. Mas memória curta, a 'silly season' e os casamentos hollywoodescos da nossa amostra de 'jet set' rapidamente apagaram a imagem das crianças de olhos grandes e barrigas esticadas de fome. Mas os refugiados não esquecem que o mar pode ser traiçoeiro e como a necessidade é a mãe do engenho viraram-se para outras fronteiras: chegar à União Europeia, através da Hungria, cruzando a Sérvia. Chegar ao Reino Unido pelo Canal da Mancha, escondidos em caminhões ou nos comboios. Centenas, todas as noites, a passar a cerca erguida como perímetro de segurança. Como se um muro pudesse segurar o desespero.¹⁴

Na sua visita a Lampedusa, na Itália, o Papa Francisco criticou "a indiferença" do mundo perante as centenas de imigrantes mortos no Mediterrâneo nos últimos anos durante a viagem em busca de uma vida melhor. Em sua homilia afirmou:

¹⁴ SIMÕES, Cátia. *A Europa tem medo, não consegue mais acolher quem desesperadamente precisa de ajuda. E fecha-se a cadeado*. Disponível em: http://economico.sapo.pt/noticias/ja-chegaram-a-europa-mais-de-50-milhoes-de-refugiados-este-ano_225768.html. Acesso em 09 de agosto de 2015.

"Perdemos todo o sentido da responsabilidade fraternal", "a cultura do bem-estar tornou-nos insensíveis aos gritos dos outros (...) o que leva a uma globalização da indiferença", afirmou o Papa numa missa, esta manhã, em que participaram mais de 10 mil pessoas. "Os imigrantes morreram no mar, nos seus barcos que, em vez de serem um caminho para a esperança os levaram para a morte", disse o Papa na sua homilia, afirmando que este pensamento é como "um espinho no coração que causa sofrimento".¹⁵

O pedido do Papa foi feito no momento em que o número de refugiados que chegam à Europa atinge nível recorde. A população na Praça de São Pedro aplaudiu quando o pontífice, ele mesmo neto de imigrantes italianos que foram para a Argentina, fez um apelo em seu pronunciamento:

Apelo às paróquias, às comunidades religiosas, aos mosteiros e santuários de toda a Europa que recebam uma família de refugiados, disse ele após seu discurso dominical no Vaticano. Existem mais de 25 mil paróquias somente na Itália, e mais de 12 mil na Alemanha, para onde muitos dos sírios que fogem da guerra civil e pessoas que tentam escapar da pobreza em outros países dizem querer ir.¹⁶

Vive-se na Síria e na Europa situações que desafiam a humanidade e os sistemas políticos. O documento de Aparecida fazendo uma análise dos regimes políticos que regem a América Latina e o Caribe indica que é necessária uma democracia participativa e baseada na promoção e respeito dos direitos humanos. O documento cita a irrupção dos novos atores sociais como possibilidade de mudança social:

Com a presença da sociedade Civil assumindo uma atitude mais protagonista e a irrupção de novos atores sociais como os indígenas, os afro-americanos, as mulheres, os profissionais, uma extensa classe média e os setores marginalizados organizados, vêm se fortalecendo a democracia participativa e estão se criando maiores espaços de participação política. Esses grupos estão tomando consciência do poder que têm nas mãos e da possibilidade de gerarem mudanças importantes para a conquista de políticas públicas mais justas, que revertam sua situação de exclusão (DAp. 75).

Mas se por um lado vemos possibilidades de mudanças emergirem. Grande fator negativo em boa parte da região, o recrudescimento da corrupção na sociedade e no Estado,

¹⁵ O GLOBO. Papa critica a "indiferença" do mundo pelos imigrantes Disponível em: <http://www.dn.pt/globo/europa/interior/papa-critica-a-indiferenca-do-mundo-pelos-imigrantes-3310760.html>. Acesso em 08 julho 2013.

¹⁶ Ibid.

envolvendo os poderes legislativos e executivos em todos os níveis, alcançando também o sistema judiciário que muitas vezes, inclina seu juízo a favor dos poderosos e gera impunidade, o que coloca em sério risco a credibilidade das instituições públicas e aumenta a desconfiança do povo, fenômeno que se une a um profundo desprezo pela legalidade. Em amplos setores da população, e especialmente entre os jovens, cresce o desencanto pela política e particularmente pela democracia, pois as promessas de uma vida melhor e mais justa não se cumpriram ou se cumpriram só pela metade. Assim aponta a reflexão dos bispos do Brasil nas diretrizes de ação evangelizadora da Igreja no Brasil:

É inquestionável o enfraquecimento da política decorrente das mudanças culturais como a difusão do individualismo e, principalmente, o crescimento do poder dos grandes grupos econômicos, impondo suas decisões e substituindo as instâncias políticas, com riscos para a democracia. Preocupa-nos como construtores da paz, que a vida social em convivência harmônica e pacífica está se deteriorando gravemente em nosso país pelo crescimento da violência, que banaliza a vida, manifestada em roubos, assaltos, sequestros e assassinatos.¹⁷

É missão dos cristãos do século XXI serem protagonistas desse outro mundo não só possível, mas necessário. Onde a humanidade inspirada pelo Evangelho possa ser regida por valores mais humanos e não pelos valores de Mercado. Entre os homens prevalece a opressão, mas entre vós não deveis ser assim nos diz Jesus no Evangelho.

1.4 Alguns aspectos da ecologia integral: segundo a carta encíclica *Laudato Si'*

Diante da urgência da questão ecológica. A América Latina é o continente que possui uma das maiores biodiversidades do planeta e uma rica diversidade social, representada por seus povos e culturas. Nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas. A natureza foi e continua sendo agredida e a terra foi depreciada. As águas tratadas como mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transformadas num bem disputado pelas grandes potências. Assim, já citava o documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil do ano 2008:

¹⁷CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. doc. 87. Brasília: CNBB. 2008. p. 33-35.

A rica biodiversidade do Brasil, com seus diversos biomas – Amazônia, pantanal, caatinga, cerrado, mata atlântica, pampas, tem suscitado especial cobiça internacional e tem sido aceleradamente destruída, até mesmo com a ameaça de extinção de suas espécies. A devastação ambiental da Amazônia e agressões a dignidade, à cultura dos povos indígenas, por parte de fortes interesses e grupos econômicos se intensificam. A isso se soma a agressão à natureza, à terra e às águas tratadas como mercadoria negociável, disputada pelas grandes potências. Trata-se de grupos ávidos de benefícios próprios. Trata-se de consequências de um modelo de desenvolvimento econômico capitalista-consumista, que privilegia o mercado financeiro e prioriza o agronegócio.¹⁸

O destino universal dos bens exige a solidariedade com as gerações presentes e as futuras. Visto que os recursos são cada vez mais limitados, seu uso deve estar regulado segundo um princípio de justiça distributiva, respeitando o desenvolvimento sustentável. Propõe-se hoje uma reflexão a partir de uma ecologia integral a partir dos povos excluídos da América Latina, não tratar o planeta como dominadores irresponsáveis. O Papa Francisco em sua encíclica sobre o meio ambiente se dirige a cada pessoa que habita neste planeta. Nela o Papa busca um diálogo com todos acerca da nossa casa comum. Ele aponta para São Francisco como modelo belo e motivador. O Papa tomou o seu nome por guia e inspiração, no momento da sua eleição para Bispo de Roma. Isso nos indica muita coisa para um novo paradigma eclesial.

Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. Amados por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põe em contato com a essência do ser humano. Para ele qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixamos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo. Se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco é uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio. São Francisco, fiel à Sagrada Escritura, propõe-nos reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus

¹⁸ Ibid. p. 36-37

nos fala e transmite algo de sua beleza e bondade. O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor.¹⁹

É urgente unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral. Como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos. O Papa Francisco lança um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos. Todos podem colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades.

Pontos importantes a refletir hoje é a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de uma novo estilo de vida. Conforme a encíclica *Laudato Si*:

A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho. O problema é de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. Depois de um tempo de confiança irracional no progresso e nas capacidades humanas, uma parte da sociedade está entrando em uma etapa de maior conscientização. Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está acontecendo com o nosso planeta.²⁰

A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo. O sistema industrial, no final do ciclo de produção e consumo, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e detritos. Ainda não se conseguiu adotar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras e que exige limitar, o mais possível, o uso dos recursos não renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os.

¹⁹ FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': Sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas. 2015 p. 10-11.

²⁰ Ibid. p. 17-18.

O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos. Há um consenso científico muito consistente, indicando que estamos perante um preocupante aquecimento do sistema climático. A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater esse aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam. Numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devida à alta concentração de gases de efeito estufa (anídrico, carbônico, metano, óxido de azoto, e outros) emitida, sobretudo, por causa da atividade humana. Isto é particularmente agravado pelos modelos de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis, o qual está no centro do sistema energético mundial. E incidiu também a prática crescente de mudar a utilização do solo, principalmente o desflorestamento para finalidade agrícola.

O aquecimento influi sobre o ciclo do carbono. Cria um círculo vicioso que agrava ainda mais a situação e que incidirá sobre a disponibilidade de recursos essenciais como águas mais quentes e, ainda, provocará a extinção de parte da biodiversidade do planeta. A perda das florestas tropicais piora a situação, pois estas ajudam a mitigar a mudança climática. Se a tendência atual se mantiver, este século poderá ser testemunha de mudanças climáticas inauditas e de uma destruição sem precedentes dos ecossistemas, com graves consequências para todos nós. Cita a Encíclica:

As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. É trágico o aumento de migrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa. Infelizmente, verifica-se uma indiferença geral perante estas tragédias, que estão acontecendo agora mesmo em diferentes partes do mundo. Tornou-se urgente e imperioso o desenvolvimento de políticas capazes de fazer com que, nos próximos anos, a emissão de anidrido carbônico e outros gases altamente poluentes se reduzam drasticamente, por exemplo, substituindo os combustíveis fósseis e desenvolvendo fontes de energia renovável.²¹

Podemos sentir nos últimos anos a crise hídrica que afeta as grandes capitais. A questão da água potável e limpa constitui uma questão de primordial importância, porque é

²¹ Ibid. p. 23-24.

indispensável para a vida humana e para sustentar os ecossistemas terrestres e aquáticos. Em muitos lugares, a procura excede a oferta sustentável, com graves consequências curto prazo. Um problema particularmente sério é o da qualidade de água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas. Em alguns lugares cresce a tendência para se privatizar este recurso escasso, tornando-se uma mercadoria sujeita às leis do mercado.

Este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto é negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável. O problema da água é, em parte, uma questão educativa e cultural, porque não há consciência da gravidade destes comportamentos num contexto de grande desigualdade. Alguns estudos assinalaram o risco de sofrer uma aguda escassez de água dentro de poucas décadas, se não forem tomadas medidas urgentes. Os impactos ambientais poderiam afetar milhares de milhões de pessoas, sendo previsível que o controle da água por grandes empresas mundiais se transforme em uma das principais fontes de conflitos deste século.²²

Também no que diz respeito a fauna e a flora atualmente, desaparecem muitas espécies de vegetais e de animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre. Algumas espécies pouco numerosas, que habitualmente nos passam despercebidas, desempenham uma função fundamental para estabelecer o equilíbrio de um lugar. O cuidado dos ecossistemas requer uma perspectiva que se estenda para além do imediato, porque, quando se busca apenas um ganho econômico rápido e fácil, já ninguém se importa realmente com a sua preservação. Habitualmente também não se faz objeto de adequada análise a substituição da flora silvestre por áreas florestais com árvores, que geralmente são monoculturas.

Outra grande questão que nos apresenta nos dias atuais, e que se impõe como grande desafio para os cristãos é a realidade das grandes metrópoles. Cita o Papa Francisco:

O crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades que se tornaram pouco saudáveis para viver, devido não só à poluição proveniente de emissões tóxicas, mas também ao caos urbano, aos problemas de transporte e à poluição visual e acústica. Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso.²³

As causas que têm a ver com a degradação humana e social. A deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta. Tanto a

²² Ibid. p.27.

²³ Ibid. p.35.

experiência comum da vida cotidiana quanto a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres. Falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Seus problemas são colocados como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente. Permanece frequentemente no último lugar.

Muitos profissionais, formadores de opinião meios de comunicação e centros de poder estão localizados longe deles, em áreas urbanas isoladas, sem ter contato direto com os seus problemas. Vivem e refletem a partir da comodidade de um desenvolvimento e de uma qualidade de vida que não está ao alcance da maioria da população mundial. Esta falta de contato físico e de encontro, às vezes favorecida pela fragmentação de nossas cidades, ajuda o cauterizar a consciência e a ignorar parte da realidade em análises tendenciosas. Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como clamor dos pobres.

Há uma tendência de não resolver o problema dos pobres no seu cerne, mas apenas combater as consequências. Em vez de pensar num mundo diferente, alguns se limitam a propor uma redução da natalidade. Deve-se reconhecer que o crescimento demográfico é plenamente compatível com um desenvolvimento integral e solidário. Culpar o incremento demográfico em vez do consumismo exacerbado e seletivo de alguns é uma forma de não enfrentar os problemas. A desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar em uma ética das relações internacionais. Com efeito, há uma verdadeira “dívida ecológica”, particularmente entre o Norte e o Sul. O aquecimento causado pelo enorme consumo de alguns países ricos tem repercussões nos lugares mais pobres da terra, especialmente na África, onde o aumento da temperatura, juntamente com a seca, tem efeitos desastrosos no rendimento das plantações.

A dívida externa dos países pobres transformou-se num instrumento de controle, mas não se dá o mesmo com a dívida ecológica. É necessário que os países desenvolvidos contribuam para resolver esta dívida, limitando significativamente o consumo de energia não renovável e fornecendo recursos aos países mais necessitados para promover políticas e programas de desenvolvimento sustentável. A mudança climática tem responsabilidades diversificadas. É oportuno concentrar-se especialmente sobre as necessidades dos pobres,

fracos e vulneráveis, num debate muitas vezes dominado pelos interesses dos mais poderosos. Somos uma única família humana. Não há espaço para a globalização da indiferença.

Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. O problema é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise e há necessidade de construir lideranças que apontem caminhos, procurando dar resposta às necessidades das gerações futuras. Torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas. Preocupa a fraqueza da reação política internacional. A submissão da política à tecnologia e à economia demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente.²⁴

Nesta linha, o Documento de Aparecida pede que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem nem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes da vida. Cresceu a sensibilidade ecológica das populações, mas é ainda insuficiente para mudar os hábitos nocivos de consumo, que não parecem diminuir antes, expandem-se e desenvolvem-se. Tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente. Hoje, qualquer realidade que seja fácil, como o meio ambiente fica indefeso perante os interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta.

Num dos extremos, alguns defendem a todo o custo o mito do progresso, afirmando que os problemas ecológicos resolver-se-ão simplesmente com novas aplicações técnicas, sem considerações éticas nem mudanças de fundo. A Igreja entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões. Basta, porém, olhar a realidade com sinceridade, para ver que há grande deterioração da nossa casa comum. O certo é que o atual sistema mundial é insustentável a partir de vários pontos de vista, porque deixamos de pensar nas finalidades da ação humana. Segundo a *Carta da Terra*²⁵ - Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. A escolha é nossa: ou formamos uma aliança global para cuidar da

²⁴ Ibid. p.44.

²⁵ *A Carta da Terra é uma declaração dos povos sobre a interdependência global e a responsabilidade universal, que estabelece os princípios fundamentais para a construção de um mundo justo, sustentável e pacífico. Ela procura identificar os desafios e escolhas críticas para a humanidade enfrentar o século XXI. Seus princípios estão concebidos para servir como padrão comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos e instituições transnacionais será dirigida e avaliada. A Carta da Terra é produto de um diálogo intercultural a nível mundial, sobre valores compartilhados e objetivos comuns, que ocorreu nos anos 90 e durou toda uma década. Este diálogo, um processo de consultas aberto e participativo como nenhum outro associado à elaboração de um documento internacional.* Disponível em: (<http://www.cartadaterrabrasil.com.br/prt/history2.html>). Acesso em: 06 jul. 2016

Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. Diz Leonardo Boff:

Meio ambiente não é algo que está fora de nós, e que não nos dá respeito diretamente. Pertencemos ao meio ambiente, pois nos alimentamos com produtos da natureza: respiramos ar e bebemos água (que ocupa 70 % de nosso organismo). Correm em nosso corpo e em nosso sangue: ferro, nitrogênio, magnésio, fósforo e outros tantos elementos físico-químicos que formam também todos os seres do universo. Basta ocorrer uma mudança de clima, ou haver excesso de poluentes no ar, ou pesticidas nos alimentos para nos sentirmos afetados em nossa saúde.²⁶

A própria Terra, como um todo, é um superorganismo vivo e se comporta como tal. Ela articula o físico, o químico, o biológico e humano de tal forma que se torna benevolente para a vida. O problema é que a regulação normal da Terra está falhando e está se aproximando do estado crítico, quando toda a sua vida pode correr perigo. Os analistas do estado da terra se dão conta da alteração de seu clima interno, não se trata apenas de cuidar e proteger os ecossistemas, mas de respeitar seu limite. O receio – que está tomando conta de muitos cientistas, economistas e políticos ecologicamente despertos – é que estamos nos aproximando de uma mudança irreversível.

Ocupar-se do meio ambiente é preocupar-se com o futuro da Terra e da vida. Precisamos de outro padrão de produção e consumo. Precisamos criar outro tipo de civilização que trabalhe junto com a terra, que use racionalmente os recursos escassos, que salvasse a capacidade de regeneração dos ecossistemas e que nos faça sentir irmãos e irmãs da grande comunidade terrenal, vivendo de forma respeitosa dentro da única Casa Comum. Desta vez não haverá arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os demais. Ou nos salvamos todos ou nos perderemos todos.

Necessita-se mudar nossos padrões de comportamentos assumindo uma Ecologia política e social que analise as formas como cada sociedade se relaciona com a natureza; como utiliza os recursos naturais; como é seu modo de produção e seus padrões de consumo; sob que formas os cidadãos participam ou não dos benefícios naturais e culturais; como trata seus resíduos, e o que faz para garantir a regeneração dos recursos escassos para assegurar o futuro para si e para as próximas gerações. Leonardo Boff chama a atenção para o modo de vida sustentável que prevalece entre os povos originários:

²⁶ BOFF, Leonardo. *As Quatro Ecologias: ambiental, política e social, mental e integral*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias. 2012. p. 11.

Nos povos originários – os indígenas – entre eles vigora uma profunda comunhão com a natureza e um cuidado com os ecossistemas: disso resulta uma grande harmonia entre ser humano e meio ambiente. Já os povos ditos civilizados quebra-se esta harmonia. Por onde passa o ser humano, há um rastro de irresponsabilidade e falta de cuidado, desmatando, poluindo as águas, contaminando os solos, gerando riqueza para poucos, de um lado, e pobreza para muitos, de outro²⁷.

A humanidade é herdeira de um tipo de sociedade globalizada que já perdura por trezentos anos. Ela se propôs a algo inaudito na história: explorar a terra e todos os recursos do solo, do subsolo, dos rios e dos oceanos de forma ilimitada. Faz isso para aumentar mais e mais a oferta de produtos para o consumo, ou então, para acumular riqueza de forma crescente e no tempo mais curto possível. A própria terra foi transformada numa banca de negócios. De tudo se faz mercadoria e oportunidade de ganho até com realidades de sumo valor, mas que não podem ter preço, como órgãos humanos, água potável, sementes e a caridade se faz comércio e se ganha dinheiro. O conceito chave e mobilizador, em todas as sociedades mundiais, é o crescimento econômico e desenvolvimento social.

Este tipo de sociedade produz dois tipos de injustiça: a injustiça social e a injustiça ecológica. A injustiça social reside nisso: criam-se profundas desigualdades entre as pessoas, as classes e os países. Os 20% da população mundial detêm 80% de toda riqueza da Terra.²⁸ O resultado é que 800 milhões passam fome e 2,5 bilhões vivem abaixo da linha da pobreza. Quer dizer, são pessoas que sobrevivem com, apenas, dois dólares ou com um pouco mais de quatro reais por dia.

A injustiça ambiental significa o maltrato com a natureza, as florestas, os animais, as águas, o ar e os solos. A Terra já ultrapassou em 25 % sua capacidade de regeneração. Não vamos enfrentar uma grande crise – já estamos dentro dela. Esse crescimento é incompatível com a natureza e a Terra. Ela não é sustentável. Sustentável seria aquele crescimento econômico e desenvolvimento social que atendessem às nossas demandas, sem sacrificar o capital natural e que estivesse aberto às demandas das gerações futuras. Elas também têm direito a herdar uma Terra habitável e uma natureza preservada. Mas esse desenvolvimento sustentável é impossível numa sociedade consumista, perdulária e desrespeitadora da Terra, da natureza e da vida.²⁹

²⁷ Ibid. p. 15.

²⁸ Ibid. p. 17.

²⁹ Ibid. p. 19.

Quanto mais uma sociedade se funda em recursos renováveis e recicláveis, mais sustentabilidade ostenta. Uma sociedade só pode ser considerada sustentável se tiver superado níveis agudos de pobreza, ou tiver condições de diminuí-los. Se seus cidadãos puderem trabalhar decentemente: se a seguridade social for garantida aos aposentados, a aqueles que são demasiadamente jovens, ou idosos, ou doentes, e que não podem ingressar no mercado de trabalho. Se a igualdade social e política, também de gênero, for continuamente perseguida. Se a desigualdade econômica for reduzida a níveis aceitáveis. Por fim, uma sociedade é sustentável se seus cidadãos forem socialmente participativos e destarte puderem construir uma democracia socioambiental, aberta a contínuas melhorias, assim nos atesta Leonardo Boof:

As guerras começam na mente humana é na mente humana que devemos erigir os baluartes da paz. Uma das características de nosso tempo é a crescente consciência de que estamos rumando para a destruição da Terra e o desaparecimento da espécie humana. A vida esta lutando contra a morte. Na nossa arrogância não queremos saber das ameaças que pesam sobre o sistema da vida. Na nossa visão reducionista, compartilhada com a ciência moderna, não percebemos o Todo, apenas as partes. Vemos os vários seres, mas sem seu habitat e sem as interdependências que todos eles têm entre si.³⁰

Imagina-se que o ser humano é o centro de tudo, o rei do universo. Pior ainda, supor que as coisas só têm sentido na medida em que se ordenam ao ser humano que pode dispor delas ao seu bel prazer. Não se tem em conta de que nós somente entramos no cenário da evolução da Terra quando 99,98% de tudo já existiam. O ser humano é um elo da corrente da vida junto com outros elos. Importa enfatizar que ele tem algo de específico: é chamado a ser o guardião dos demais seres, cuidador do jardim do Éden. Portanto, tem uma missão ética de preservação e de cuidado. Ao invés de antropocêntricos deve ser “cosmocêntricos” e “biocêntricos”, quer dizer, colocar o cosmos e a vida no centro de tudo.

Confiamos tudo à razão e à técnica como se somente através delas pudéssemos resolver todos os problemas. Ocorre que a tecnociência que criou o antibiótico e nos levou até a Lua, criou também as armas de destruição em massa e a máquina de morte, capaz de exterminar a espécie humana e ferir gravemente a biosfera. A ciência tem que ser feita com consciência e incorporar em sua tarefa a inteligência emocional, ética e a espiritual.³¹

³⁰ Ibid. p. 23-24.

³¹ Ibid. p. 25.

O ser humano no seu individualismo esquece que todos são interdependentes e forma um nó de relações em todas as direções. São essencialmente seres sociais que juntos constroem as condições necessárias para suas vidas. A competição e a concorrência à lei básica da economia de mercado. Só mais forte triunfa. Os fracos ou são absolvidos ou devem desaparecer. Essa lógica cria vítimas em todas as partes e faz com que haja grande riqueza de um lado e imensa pobreza do outro. É uma lógica que vai contra a natureza segundo a qual todos os seres convivem e cooperam para a sobrevivência do todo. O consumismo, nele consumismo por consumir, muito além de suas necessidades e da capacidade de reprodução da Terra. O sistema produtivo foi desenvolvido sem tomar em conta sua compatibilidade com o sistema ecológico e com a população humana. A atual situação doentia da Terra revela a doença de nossa mente.

Importante desenvolver a sensibilidade para com a natureza e todos os seus seres. Deve-se tomar consciência do fato científico de que todos os seres vivos formam a comunidade de vida. Deve-se cuidar da comunidade de vida com compreensão, com compaixão e amor. O cuidado é essencial à vida. Precisa assumir sua responsabilidade universal. Ser responsável é dar-se conta das consequências dos atos praticados. Há atos que podem destruir grande parte do ecossistema.

Devemos dar primazia à cooperação e à solidariedade sobre a competição e a concorrência. A cooperação é a lei suprema do universo e da evolução humana. Quando nossos ancestrais iam buscar o alimento, não o comiam logo que o achavam. Levavam-no para o grupo para, juntos, comerem solidariamente. Foi, portanto, a cooperação que nos permitiu dar o salto da animalidade para a humanidade. Precisamos melhorar nossa mente com o cultivo da espiritualidade. Esta não é monopólio das religiões, mas pertence à dimensão profunda do ser humano. Sempre que ele se pergunta de onde veio, para onde vai e o que pode esperar, sempre que detecta que por detrás de todas as coisas há uma energia misteriosa que une e reúne tudo numa grande harmonia e dá sentido à vida até para além da morte, sempre que vive esta dimensão está alimentando sua espiritualidade. Ela se expressa pelo amor, pelo cuidado, pela compaixão, pela aceitação do outro e pela esperança.³²

Necessita-se desenvolver uma ecologia integral que desperta no ser humano a consciência de sua função e missão dentro desse imenso processo. Ele é um ser capaz de captar todas essas dimensões, alegrar-se com elas, louvar e agradecer àquele Amor que tudo

³² Ibid. p. 28.

move, sentir-se um ser ético, responsável pela parte do Universo que lhe cabe habitar e cuidar – a terra – *Casa Comum*. Os seres humanos são corresponsáveis pelo destino do planeta, da biosfera, do equilíbrio social e planetário que torna possível a continuidade da vida. Essa visão exige uma nova civilização na qual os seres humanos, naturalmente, se sentem partes do Todo e cuidam com zelo dessa pequena porção do Todo, que é a Terra. As religiões são as escolas naturais que deveriam educar o ser humano neste novo olhar. A fé cristã afirma a encarnação do Filho de Deus. Com isso está dizendo que Ele assumiu o ser humano inteiro e de certa maneira todo o Universo, do qual ele é parte.

O Universo é uma intrincadíssima teia de relações, onde tudo tem a ver com tudo, em todos os momentos e em todas as circunstâncias. A partir de uma visão integral compreendemos melhor o ambiente e a forma de tratá-lo com respeito, objeto da ecologia ambiental. A ecologia sociopolítica, responsável pela sustentabilidade da Terra e dos ecossistemas dos quais depende nossa sobrevivência pessoal e coletiva. A ecologia mental que nos ajuda a superar o intervalo antropocentrismo em favor de um “cosmocentrismo” e “biocentrismo”. Por fim a ecologia integral, captamos a importância de integrar a Terra e o ser humano com o Todo, de descobrir as conexões que ligam e religam todos os seres, a matéria e a vida, o espírito e o mundo, Deus e o Universo. Tais vertentes da ecologia deve nos levar a discernir em que medida nos ajuda a assumirmos nossa missão, em vista de sermos produtores de padrões de comportamento que tenham como consequência o cuidado e a preservação do planeta. Esse patrimônio chegou até nós e é nosso dever passá-lo adiante, enriquecido, dentro de um espírito cooperativo com a natureza.

1.5 Algumas mudanças na experiência religiosa: uma reflexão a partir do mundo urbano

A história atesta a necessidade que a cada configuração histórica, se faz necessária uma linguagem religiosa específica para que a mensagem do cristianismo possa ter sua eficácia e atingir as novas gerações. Sua identidade cristã só existe encarnada na história por isso a necessidade de refletir a identidade cristã diante da realidade da cidade e do homem secular. Assim cita Mario França de Miranda:

A Igreja é uma realidade humana e divina. Enquanto divina, deve ela sua identidade ao próprio Deus manifestado e presente na pessoa de Jesus Cristo. Mas enquanto comunidade de homens e mulheres esta mesma identidade só existe se encarnada na história, em épocas,

contextos e situações existenciais bem determinadas. Pois é exatamente nessas sociedades históricas que seus membros vivem, se relacionam, professam, sua fé. Não é de espantar que a linguagem e as estruturas da realidade social evolvente sejam assumidas em parte pela Igreja para que ela possa ser captada, entendida e acolhida pelas sociedades. Caso contrário, sua identidade teológica permaneceria desconhecida, inacessível e opaca para seus contemporâneos. E como tais contextos vitais sofrem transformações, como nos comprova a história da humanidade, também a Igreja, para realizar sua missão salvífica e fazer jus à sua própria identidade de sinal e do Reino, deve assumir, desde que se façam necessárias para sua finalidade, tais transformações em sua configuração institucional.³³

O teólogo norte americano Harvey Cox apresenta o problema da linguagem na cidade secular e indaga: Como falar de Deus de uma forma secular? Segundo o autor a palavra Deus espanta ou confunde o homem secular moderno. O seu mundo mental e a sua maneira de usar a linguagem é tal que a palavra Deus tem se tornado cada vez mais problemática para ele. Isso revela o impasse. As teologias e as linguagens surgem em um contexto sociocultural. Isso faz do problema de se “falar acerca de Deus de uma forma secular”, pelo menos em parte, um problema sociológico.³⁴

Mas falar sobre Deus de uma forma secular não é um problema simplesmente sociológico. Uma vez que vivemos num período em que nossa concepção sobre o mundo está sendo politizada, em que, como veremos em breve, o político está substituindo o metafísico como modo característico de apreensão da realidade, “dar nome” vem a ser hoje, em parte, também uma questão política. Vem a ser uma questão de saber onde, no fluxo e refluxo do conflito humano, podem ser localizadas essas correntes que continuam a atividade libertadora que testemunhamos no Êxodo e na Páscoa. Falar de Deus de uma forma secular é, também, uma questão política. Assim Harvey Cox atesta:

Exige que assumamos alguns riscos e façamos algumas escolhas, que tomemos posição. Como tal, precisa que indiquemos onde é que a mesma realidade que os hebreus chamavam de Javé, que os discípulos viram em Jesus, está se manifestando. A razão por que o falar de Deus na cidade secular é, em parte, um problema sociológico, é o fato de todas as palavras, inclusive a palavra Deus, têm origem em um contexto sociocultural particular. Linguagem alguma jamais caiu do céu. Quando as palavras mudam suas significações, e se tornam problemáticas, há sempre alguma deslocação social ou algum colapso cultural por trás de toda a confusão. De tais equívocos há pelo menos dois tipos. Um é causado pela mudança

³³ MIRANDA, Mario de França. *Aparecida: a hora da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 72.

³⁴ COX, Harvey. *A Cidade Secular*. São Paulo: Academia Cristã. 2015.

histórica e o outro pela diferenciação social. O equívoco causado pela mudança histórica significa que a mesma palavra contém conotações em diferentes períodos históricos de uma determinada linguagem. A mudança social altera a significação das palavras.³⁵

Os historiadores da linguagem indicam que a palavra Deus tem uma origem pré-cristã, procedendo do grupo linguístico germânico. Durante os séculos da era Cristã, foi usada para traduzir certo número de termos diferentes, incluindo o *théos* da filosofia grega, o deus da metafísica ocidental e o *Yahueh* da Bíblia Hebraica. Este uso da palavra Deus (e dos termos predecessores do inglês antigo e medieval) foi possível porque as várias correntes culturais que os outros termos representavam estavam mais ou menos unificadas numa sociedade onde nenhuma mudança histórica decisiva interrompia a continuidade cultural. De fato, a palavra Deus e os seus equivalentes da linguagem moderna serviram como a chave linguística e conceitual pela qual essas três tradições eram prensadas numa síntese cultural chamada “cristandade”. Mas isso hoje esta mudando Cox:

Mas este é exatamente o problema. Embora raramente notada pelos teólogos, esta síntese sociocultural está, agora, se desfazendo. A cristandade está desaparecendo. Descobrimos que os vários usos da palavra Deus, outrora convenientemente fundidos, estão, agora, se desgrudando. Os teólogos gostam de dizer que a palavra está “vazia”. Contudo, o seu vazio é simplesmente sintomático de uma desordem muito mais básica, que é a sua equivocação. A base social do equívoco fatal da palavra Deus e dos seus equivalentes é o desaparecimento da cristandade e o aparecimento de uma civilização secular altamente diferenciada.³⁶

Harvey Cox faz uma reflexão sobre o equívoco desconcertante do termo. Mostra que o empregamos, algumas vezes, para nos referirmos a uma categoria de ser, como quando falamos dos “gregos e os seus deuses”. Em segundo lugar, a empregamos para designar o ser supremo da metafísica. Em terceiro lugar, usamo-lo para dar nome. Àquela que se revela através do testemunho bíblico. Embora as acepções sejam sempre misturadas, as duas primeiras correspondem, em parte, às duas épocas que chamamos de tribal e de cidade pequena. O homem tribal tem experiência de Deus como sendo um dos “deuses”. O antigo Testamento, incorporando os elementos dessa mentalidade tribal, de forma alguma é “monoteísta”. Semelhantemente, na época da vida da cidade pequena, da grande transição da

³⁵ Ibid. p. 269.

³⁶ Ibid. p. 270.

mágica, através da metafísica, até a ciência, o homem percebia a Deus como parte de uma estrutura unificada que incluía tanto a Deus quanto o homem. O homem urbano-secular, para quem as acepções tribais e de cidade pequena têm pouco sentido, ficou apenas com a terceira acepção. Daí, para o homem secular-urbano possa encontrá-lo, o Deus da Bíblia deve ser distinguido cuidadosamente das avenidas culturais de percepção pelas quais o homem pré-secular o encontrava. Neste contexto Cox nos alerta que os teólogos e pregadores sociologicamente falando simbolizam as vítimas tanto da mudança histórica quanto da diferenciação social.

Em sua maioria as pessoas os percebem como antiguidades, podendo até apreciá-los. Especialmente quando se engalanam e desfilam pomposamente com a sua rica indumentária eclesiástica, os clérigos dão às pessoas uma agradável sensação de continuidade histórica, à semelhança dos velhos soldados que envergam uniformes de alguma guerra esquecida. O nosso clero é percebido como guardião das tradições de um grupo introvertido, ao qual é feita uma deferência numa cultura que é ensinada a ser meticulosamente tolerante com as crenças dos outros, por mais estranhas que sejam. Mas essa dupla função de personificadores do passado e de preservadores do ethos subcultural, função que os clérigos exercem com muito prazer, é um tiro que lhes sai pela culatra quando falam de Deus. É ouvida, muitas vezes com deferência, e comumente com cortesia, como uma palavra referente à chaveta da era da cristandade (coisa passada), ou como o totem de uma das subculturas tribais (coisa irrelevante). A única maneira pela qual os clérigos poderão modificar o modo como é percebida a palavra que empregam é a da recusa de desempenharem o papel de antiquários e de feiticeiros que a sociedade lhes atribui. Esta recusa será difícil, contudo, porque são pagos exatamente para tal desempenho.³⁷

Como grupo todas essas pessoas retêm parte do resíduo cultural da cristandade. E embora prestem serviços indispensáveis ao mundo moderno, muitos deles preservam, não obstante, um “estilo” que é claramente uma herança de uma época histórica anterior. Apreciam costumes, rituais e maneirismos obviamente derivados daquele período da história ocidental em que o discurso metafísico tinha certo sentido. Mas esta subcultura da academia humanística ocupa uma posição de importância relativamente reduzida tanto no mundo universitário quanto em toda a sociedade. A tarefa de aprender a falar de Deus sem um sistema metafísico lhes parece relativamente sem importância. Nesse contexto assume vital

³⁷ Ibid. p. 272.

importância um resgate do Concílio Vaticano II muitas vezes deixado de lado nos meios eclesiais:

O Concílio Vaticano II significou uma mudança decisiva para esta configuração Eclesiológica. Pois aceitou dialogar com a sociedade civil, avaliar a cultura da Modernidade, assumir alguns de seus elementos, atualizar (*aggiornamento*) sua pastoral pelo conhecimento do contexto real onde vivem os católicos, reconhecer a importância das Igrejas locais e a necessária inculturação da fé.³⁸

O documento de Aparecida chama a atenção para a necessidade de uma conversão pastoral e constata que não podemos negar que o passado, sobretudo na época da cristandade, pesa fortemente na Igreja atual.

Ainda hoje seus novos membros são mais por nascimento num contexto católico do que por uma opção pessoal, uma conversão à fé. A cristandade não significou sem mais que as populações de então tenham sido efetivamente evangelizadas. Na mesma linha se desenvolve uma “pastoral de conservação” do rebanho, que não consegue emergir a atividade missionária como tarefa própria de cada cristão. Além disso, o peso da instituição que busca principalmente a estabilidade acaba por padronizar condutas, práticas e expressões doutrinárias, valorizando-as de tal modo que fomenta uma religião formalista e rotineira.³⁹

Vivemos num novo contexto cultural. O mundo da cidade onde se apresentam novos desafios novos rostos. Não podemos permanecer isolados e ignorar a complexidade da cultura urbana. Assim aponta a reflexão do documento de Aparecida:

A cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, pois amálgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades. A cultura suburbana é fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades nos cinturões de miséria. Nessas culturas os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos (DAp. 58).

Embora a Cidade traga novos desafios, exige uma nova linguagem, e muita criatividade. Quem chega a idade adulta precisa de mais do que uma síntese doutrinária. Traz toda uma vida, cheia de experiências, perplexidade, alegrias e decepções. E aí não basta

³⁸ BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 78.

³⁹ Ibid. p. 78.

estudar o cristianismo. O adulto cheio de perguntas quer descobrir o sentido na vida, nos seus relacionamentos. Vai ser necessário um verdadeiro mergulho no mistério, com uma experiência cada vez mais profunda das diversas dimensões da vida cristã. Hoje muitos se sentem mais a vontade para declarar que não têm religião ou que a consideram insuficiente a sua suposta pertença eclesial. Para sentir-se parte de uma tradição, um povo, uma comunidade religiosa a pessoa precisa estar imersa no sentido da vida que caracteriza essa pertença. Nem sempre o processo de iniciação é identificado como tal, mas ele acontece sempre que alguém se compromete com um novo projeto de vida. O que se verifica diante de tudo isso, mais uma vez, é que os métodos, a organização não atende a urgência dos novos desafios.

A Igreja permanece indiferente aos problemas da cidade como se esses problemas não fossem da sua incumbência. Ela muitas vezes nada tem a dizer no meio da imensa confusão da cidade a não ser oferecer os seus recintos sagrados como refúgios. A vida paroquial não é feita para assumir os problemas de trabalho, de moradia, de convivência, de desorganização social da cidade. Menos ainda para assumir os problemas de classes ou os problemas dos grandes setores culturais (ciência, indústria, comércio, arte, informação...). A sua liturgia é uma derivação da liturgia monástica, sem conexão com o modo de ser, pensar e viver dos habitantes da cidade, sobre o que afirma José Comblin:

Globalmente podemos dizer que a instituição eclesiástica ignora a cidade. A divisão administrativa em dioceses e paróquias corresponde a situações do mundo rural antigo. Isso faz com que a instituição se concentre sobre si mesma e sobre seus próprios problemas internos. A cidade é para ela um mundo desconhecido, distante. A paróquia procura proteger-se contra o contágio da cidade e não pensa em orientá-la. Por outro lado, ela não dispõe de estruturas para elaborar respostas aos desafios. Na sua maioria, os padres são dedicados às paróquias e vivem no meio dos problemas da paróquia, procurando criar “paróquias vivas”, embora essas paróquias vivas não tenham relações com a sociedade urbana.⁴⁰

Como a realidade é complexa e exige de nós romper paradigmas, nos libertar de certas estruturas que não ajudam. É necessário viver a cidade dialogar com a cidade. Unir forças com a cidade, estar presentes nos dramas humanos do homem da mulher da cidade assim indica José Comblin:

⁴⁰ COMBLIN. José. *Os desafios da cidade no século XXI*. Paulus. São Paulo. 2002. p. 7.

O desafio é assumir a realidade humana com toda a sua complexidade. Em primeiro lugar o modo de sentir e de pensar dos cidadãos de hoje. Está claro que o catecismo não lhes satisfaz. Em segundo lugar, os lugares e os tempos de vida comunitária têm de ser adaptados à condição do membro da cidade. Em terceiro lugar, a Igreja deve estar presente em todos os dramas humanos do homem e da mulher da cidade e tornar-se ativa na vida política no sentido antigo da palavra, ou seja, na vida da cidade “polis” como organização política.⁴¹

Pode-se questionar qual a qualidade de nossa presença junto ao povo, como exigência da própria missão de evangelizar. Podemos nos perguntar se, diante das mudanças socioculturais, as estruturas pastorais e o atendimento da Igreja Católica conseguiram alcançar adequadamente, por exemplo, as populações nas periferias metropolitanas, etc. Uma experiência que surgiu na Igreja latino-americana e do Caribe impulsionada pelas conferenciais episcopais foi a experiência da CEBS que significa comunidades eclesiais de base e significou um movimento importante dentro da perspectiva do diálogo da igreja com a cidade. Assim afirma José Comblin:

Na Igreja católica, houve a experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O projeto respondia às aspirações dos cristãos do mundo moderno, sobretudo os de mentalidade urbana. Deviam ser pequenos grupos com finalidade determinada e intensa vida comunitária. Com apoio locais, as CEBs sobrevivem, mas com dois defeitos: primeiro, assumem todas as tarefas sacramentais e consomem a maior parte das suas energias na preparação e na celebração de sacramentos – o que é tarefa paroquial, influência predominante do modelo rural, já que muitas comunidades foram rurais. Com isso fica pouco tempo para a participação na vida da cidade e para a evangelização. As comunidades seguem o ritmo das paróquias, que são guetos urbanos. Não há dúvida de que as CEBs têm a fórmula adaptada à cidade, quando viabilizadas de modo autêntico. Também não há dúvida de que são incompatíveis com o clericalismo e, por isso, suscitam tanta oposição.⁴²

O pontificado do Papa Francisco nos traz esperanças para uma Igreja que dialoga com essa nova cultura da cidade. Assim cita o Papa Francisco:

Enquanto o mundo, especialmente em alguns países, reacende várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de reconhecer o outro, de estreitar laços e de nos ajudarmos. Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de

⁴¹ Ibid. p. 9.

⁴² Ibid. p. 23.

nobres objetivos. Deste modo, manifesta-se uma sede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural.⁴³

As cidades se apresentam como os novos areópagos e Deus se manifesta em todos os seus espaços:

A nova Jerusalém, a cidade santa, é a meta para onde peregrina toda a humanidade. É interessante que a revelação nos diga que a plenitude da humanidade e da história se realiza em uma cidade. Precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para sua vida.⁴⁴

O documento apresenta as novas linguagens e novas simbologias, que exigem imaginar novos espaços mais atraentes e significativos para as populações urbanas:

Na cidade, o elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, o território e das relações que difere do estilo das populações rurais. Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas em que o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o evangelho de Jesus. Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadas, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Os ambientes rurais, em razão da influência das *mass-media*, não estão imunes dessas transformações culturais, que também operam mudanças significativas nas suas formas de vida.⁴⁵

É preciso uma evangelização que vá além de métodos, é preciso romper com a estrutura de paróquia, e partir para o diálogo, para o encontro do homem urbano e em seus mais variados rostos.

Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. Não se deve esquecer que a cidade é um âmbito multicultural. Nas grandes cidades, pode-se observar uma trama em que grupos

⁴³ FRANCISCO. Exortação. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas. 2013. p. 48.

⁴⁴ Ibid. p.50.

⁴⁵ Ibid. p.51

de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, constituindo-se em novos setores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis.⁴⁶

A cidade é hoje onde a história se faz com suas possibilidades de realizações, e também suas contradições:

A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo em que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Essa contradição provoca sofrimentos alucinantes. Em muitas partes do mundo as cidades são cenários de protestos em massa, onde milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e várias reivindicações que, se não forem adequadamente interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas.⁴⁷

Ali na cidade encontram as realidades de morte que não se pode ignorar e que muitas vezes não consegui chegar até eles com os métodos tradicionais:

Não podemos ignorar que, nas cidades, facilmente se desenvolve o tráfico de drogas e de pessoas, o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e doentes, várias formas de corrupção e crime. O sentido unitário e completo da vida humana proposto pelo evangelho é o melhor remédio para os males urbanos, embora devamos reparar que um programa e um estilo uniformes e rígidos de evangelização não são adequados para esta realidade.⁴⁸

Em meio às dificuldades o papa reconhece o esforço de muitos cristãos na promoção dos valores cristãos diante dos desafios da cidade que também servem de esperança e luzes para os novos caminhos da evangelização na cidade:

Os desafios que todos eles enfrentam no meio da cultura globalizada atual. Inúmeros cristãos que dão a vida por amor: ajudam tantas pessoas seja a curar-se seja a morrer em paz em hospitais precários, a acompanharem aqueles que caíram escravos de diversos vícios nos lugares mais pobres da Terra prodigalizam-se na educação de crianças e jovens, cuidam de idosos abandonados por todos, procuram comunicar valores em ambientes hostis e dedicam-se de muitas outras maneiras que mostram o imenso amor à humanidade

⁴⁶ Ibid. p.51

⁴⁷ Ibid. p.52

⁴⁸ Ibid. p.52

inspirado por Deus feito homem. Agradeço ao belo exemplo que me dão tantos cristãos que oferecem sua vida e seu tempo com alegria.⁴⁹

Diante dos novos contextos culturais e das novas expressões do religioso se encontra na urgência de novas estruturas pastorais. Isto exigirá imaginação e criatividade para chegar as multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo.

A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo. Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural (DAp. 173).

Ao concluir este primeiro capítulo, percebemos que os povos da América Latina hoje vivem uma realidade marcada por grandes mudanças. As grandes cidades são laboratórios dessa cultura contemporânea complexa e plural. Essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social. Como cristãos inseridos no coração do mundo, Aparecida convida a localizar rostos concretos, de antigas e novas pobreza. É missão dos cristãos no século XXI serem protagonistas desse outro mundo não só possível, mas necessário. A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo. As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Ocupar-se do meio ambiente é preocupar-se com o futuro da Terra e da vida. Precisa-se criar outro tipo de civilização que trabalhe junto com a terra, que use racionalmente os recursos escassos, que salvguarde a capacidade de regeneração dos ecossistemas.

A identidade cristã só existe encarnada na história por isso a necessidade de refletir a identidade cristã diante da realidade da cidade. Há a necessidade de uma conversão pastoral e constata que não se pode negar que o passado, sobretudo na época da cristandade, pesa fortemente na Igreja atual. Uma conversão pastoral deve estimular e inspirar atitudes e iniciativas de autoavaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações. Há a necessidade urgente de viver na

⁴⁹ Ibid. p.53.

Igreja a paixão que norteia a vida de Jesus Cristo: o Reino de Deus, fonte de graça, justiça, paz e amor. Por esse Reino, o Senhor deu a vida.

CAPÍTULO II

A MISSÃO NA CIDADE

Este capítulo tem por objetivo refletir sobre os fundamentos da missão. Partimos dos aspectos bíblicos e documentos eclesiais, especialmente o Concílio Vaticano II e seus desdobramentos mais relevantes com relação à teologia da missão. Também buscamos fazer uma reflexão a partir das conferências episcopais da América Latina como um resgate do entusiasmo da missão em vista de uma Igreja em diálogo com o mundo. Neste conjunto o Documento de Aparecida tem destaque especial já que na conferência episcopal realizada em 2007 o fenômeno da missão tornou objeto de importantes considerações. Buscar-se-á fazer uma análise do documento a partir daquilo que traz de novidade para enfrentar os desafios dos tempos atuais. O último item a ser tratado é a pastoral urbana que constitui hoje uma nova proposta para a evangelização. Pensar a pastoral urbana significa compreender uma pastoral de conjunto que engloba todas as dimensões nas quais o homem urbano está inserido. Isso exige uma pastoral contextualizada com a vida da cidade.

2.1 A missão da Igreja

A missão tem sua origem na iniciativa do amor de Deus, Uno e Trino. Portanto, a missão tem a sua origem na Santíssima Trindade e é anterior à Igreja. Portanto a missão nasce do coração de Deus que envia seu filho ao mundo para a salvação da humanidade. A missão significa uma presença ativa e permanente do Filho e do Espírito no meio deste mundo, para realizar nele uma operação que é uma transformação. O Filho e o Espírito vieram para agir, ou seja, para realizar, como diz Jesus, a obra do Pai. Desde o Concílio Vaticano II, o povo de Deus começou a tomar consciência de que a Igreja toda é missionária e que ela não tem outra razão de ser que não seja a missão, isto é, o envio a todos os povos.

A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser “sacramento universal de salvação, por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. Já os próprios apóstolos em que a Igreja se alicerça, seguindo o exemplo de Cristo, “pregaram a palavra da verdade e geraram as Igrejas”. Aos seus sucessores compete perpetuar esta obra, para que “a palavra de Deus se propague rapidamente e seja glorificada” (2Ts 3,1), e o reino de Deus seja pregado e estabelecido em toda a terra (AG. 1).

A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes. Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2 Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6,20; 9,58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforje, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (cf. Lc 10,4ss). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho. Assim também atesta o documento de Aparecida:

A grande novidade que a Igreja anuncia ao mundo é Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a Palavra e a Vida, veio ao mundo para nos fazer “participantes da natureza divina” (2 Pd 1,4). Para que participemos de sua própria vida. É a vida trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a vida eterna. Sua missão é manifestar o imenso amor do Pai, o qual quer que sejamos seus filhos (DAp. 348).

A missão pela qual Jesus foi enviado pelo Pai é transmitida aos seus discípulos. Jesus é enviado do Pai e envia os discípulos. O que se comunica não é somente o fato de ser enviado, mas todo o conteúdo do envio, a obra do Pai que é preciso realizar. O conjunto do Novo Testamento mostra que Jesus delega toda a sua missão aos discípulos. Essa missão não é algo além das outras prescrições. Não é um novo mandamento ao lado de outros, não é outra obra como se houvesse outra ao lado. A missão é tudo, toda a vida dos discípulos, já que Jesus exige deles a totalidade da sua vida, no tempo, no espaço, na intensidade.

Segundo Donald Senior e Carrol Stuhlmueller, a Bíblia estabelece os fundamentos para a missão, mesmo nos momentos que a preocupação de Israel se torna excessiva com relação a sua própria identidade e as instituições sagradas da monarquia do Templo se corrompem, o desafio dos profetas trouxe atenção renovada às orlas da vida de Israel: os pobres, os oprimidos, os indefesos. Segundo eles a intuição fundamental da Bíblia é que Deus é salvador antes de ser criador. Deus não começou pela criação de um mundo perfeito. A vida, na perspectiva bíblica, começa pelo resgate; a plenitude da salvação acena ao futuro. Por isso a experiência salvífica de Israel pode ser imaginada como processo de “humanização”, Deus é salvador antes ser criador.

Desse modo, um exame minucioso da história judaica no antigo Testamento revela uma dialética entre forças centrípetas e centrífugas, entre fuga do secular e absorção do secular, entre preocupação pela autoidentidade e interação responsável com o próprio ambiente, entre condição eleita como o povo escolhido de Deus e consciência humilde da solidariedade própria com toda a família humana.⁵⁰

Nessa perspectiva a cidade se apresenta hoje como um novo universo cultural onde os cristãos são chamados a identificar os novos rostos dos indefesos. Aos sermos solidários com toda família humana vivermos o fundamento da missão que é contribuir para um processo de humanização.

No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto doente e glorioso, com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus (AG. 32).

É na cidade que estão os grandes conglomerados humanos, é na cidade que somos chamados a anunciar o Cristo, pois é lá que Ele se apresenta nos seus mais variados rostos.

Jesus nos diz: “Eu sou o caminho a verdade e a vida” (Jo 14,6). Ele é o verdadeiro caminho para o Pai, o qual tanto amou ao mundo que lhe deu o seu Filho único, para que todo aquele que nele crer tenha a vida eterna (cf. Jo 3,16). Esta é a vida eterna: “que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo teu enviado” (Jo 17,3). A fé em Jesus como o Filho do Pai é a porta de entrada para Vida. Como discípulos de Jesus, confessamos nossa fé com as palavras de Pedro: “Tuas palavras dão Vida eterna” (Jo 6,68). “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16) (DAp. 101).

Jesus continua sendo nos dias de hoje para o cristão o caminho a verdade e a vida. É nele que temos a inspiração para enfrentar os novos desafios. Ele é o rosto de Deus presente no nosso meio.

Jesus é o Filho de Deus, a Palavra feita carne (cf. Jo 1,14), verdadeiro Deus e verdadeiro homem, prova do amor de Deus aos homens. Sua vida é uma entrega radical de si mesmo a favor de todas as pessoas, consumada definitivamente em sua morte e ressurreição. Por ser

⁵⁰ SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carrol. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 431.

o Cordeiro de Deus, ele é o salvador. Sua paixão, morte e ressurreição. Por ser o Cordeiro de Deus, ele é o Salvador. Sua paixão, morte e ressurreição possibilitam a superação do pecado e a vida nova para toda a humanidade. Nele, o Pai se faz presente, porque quem conhece o Filho conhece o Pai (cf. Jo 14,7) (DAp. 102).

Ser discípulos é seguir a voz do pastor, é se deixar guiar pela palavra do mestre. Por isso é necessário ter em vista o essencial não nos desviar pelo caminho a Palavra deve ser guia para nossa vida. A seta que nos direciona como Igreja fiel a Jesus Cristo.

Como discípulos de Jesus reconhecemos que Ele é o primeiro e maior evangelizador enviado por Deus (cf. Lc 4,44) e ao mesmo tempo o Evangelho de Deus (cf. Rm 1,3). Cremos e anunciamos “a boa nova de Jesus, Messias, Filho de Deus “ (Mc 1,1). Como filhos obedientes à voz do Pai, queremos escutar a Jesus (cf. Lc 9,35) porque Ele é o único Mestre (cf. Mt 23,8). Como seus discípulos, sabemos que suas palavras são Espírito e Vida (cf. Jo 6,63.68). Com a alegria da fé, somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, Nele, a boa nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação (DAp. 103).

Se a cidade nos desfigura como seres humanos a Palavra nos faz humanos. Aparecida nos leva a nos posicionar frente realidades de morte presente na cidade tendo como fundamento o mistério de Cristo.

Diante de uma vida sem sentido, Jesus nos revela a vida íntima de Deus em seu mistério mais elevado, a comunhão trinitária. É tal o amor de Deus, que faz do homem, peregrino neste mundo, sua morada: “Vivemos a ele e viveremos nele” (Jo 14,23). Diante do desespero de um mundo sem Deus, que vê a morte o final definitivo da existência, Jesus nos oferece a ressurreição e a vida eterna na qual Deus será tudo em todos (cf. 1 Cor 15,28). Diante da idolatria dos bens terrenos, Jesus apresenta a vida em Deus como valor supremo: “De que vale alguém ganhar o mundo e perder a própria vida?” (Mc 8,36). Diante do subjetivismo hedonista, Jesus propõe entregar a vida para ganha-la, porque “quem aprecia sua vida terrena, a perderá” (Jo 12,25). É próprio do discípulo de Jesus gastar a vida como sal da terra e luz do mundo. Diante do individualismo, Jesus convoca a viver e caminhar juntos. A vida cristã só se aprofunda e se desenvolve na comunhão fraterna. Jesus nos diz: “Um é seu Mestre, e todos vocês são irmãos” (Mt 23,8). Diante da despersonalização, Jesus ajuda a construir identidades integradas. Diante da exclusão, Jesus defende os direitos dos fracos e a vida de todo ser humano. Do seu Mestre, o discípulo tem aprendido a lutar contra toda forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa humana. Só o Senhor é autor e dono da vida. O ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde a sua concepção

até a sua morte natural, em todas as circunstâncias e condições de sua vida. Diante das estruturas de morte, Jesus faz presente a vida plena. “Eu vim para dar vida aos homens e para que a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Por isso, cura os enfermos, expulsa os demônios e compromete os discípulos na promoção da dignidade humana e de relacionamentos sociais fundados na justiça. Diante da natureza ameaçada, Jesus, que conhecia o cuidado do Pai pelas criaturas que Ele alimenta e embeleza (cf. Lc 12,28), convoca-nos a cuidar da terra para que ela ofereça abrigo e sustento a todos os homens (cf. Gn 1,29;2,15). (DAp. 109 – 113).

2.2 Relevância do Concílio Vaticano II para a Teologia da missão

O Concílio Vaticano II, concluído há cinquenta anos, mudou a Igreja católica em muitos aspectos e, em certa medida, o próprio cristianismo. De isolada do mundo, a Igreja assume-se o diálogo como sinal de salvação. Reconhece a verdade presente nas ciências e passa a dialogar com elas, então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade.

O Concílio Vaticano II não foi somente um evento do passado, mas constitui, de fato, o hoje da Igreja católica, a fonte de onde a Igreja retira o sentido fundamental para sua caminhada histórica e para o diálogo com a realidade atual. A própria figura do Papa remete para a eclesiologia do Vaticano II, tanto em suas atitudes como em suas palavras. Está viva a Igreja povo de Deus, a Igreja dos pobres, a Igreja servidora, misericordiosa e dialogal.

O Concílio Vaticano II representou uma marca na teologia da missão, como a entendemos hoje. O Concílio deu ênfase particular à *natureza missionária* da Igreja. Em meio às discussões do Vaticano II, a missiologia se deu conta de que o monopólio salvífico da Igreja Católica produziu certa distância entre o mundo moderno, ao mesmo tempo secular, multicultural e plurirreligioso. Assim aponta João Décio Passos e Wagner L. Sanchez no Dicionário do Concílio Vaticano II:

O Concílio Vaticano II representa um “entreposto” na construção de um novo conceito de uma missão, que se definiria plenamente libertadora e purificada dos desvios impostos geralmente pelas parcerias com impérios políticos e sistemas colonizadores.⁵¹

⁵¹ PASSOS, João Décio; SANCHEZ Wagner L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus. 2015. p. 627.

A missão nasce do coração da Trindade. “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (DAP. 347). Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a trindade comunica aos pobres.

Diante do novo cenário mundial dos novos desafios, a Igreja retoma a partir de Aparecida sua essência missionária, se colocando num estado permanente de missão: “Hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe querem colocar-se em estado de missão” (DAP. 213). O Concílio Vaticano II constitui o eixo e a gênese da teologia latino-americana e caribenha e só a partir desse grande evento que foi possível realizar esta reflexão teológica.

Assim desloca-se a ideia de povo para a de comunhão, entendida quase sempre com e a partir da hierarquia. Continua, portanto o desafio para teologia de retomar a eclesiologia do Povo de Deus. Enfatiza-se a centralidade no Batismo, pelo qual todo cristão participa do tríplice múnus de Cristo – sacerdote, profeta e rei -, e não no sacramento da Ordem. A nova concepção de Povo de Deus alimenta liberdade e criatividade na relação entre as Igrejas particulares e a Igreja de Roma, superando o centralismo romano e a dependência dos bispos em relação ao Papa.

A modernidade trouxe contribuição significativa para a mudança da consciência das pessoas, ao valorizar a liberdade, a capacidade de iniciativa, a autonomia, a participação e a colaboração na sociedade. Algumas pessoas ao pertencerem à Igreja se sentem frustradas ou com a sua liberdade cerceada. Torna-se tarefa premente responder às demandas dos fiéis de maior participação na vida da Igreja. Põem-se em cheque o clericalismo, a mentalidade canônica e o triunfalismo institucional. O protagonismo do leigo inclui uma gama de mudanças de mentalidade e prática no interior da Igreja na linha do diálogo, da partilha, da consciência da unidade básica de todos os cristãos.

A Palavra de Deus provoca a Igreja Povo de Deus a ocupar-se menos consigo e voltar-se para o mundo, para as realidades terrestres em espírito de solidariedade, de serviço aos pobres, inserida na luta pela justiça nas pegadas do Jesus da história. Preza antes o carisma animador que o peso institucional paralisador. Assume o pluralismo de opções em contraposição à insistência na unidade uniforme. Assim afirma João Batista Libânio:

A missão lembra e celebra a memória da morte e ressurreição de Jesus Cristo e de seu projeto, o Reino de Deus anunciado aos pobres (Lc 4, 18.43). Projeto e horizonte do Reino dão sentido ao caminhar histórico dos cristãos. Os peregrinos da América Latina

contemplam nos crucificados da história o Filho de Deus crucificado e ressuscitado. Seguir a Jesus significa reconhecer as “feições sofredoras de Cristo” (DP 31). Nos que sofrem, restaurar o “rosto desfigurado do mundo” (DSD 13) na prática da justiça e da generosidade (cf. DAp 31).⁵²

O exclusivismo salvífico da Igreja Católica era um grande impedimento para a missão. A afirmação da hegemonia salvífica da Igreja Católica valeu praticamente até o início do Concílio. A proximidade do pastor significa proteção às “ovelhas”, opção pelos outros; não suspensão de sua liberdade. A tarefa fundamental da missão é o favorecimento de um processo que torne as pessoas adultas sem as abandonar à liberdade do mercado e sem suspender a solidariedade, numa sociedade marcada por desigualdade estrutural e negação de solidariedade. A proposta de *aggiornamento* macrocultural, crítico à modernidade, o Concílio o traduziu na microestrutura como inculturação nos diferentes mundos vivenciais e como construção de uma Igreja voltada ao povo. Assim Libânio enfatiza a duas tarefas fundamentais do Vaticano II: “Ir ao encontro” e “ser atraente” – eis as duas tarefas eclesiológicas e pastorais do Vaticano II. A missiologia, que até o início do Vaticano II era um anexo optativo ao campo da pastoral, tornou-se teologia fundamental e núcleo central da teologia do Vaticano II.⁵³

Algumas inspirações do Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino-americanas que, em seu conjunto, representam o fio condutor para uma nova missiologia: A centralidade de Uno e Trino é o ponto de partida da reflexão teológica. Devemos pedir a Deus não isso ou aquilo, mas o dom que ele mesmo é. Pedir a Deus significa pedir ouvidos abertos, mãos estendidas, uma vida que se doa, e voz profética que não cala. O Povo de Deus tem uma missão pública, histórica e profética, a serviço dos pobres. A missão histórica é, ao mesmo tempo, uma missão escatológica. A Igreja é, antes de qualquer estruturação hierárquica, povo de Deus. Como tal, todos os fiéis participam do sacerdócio comum (cf. LG 10) e da infalibilidade “no ato da fé”. Existe uma responsabilidade colegiada entre todos os batizados que têm um papel ativo na articulação, no deslocamento concreto e na propaganda da fé (cf. LG 17). O Povo de Deus tem por “condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus”, por “lei” o mandamento novo e por “meta” o Reino de Deus (LG 9b). O Povo de Deus se constitui a partir dos pequenos que, na lógica do Reino, são caminhos da Verdade e porta para

⁵² LIBÂNIO, J.B. Questões pendentes do Concílio Vaticano II. In: Agenor Brighenti e Francisco Merlos Arroyo, (orgs). *O Concílio Vaticano II batalha perdida ou esperança renovada?*. São Paulo: Paulinas. 2015. p. 189

⁵³ Ibid. p. 192

a Vida. A Igreja Povo de Deus celebra a sua fé (SC). Sua liturgia é missionária porque mostra o fim último da missão: Que Deus seja louvado em tudo e em todos!

Deus está no mundo e envia ao mundo. O Concílio traduziu essa presença de Deus através da palavra *aggiornamento* como duas tarefas: fazer-se presente e ir ao encontro. O fazer-se presente no mundo contemporâneo é tarefa eminentemente pastoral e eclesial, portanto, missionária. Por sua íntima ligação com a cruz e a Eucaristia, o Povo de Deus é despojado no seu caminhar e convidativo no seu anúncio. Libânio cita algumas palavras usadas no documento do Vaticano II e nas conferências episcopais Latino-Americanas que apontam para o projeto missiológico e pastoral do Vaticano II:

O Concílio nomeou essa busca de proximidade com algumas palavras balbuciantes como “*aggiornamento*” e “*adaptação*” (SC 37s; GS 514), “*autonomia da realidade terrestre*” (GS 36; 56) e da cultura, “*sinais dos tempos*” (Gs 4, 11), e diálogo (CD 13; UR 4), “*encarnação*” e “*solidariedade*” (GS 32). Mais tarde, sobretudo na América Latina, essas palavras foram traduzidas como “*opção pelos pobres*” e “*libertação*” (Medellén, 1968), “*participação*”, “*assunção*” e “*comunidades de base*” (Puebla, 1979), “*inserção e inculturação*” (Santo Domingo, 1992), “*missão*”, “*testemunho*” e “*serviço*” de uma Igreja samaritana e advogada da justiça dos pobres (Aparecida, 2007). Nenhuma dessas palavras descreve a totalidade do projeto missiológico e pastoral do Vaticano II.⁵⁴

Assim podemos identificar algumas inspirações do Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino-americanas que, em seu conjunto, representam o fio condutor para uma nova missiologia.

Cinco passos ou imperativos que se aproximam a rupturas em comparação com doutrinas ou comportamentos anteriores: do eclesiocentrismo à centralidade do Reino; do território missionário à natureza missionária da Igreja Povo de Deus, que vive em “estado de missão” (DAp 213, cf. AG 2); da missão ad gentes a missão inter gentes; da supervisão administrativa ou alienação cultural à enculturação; do monopólio salvífico à partilha da graça da salvação, pois, se os missionários e as missionárias até a primeira metade o século XX eram obrigados, em nome da Igreja, a negar a possibilidade de salvação para aos não cristãos, o Vaticano II rompeu com a reivindicação desse monopólio.

Alguns pressupostos pós-conciliares para a missão são: a origem da missão da Igreja Povo de Deus que nasceu do amor de Deus que no envio trinitário transborda para toda a

⁵⁴ Ibid. p. 193

humanidade; o Povo de Deus que vive o envio trinitário no seguimento de Jesus, anunciando o Reino e convocando a humanidade para o encontro definitivo com Deus; e a missão vem de Deus e volta para Deus.

Os protagonistas de seu projeto que é o Reino são, sobretudo, as vítimas, os pobres, aflitos, cativos, peregrinos, estranhos, maltrapilhos, enfermos. Mas estes não são apenas protagonistas ou destinatários do projeto missionário, são também representantes de Deus no mundo, são caminhos da verdade e porta da vida. Como tais, apontam para outro mundo que é necessário, possível e real.

Os conflitos estão presentes a partir do Povo de Deus que denuncia o anteprojetado que se manifesta no início da vida pública de Jesus das tentações (Lc 4,1). O anteprojetado é o reino do pão não partilhado, do poder que não se configura como serviço, do privilégio que favorece a acumulação e do prestígio que organiza eventos em vez de articular processos de transformação.

Compreende-se a missão a partir dos conflitos que envolvem os pobres e os outros. Os excluídos e os que sofrem, compreende-se a missão como militância por um mundo melhor e por transformações históricas concretas. A missão é universalmente contextualizada e aponta a partir de contextos concretos até os confins do mundo.

O anúncio missionário central é a justiça da ressurreição. É um anúncio em defesa da vida em todas as suas dimensões (desde a não manipulação de embriões até as questões ecológicas). A operacionalização deste anúncio acontece através de sinais de justiça e imagens de esperança. O fim almejado pela missão há de estar presente nos passos do cotidiano. A ternura do amor e a visão indutiva da realidade norteiam a ação missionária. Trabalhamos com o culturalmente disponível. A eficácia missionária não está nos instrumentos utilizados, mas na coerência entre a mensagem do Reino, sua contextualização e no nosso estilo de vida.

A gratuidade e a fundação da Igreja nos ligam de um modo especial ao Espírito Santo. Como dom de Deus, ele é pai dos pobres e protagonista da missão. Na gratuidade se concretiza a nossa resistência contra a lógica do custo-benefício. A gratuidade é condição da não violência e da paz. A gratuidade não permite desigualdades por causa da apropriação particular dos bens deste mundo. A gratuidade aponta para a possibilidade de um mundo para todos na unidade do Espírito Santo. Assim aponta Memore Restore o espírito de abertura e diálogo do Concílio Vaticano II:

O diálogo foi o caminho trilhado pelos padres conciliares nas reflexões e definições que resultam nos documentos finais. A Igreja católica assumiu uma postura de abertura para as diferenças, entendendo-as como portadoras de valores. É dentro dessa postura fundamental que as diversas questões definidas pelo Concílio devem ser situadas. A missão é uma delas.⁵⁵

Em sintonia com as ciências humanas, que foram explicitando as alteridades culturais, a Igreja inseriu-se nas culturas munida da fé na encarnação do Verbo. A missão de evangelizar foi entendida como tarefa encarnatória dos seguidores de Jesus em cada tempo e lugar. A cultura deixa de ser somente um desafio à comunicação dos missionários e torna-se uma grandeza teológica, lugar da presença viva do Espírito que fecunda a vida dos povos com a verdade, e que desafia o missionário a fazer o discernimento desta.

A V Conferência Geral do episcopado Latino-americano e do Caribe celebrada em Aparecida, no ano 2007, trouxe as diretrizes para uma profunda renovação da vida eclesial das Igrejas do continente, propondo, de forma sem precedentes, o resgate da dimensão missionária, que “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja” (DAp 365).

A terceira parte do Documento de Aparecida, dedicada ao “agir”, retoma a teologia do Vaticano II repropoando à Igreja Latino-Americana os fundamentos teológicos da missão evangelizadora, formulados no Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade Missionária da Igreja: “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (AG 2). “Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos” (DAp. 347).⁵⁶

A missão da Igreja que se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo é a realização histórica do desígnio de Deus Pai, “que quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2,4). Importante critério para avaliar um modelo missionário como autêntico e avaliar a partir do modelo paradigmático das primitivas comunidades cristãs, que souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas e as circunstâncias (cf. DAp. 369).

⁵⁵ RESTORE, Memore. *A missão no Vaticano II*. São Paulo: Paulus. 2015. p. 13.

⁵⁶ Ibid. p. 18.

O Concílio representa um marco histórico decisivo para uma nova teologia da missão. Procurando superar o paradigma eclesiocêntrico, que entendia a missão como implantação da Igreja, o Vaticano II busca recentrar a Igreja em Jesus Cristo e no Reino de Deus. A teologia da missão do Vaticano II desloca a missão da Igreja de uma pura necessidade antropológica – conversão, salvação das almas, implantação da Igreja – para a dimensão teológica, isto é, a missão da Igreja vai ser fundamentada num plano de uma ontologia sobrenatural, abrindo novos horizontes, ainda inexplorados; isso irá permitir enxergar os novos alcances da missão cruzando fronteiras geográficas, culturais, éticas, políticas e religiosas.

A partir da análise do primeiro capítulo do Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, nos permite levantar os princípios doutrinários da missão da Igreja, chegando à seguinte síntese: da caridade de Deus Pai nasce o desígnio, o plano de salvar todos os homens, e, dessa caridade, provém a missão do Filho e do espírito Santo. Nessa mesma caridade do Pai encontramos a missão da Igreja que, pelo espírito Santo, continua na história humana o projeto salvífico de Deus Pai até o fim dos tempos.

A nova compreensão da missão leva-se a duas conclusões. Há um deslocamento do eixo da missão que, antes centrada na Igreja, volta para sua origem trinitária. Considera a missão como *Missio Dei* (missão de Deus) é reconhecer que Deus Pai quer dialogar com todas *as gentes*, com todos os povos; um diálogo que tem como objetivo a partilha de sua própria vida e glória, isto é, a salvação.

O diálogo é um imperativo categórico para a missão. Efetivamente, o diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco, ele não está em contraposição com a missão *Ad Gentes*; pelo contrário, tem laços especiais com ela, e constitui sua expressão.

A Igreja como um todo que, por sua natureza missionária, deveria se envolver, na leitura dos sinais dos tempos, colocando-se a serviço da libertação do ser humano das novas formas de escravidão. Também nesse âmbito, às vezes desqualificado por uma visão preconceituosa, a missão da Igreja em virtude da *opção preferencial pelos excluídos* deve marcar presença, denunciando e assumindo a causa dos pobres e dos novos excluídos.

A realidade das *periferias humanas* requer uma atenção especial por parte da atividade missionária da Igreja, a mesma que Jesus teve em seu ministério público em relação aos excluídos e marginalizados do seu povo. A prática e, portanto, a proposta missionária de Jesus é de ir às periferias do mundo visando integrar, incluir, os pobres e os excluídos da história,

para que na volta ao “centro”, sejam eles os protagonistas da conversão e redenção do centro, inclusive, personagens principais na construção do Reino de Deus: Reino de paz, de justiça e fraternidade.

Jesus começa sua missão não só por um lugar descentralizado, mas também por homens que se diriam, pode-se dizer assim, “de perfil baixo”. Para escolher os seus primeiros discípulos e futuros apóstolos, não se dirige Às escolas dos escribas e dos doutores da Lei, mas Às pessoas humildes e simples, que se preparam com empenho para a vinda do Reino d Deus. Jesus vai chama-los lá onde eles trabalham, nas margens do lago: são pescadores. Chama-os e eles seguem-no, imediatamente. Deixam as redes e vão com Ele: a sua vida tornar-se-á uma aventura extraordinária e fascinante (Papa Francisco, *Ângelus* – 26/01/2014).

2.3 Desdobramentos pós-conciliares na teologia da missão

É da “janela do Concílio aberta sobre o mundo” (Paulo VI) que a Igreja procura a todo o momento perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho (cf. GS 4) visando responder aos anseios, às angústias e às tristezas do homem de hoje. A missão da Igreja, portanto, será sempre trazer vida, e vida em abundância, a todos os homens e mulheres de todos os tempos e de todos os lugares. Missão é Vida: Vida de Deus transmitida a todos; porque, como dizia, santo Irineu: “A glória de Deus é o homem vivo; e a vida do homem é a visão de Deus”.⁵⁷

O grande avanço alcançado pelo Vaticano II foi ter compreendido a missão como derivada da própria natureza de Deus. A missão tem sua origem no coração de Deus. Deus é uma fonte de amor – amor fontal – que envia. A missão é iniciativa de Deus, ela provém do amor de Deus em relação ao mundo e a humanidade.

As mudanças ocorridas no cenário mundial não se limitam mais à descolonização e ao enfraquecimento do eurocentrismo. O mundo depara com uma violenta revolução tecnológica, cultural, social, e política, dando origem a diversos fenômenos e profundas transformações na vida: o consumismo, as migrações, o urbanismo, a oposição entre o Norte e o Sul do mundo a busca de equilíbrios internacionais e do diálogo entre a Igreja e o mundo. Tudo isso é motivo para uma releitura e reformulação da teologia da missão visando responder a esse novo contexto.

⁵⁷ RESTORE, Memore. *A missão no Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 72.

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, definida por João Paulo II como a *Magna Carta da Evangelização*, no discurso aos Bispos do Continente Asiático, em 15/01/1995, foi o resultado do Sínodo Ordinário de 1974. Tendo como tema: a evangelização no mundo contemporâneo. A *Evangelii Nuntiandi* em vez de assumir como ponto de partida e fundamentação teórica a doutrina trinitária e a amplitude do desígnio salvífico de Deus, prefere amarrar sua teologia ao ministério de Jesus e ao seu anúncio do Reino de Deus. O anúncio do Reino por parte de Jesus é de tamanha importância que, “em comparação com ele tudo o mais passa a ser o resto que é dado por acréscimo. Só o Reino, por conseguinte, é absoluto, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele” (EN 8). O Reino de Deus anunciado por Jesus é a salvação manifestada e oferecida a todos os homens como dom de Deus Pai, cuja adesão requer “uma conversão radical, uma modificação profunda da maneira de ver e do coração” (EN 10).⁵⁸

Elemento de novidade que se destaca na *Evangelii Nuntiandi* são os temas abordados: a pobreza, a enculturação, o diálogo inter-religioso, os métodos de evangelização. A palavra missão foi substituída pelo termo “evangelização” apontando e deixando claro qual é o conteúdo da missão da Igreja. O uso do termo “evangelização”. Em lugar de “missão”, além de querer mostrar a riqueza, a complexidade e a dinamicidade da ação evangelizadora (cf. EN 17), pretende superar as implicações colonialistas que, ao contrário, o termo “missão” ainda carrega em seu bojo. A missão é mais ampla do que a evangelização, a missão é a Igreja enviada ao mundo, para amar, servir, pregar, ensinar, curar, libertar, enquanto a evangelização é como o coração ou cerne da missão da Igreja.

A Carta Encíclica *Redemptoris Missio* foi promulgada por ocasião dos 25 anos do Decreto Conciliar *Ad Gentes* e dos 15 anos da Encíclica *Evangelii Nuntiandi* com o intuito de dissipar dúvidas e ambiguidades a respeito da missão *ad gentes*, seja por causa das significativas mudanças ocorridas na década. O presente Documento tem uma finalidade interna: a renovação da fé e da vida cristã. A Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, de modo diferente do Decreto *Ad Gentes* e da *Evangelii Nuntiandi*, está caracterizada por forte cristocentrismo – centralidade e unicidade de Cristo em relação à salvação. Embora haja enfoques diferentes na teologia missionária dos três documentos - ênfase trinitária no Decreto *Ad Gentes*, perspectiva reinocêntrica na Encíclica *Evangelii Nuntiandi* e cristocêntrica na

⁵⁸ Ibid. p. 75.

Encíclica *Redemptoris Missio*, a finalidade: fundamentar a missão da Igreja no amor salvífico de Deus, que chamou os homens e as mulheres a cooperar na sua própria manifestação.⁵⁹

O grande tema que dominou o Concílio foi a identidade da Igreja e sua missão. Sem dúvida alguma, o tanto esperado *aggiornamento* da Igreja, desejado pelo Papa João XXIII, ainda aguarda alguns passos mais ousados, por parte da hierarquia, para explorar todas as potencialidades contidas no Vaticano II. A recepção do Vaticano II por parte das Igrejas do “terceiro mundo” – América Latina, África, Ásia e Austrália – permitiu às Igrejas desses continentes desenvolver uma teologia inculturada para responder missionariamente aos enormes desafios enfrentados pelos seus povos. O grande avanço que essas teologias do “terceiro mundo” permitiram alcançar se deve ao fato de serem teologias que “nascem de baixo”; isto é, “do chão da história de determinado povo, a partir da leitura dos sinais dos tempos” presentes naquele contexto.⁶⁰

2.4 Desdobramentos da Igreja Latino-Americana na teologia da missão

O primeiro passo, que marcou a caminhada da Igreja na América Latina após o Vaticano II, foi dado na Conferência Geral em Medellín, em 1968. Medellín foi uma rápida e criativa recepção do Vaticano II no continente, em segundo lugar, a Igreja começa um verdadeiro processo de autocompreensão, procurando entender sua identidade e missão no contexto latino-americano. Portanto, a grande guinada dada pela Igreja latino-americana, na II Conferência Geral de Medellín, foi vendo a miséria de seus povos, “qualificada de injustiça que clama aos céus” (DM 1.1). A Igreja, com atenção centrada na vida dos pobres e dos excluídos, lança sua mensagem aos povos do continente como sinal de solidariedade e compromisso.

Os ricos se tornaram mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres. Perante este quadro, mostrando claramente que a pobreza não era consequência do subdesenvolvimento, mas fruto maldito da injustiça, a Igreja na América Latina – à luz do Vaticano II, na leitura dos *sinais dos tempos* e na *opção preferencial pelos pobres* – com ousadia soube escolher caminhos para uma ação missionária em favor de seus povos oprimidos buscando, junto com eles, aquela libertação integral trazida por Jesus Cristo.

⁵⁹ Ibid p. 82.

⁶⁰ Ibid. p. 91.

O projeto latino-americano de *nova evangelização*, desde Medellín, tinha como objeto a libertação dos pobres e oprimidos, fazendo deles não só destinatários, mas sujeitos de evangelização; através de uma rede de pequenas comunidades (CEBs), de um diálogo respeitoso com o pluralismo cultural e religioso e o engajamento dos leigos e leigas.⁶¹

Após dez anos de caminhada, a Igreja latino-americana chegou à terceira Conferência Geral de Puebla em 1979, com uma experiência pastoral enriquecida pela teologia da libertação, comunidades eclesiais de base e a opção preferencial pelos pobres. Com o tema “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”, a terceira Conferência fez a recepção da Exortação *Evangelii Nuntiandi*, procurando responder à pergunta: O que significa no contexto latino-americano evangelizar hoje e amanhã? O Documento de Puebla, após ter apontado os âmbitos da realidade local que precisam de uma especial atenção na evangelização, com ousadia convida as Igrejas do continente a levantar o olhar para além de suas fronteiras, e se colocar a serviço da missão *Ad Gentes*, afirmando: “Finalmente, chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras, ad Gentes. É certo que precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza” (DP 368).

Após pouco mais de vinte anos de Medellín, a quarta Conferência Geral de Santo Domingo em 1992, marca mais uma etapa na caminhada da Igreja latino-americana no pós-concílio. O tema proposto: *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. No âmbito eclesial, desde o começo dos anos oitenta, há os primeiros conflitos entre o Vaticano e a Teologia da Libertação; as comunidades eclesiais de base começam a ser vistas com certa suspeita. No âmbito social, as mudanças são profundas: cultura urbana, individualismo, consumismo, pluralismo religioso e secularismo; tudo isto criou uma verdadeira debandada nas fileiras católicas. Afinal, é o projeto da *Nova Evangelização*, dentro de uma visão conservadora de nova cristandade, que está tentando reinstalar-se na Europa e na América Latina. De fato, em Santo Domingo, a influência conservadora dos órgãos romanos fez-se sentir bem mais decisiva em detrimento da autonomia dos bispos da América Latina.

Na quinta Conferência Geral de Aparecida em 2007, com o tema: *Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*. Pela primeira vez o tema da missão percorre o Documento, tornando-se a principal chave de leitura. Em plena sintonia com o Vaticano II, resgata a visão de uma Igreja que “é por sua natureza missionária”

⁶¹ Ibid. p. 96.

(AG 2). Uma Igreja disposta a ir para evangelizar *na outra margem*, na margem do Outro: do pobre, do excluído, do estrangeiro; e, ao mesmo tempo, uma Igreja que descobre a missão como caminho de conversão. “De fato, a missão renova a Igreja, revigora sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece!” (RM2).

Enquanto no primeiro milênio havia uma consciência clara de que a Igreja de Deus partia e se constituía a partir da Igreja local em comunhão com as demais Igrejas locais presididas pela Igreja local de Roma e de que assim é que elas constituíam a Igreja universal, no segundo milênio só se fala da Igreja universal, que aparece identificada com a Igreja romana. O Concílio Vaticano II redescobriu a importância da Igreja local, claramente atestada no Novo Testamento, e afirmou que nela e a partir dela se constitui a Igreja universal (LG, nn. 23. 26-28). O Concílio Vaticano II significou uma mudança decisiva para a configuração eclesial. Pois aceitou dialogar com a sociedade civil, avaliar a cultura da Modernidade, assumir alguns elementos, atualizar (*aggiornamento*) sua pastoral pelo conhecimento do contexto real onde vivem os católicos, reconhecer a importância das Igrejas locais e a necessária inculturação da fé.

Só a partir dessas premissas se pode falar da legitimidade de uma Igreja da América Latina e do Caribe. Que se compreende configurado após o Concílio Vaticano II, com sua teologia, opções pastorais, espiritualidade, santos e mártires, ou seja, seu estilo próprio de viver a fé. Essa eclesiologia latino-americana foi-se configurando sob o impulso das conferências gerais do episcopado latino-americano, desde a do Rio de Janeiro até Aparecida. Assim afirma José Ulisses Leva em seu artigo sobre a recepção do Concílio Vaticano II na América Latina:

As janelas do concílio se abrem para a América Latina, marcada por sua herança colonial e busca da democracia, com populações majoritariamente pobres. O continente recebe do Vaticano II novos impulsos à promoção da justiça, da libertação e da paz. Na esteira do concílio, realizam-se as assembleias gerais do episcopado latino-americano, de Medellín a Aparecida.⁶²

Em Medellín, em 1968. O evento eclesial foi convocado por Paulo VI, a fim de traduzir o Vaticano II às necessidades da Igreja na América Latina. Foi nas reuniões do

⁶² LEVA, José Ulisses. Recepção do Vaticano II na América Latina. In: CARLOS, João; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário. 2013. p.83.

CELAM em Roma, durante o Vaticano II, que surgiu a ideia de propor ao papa o evento. Após o Vaticano II, os bispos começaram a preparar Medellín. Havia chegado a hora de fundar a Igreja latino-americana, pois até então, a orientação não era própria, vinha de fora. Tratava-se. De “captar os sinais dos tempos”, analisando-os sob a ótica do Evangelho e do Concílio.

A importância na conscientização e na organização do povo. Significou, para a Igreja na América Latina, a passagem da tarefa de sustentar a ordem estruturalmente injusta à missão de colaborar na libertação dos oprimidos.

A primeira conferência convocada no Rio por Pio XII em 1955 representa ainda a mentalidade da cristandade que prevalecia antes do Concílio Vaticano II. A eclesiologia da cristandade, apologética e autossuficiente, convencida de que a Igreja tem a solução para todos os problemas. A II Conferência, em Medellín (1968), convocada por Paulo VI após o Concílio Vaticano II para que o Concílio se estendesse ao mundo não europeu, apresenta uma eclesiologia libertadora, centrada no êxodo. Seu método consiste em partir da realidade, para iluminá-la com a Palavra e, assim, projetar uma ação pastoral encarnada. Medellín parte da realidade de pobreza e injustiça sofrida pelos povos da América Latina, afirma que, à luz da revelação, essa situação é pecado. As comunidades eclesiais de base são as células dessa nova eclesiologia, toda ela orientada para o Reino de Deus. A III conferência, em Puebla (1979), presidida por João Paulo II, tem características mais intraeclesiais. Ela pretende ser uma eclesiologia de comunhão e participação, não fala mais de libertação, mas ainda mantém o método de Medellín: parte da realidade, escuta o clamor do povo que sofre, faz a opção pelos pobres e torna a assinalar a importância das comunidades de base. Em Santo Domingo a IV conferência, convocada por João Paulo II por ocasião dos 500 anos da primeira evangelização da América Latina. Abandona-se o método latino-americano de partir da realidade, fala-se de uma nova evangelização (que parece insinuar que se deve mudar a linha iniciada em Medellín), propõe-se uma promoção humana, silenciando a dimensão libertadora, e defende-se a cultura cristã. Por outro lado, foi muito positiva sua preocupação com a inculturação na cultura adveniente e nas culturas indígenas e afro-americanas. Santo Domingo representa uma tendência a voltar a uma eclesiologia universal com pouca relevância das igrejas-locais.

2.4.1 A V Conferência de Aparecida: antecedentes imediatos

Em Aparecida, santuário mariano brasileiro, a V conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe. Criou-se uma grande expectativa com relação ao documento da V conferência de Aparecida: seguir-se-ia a linha conservadora de Santo Domingo ou se retomaria o impulso profético de Medellín? Desejava-se que Aparecida se centrasse no tema da vida, ponto focal ao qual tanto o discipulado quanto a missão deveriam dirigir-se. Se olharmos qual foi a perspectiva teológica do discurso, teremos de afirmar que foi claramente intraeclesias. Ainda que salientasse os problemas sociais e a necessidade de compromisso com a justiça, o acento se situava mais na Igreja do que no Reino, mais na vida cristã do que na vida em geral. Essa tendência intraeclesial e até eclesiocêntrica se refletirá também no documento final de Aparecida.

2.4.2 O Documento conclusivo da Conferência de Aparecida

O documento de Aparecida recupera a metodologia latino-americana ver-julgar-agir, iniciada por Medellín e abandonada em Santo Domingo. No “Ver” o documento fazendo uma boa análise da realidade social, econômica, política, cultural e eclesial da América Latina, com suas luzes e sombras. Os bispos têm uma preocupação séria com a perda de vitalidade da Igreja latino-americana. Assim cita Victor Codina:

Maior ameaça é o medíocre pragmatismo da via cotidiana da Igreja. A fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez. A partir dessa situação, compreende-se que Aparecida adote uma perspectiva clara e preferencialmente intraeclesial: proteger e alimentar a fé do povo, renovar o batismo e sua dimensão missionária, formar os cristãos em sua fé, incrementar sua pertença às comunidades eclesiais, criar comunidades missionárias, preparar uma grande missão.⁶³

A fé enfraqueceu na América Latina e um fato tão generalizado deve ter causas sérias, não puramente individuais, e sim estruturais, causas que tampouco possam ser atribuídas unicamente ao ambiente social e cultural do mundo moderno e pós-moderno. Deve haver também causas intraeclesiais, que, sem dúvida, estão ligadas ao inverno eclesial que se vivencia na Igreja depois da breve primavera conciliar do Vaticano II. Codina cita algumas razões:

⁶³ CODINA, Victor. *A eclesiologia de Aparecida*. AMERÍNDIA (Org.). In: *V Conferência de Aparecida: Renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 110.

O papel das Igrejas locais vem sendo enfraquecido. O papel das conferências episcopais tem sido limitado, reforçando-se o centralismo romano. As críticas à teologia da libertação e às comunidades de base. Os critérios conservadores empregados na eleição de bispos, nos últimos anos. O fato de não escutar o clamor das mulheres na Igreja, a exclusão da Eucaristia dos divorciados que tornaram a casar, o fato de não repensar a moral sexual e matrimonial etc., favoreceram para que muitos abandonassem a Igreja e recorressem a outros grupos religiosos.⁶⁴

Na sua segunda parte desenvolve-se o “julgar”, o Documento de Aparecida desenvolve a vida de Jesus Cristo nos discípulos e missionários. O que mais chama a atenção nesta parte, porém é o espaço dedicado à formação dos discípulos e missionários de Jesus Cristo. Postula-se uma formação integral, querigmática e permanente, atenta às diversas dimensões (humana, espiritual, intelectual, comunitária, pastoral, missionária), uma formação que respeite os processos, contemple o acompanhamento dos discípulos e se articule principalmente em dois momentos: na iniciação cristã e na catequese permanente ou catecumenato dos adultos. Essa formação deve estar estreitamente ligada às comunidades: à família, à paróquia, às comunidades de base e pequenas comunidades, aos movimentos eclesiais e às novas comunidades, aos centros católicos de educação (colégios e universidades) etc.⁶⁵

Porém, deve se questionar por que não se deu formação aos leigos e leigas até agora ou por que a formação que foi dada fracassou. Como formar de maneira profunda na fé cristã os setores populares que vivem quase exclusivamente das religiosidades popular? Como inseri-los em comunidades se a grande maioria deles só tem uma vinculação pontual por ocasião dos sacramentos nos momentos centrais da vida?

Deve-se ensinar-lhe o Catecismo da Igreja Católica e o Compêndio da doutrina Social da Igreja ou deve-se partir de suas dificuldades e interesses concretos para inicia-los numa leitura popular da bíblia? Além disso, se cremos que os pobres e excluídos são um lugar privilegiado porque a eles foram revelados prioritariamente os mistérios do Reino de Deus (Lc 0, 21-22; Mt 11, 25).⁶⁶

⁶⁴ Ibid, p. 112

⁶⁵ Ibid, p. 114

⁶⁶ Ibid. p. 114

Não deveríamos partir deles para compreender melhor o Evangelho e a revelação do Deus do reino? Não deveríamos repensar, a partir deles como sujeitos ativos, a própria forma de estruturar a Igreja, uma Igreja que é de todos, mas deve ser prioritariamente dos pobres? Aparecida destaca a necessidade de uma experiência cristã profunda, não basta uma formação doutrinal ou moral se ela não for precedida de um encontro pessoal com o Senhor, com Jesus Cristo vivo e ressuscitado. Aqui reaparece a importância que Aparecida atribui às diversas comunidades cristãs (de base, pequenas comunidades, paróquias etc.), uma formação para defender a fé dos católicos, para que eles não abandonem a Igreja Católica e não passem para outros grupos religiosos.

No “agir” finalmente, propõe-se uma ação a serviço da vida orientada pelo Reino, com uma série de objetivos: promover a dignidade humana, renovar a opção pelos pobres e excluídos defender o valor da família e das pessoas (crianças, jovens, idosos, mulheres, homens), incentivar a cultura da vida e do meio ambiente, atentar para a educação, a comunicação social, os indígenas, e afrodescendentes, estar presente nos novos areópagos, promover a reconciliação e a solidariedade, intensificar a pastoral urbana e a presença cristã na vida pública, ser sensíveis aos rostos sofridos de nosso povo, especialmente as pessoas de rua, doentes, dependentes químicos, migrantes, presos etc. Mas o tema da vida, que aparece no lema de Aparecida como o objetivo da V conferência, “para que nossos povos tenham vida nele”, não parece constituir o eixo central do documento, embora, evidentemente, enumerem-se uma série de opções a serviço da vida. Além disso, essas opções são tão numerosas e dispersas que na prática se tornam inoperantes. Assim Codina define a eclesiologia do documento:

A eclesiologia de Aparecida não é excêntrica, não trata de uma Igreja que se converta continuamente ao reino, que procure construir o Povo de Deus a partir do povo pobre e marginalizado, e sim de uma Igreja que está mais preocupada com seus membros, suas estruturas, suas comunidades, seus efetivos, sua influência e seu poder, seus direitos e seus interesses.⁶⁷

Dentro de uma avaliação eclesiológica global Aparecida recuperou, em grande parte, a memória do caminhar da Igreja latino-americana: o método ver-julgar-agir, a opção pelos pobres, o papel fundamental das comunidades de base, de uma vida religiosa mística e profética. A maior novidade de Aparecida consiste em ter feito uma opção pela formação dos

⁶⁷ Ibid. p. 115.

discípulos, formação que inclui dimensões doutrinárias, espirituais, missionárias etc. Por outro lado, não atendeu alguns pedidos que haviam sido formulados a partir do Documento de Participação: revisão e ampliação dos ministérios ordenados; recuperação pastoral dos sacerdotes que deixaram o ministério; repensar a teologia, a moral e a pastoral em torno da afetividade, sexualidade e matrimônio; diálogo sério com o mundo moderno e pós-moderno; discernimento dos sinais da presença do Espírito nos atuais movimentos sociais e políticos da América Latina. Codina salienta em seus escritos que a perspectiva central de Aparecida é majoritariamente intraeclesial:

Quer-se manter a estrutura intacta e reforçar a identidade dos discípulos e da missão sem questionar a instituição eclesial. Não é que seja equivocado insistir na identidade cristã e na necessidade da formação, de experiência espiritual e de uma maior inserção eclesial. O que deve ficar claro, porém, é o horizonte último de tudo isso, que é o Reino de Deus, a vida em todas as suas dimensões, o projeto de Jesus, os outros e as outras, o cosmo que é nossa pátria comum. Por isso a Igreja latino-americana, antes de missionar e evangelizar os demais, deveria começar escutando, ouvindo o clamor dos pobres, dos indígenas, das mulheres, dos jovens, da terra, dos movimentos sociais e políticos que surgem no continente e afirmam que outro mundo é possível.⁶⁸

A América Latina e o Caribe se veem, agora, sob o embate dos grandes desafios do mundo globalizado e neoliberal, das novas tecnologias e culturas, vivencia que o cristianismo de muitos é inconsequente com a vida, o continente majoritariamente católico é o mais desigual em termos econômicos e sociais, muitos possuem uma fé débil e pouco formada, há uma diminuição de vocações, há pouco sentido de pertença eclesial, a rica religiosidade popular está à margem da Igreja institucional, a indiferença religiosa está aumentando, muitos passam para as seitas ou as religiões originárias, a Igreja perde adeptos e prestígio. Diante dessa realidade, Codina propõe:

...é coerente, como na crise galileia de Jesus, que a Igreja da América Latina proponha uma concentração eclesial que a leve a aprofundar a fé batismal dos discípulos, a propiciar uma experiência espiritual profunda, uma formação cristã mais madura e uma maior inserção nas comunidades eclesiais. Certamente não poderemos mais sonhar com uma Igreja de massas, e sim de comunidades responsáveis que sejam fermento da sociedade.⁶⁹

⁶⁸Ibid. p. 119.

⁶⁹Ibid. p. 120

Mas tudo isso com a condição de não perder o horizonte último, o reino de vida, de não desvincular a fé da vida, de não esquecer as maiorias pobres do continente, que não deverão ser apenas objeto de atenção pastoral e humana, mas constituem sujeitos sociais e eclesiais, verdadeiros lugares teológicos e fonte de espiritualidade e de encontro com o Cristo vivo presente na história. A partir deles se deve reconstruir comunidade eclesial, compreender o que significa ser discípulos e missionários a serviço da vida. Os pobres têm potencial evangelizador e missionário. Codina reafirma que Aparecida deveria impulsionar aquilo com que sonhou João XXIII:

Uma Igreja dos pobres. O Concílio Vaticano II não se limitou a definir a identidade eclesial, a Igreja “ad intra” em *Lumen Gentium*, mas também se abriu “ad extra”, ao mundo contemporâneo, em *Gaudium et spes*. Aparecida tampouco pode limitar-se a aprofundar sua identidade eclesial, mas tem de abrir-se ao Reino de vida, vida que está ameaçada na América Latina.⁷⁰ Hoje a pastoral carece de um novo pressuposto por causa do advento de uma sociedade pluralista em contínua mudança, cultural e religiosamente⁷¹.

Outro grande questionamento que se coloca em relação ao documento de Aparecida é a sua cristologia. A cristologia foi um dos campos privilegiados da reflexão teológica latino-americana, principalmente nos anos que se seguiram ao Concílio Vaticano II. A importância da noção de Reino na elaboração da cristologia latino-americana. Dizemos que os temas da teologia latino-americana se articulam em torno da cristologia – Jesus, sua pessoa e sua ação.

O centro da preocupação era a Igreja e sua situação no mundo, incluindo aí a ação de todos os cristãos. Por isso, em termos de teologia, há um grande avanço nos campos da eclesiologia e da compreensão do agir cristão no mundo e na sociedade. As questões sociais e culturais, elas sacudiam violentamente o mundo. Em um contexto assim, compreende-se que a Igreja queira repensar-se e situar-se em relação à situação vivida. Natural, pois, que o Concílio Vaticano II se debruce sobre tais questões, visando-as, sobretudo, a partir do ponto de vista pastoral. Afirma Antonio Manzatto:

⁷⁰ Ibid. p. 121.

⁷¹ Ibid. p. 122.

O Concílio Vaticano II trabalha a cristologia a partir da perspectiva da ação de Jesus. Ele é o Salvador da humanidade, que a realiza não de modo mítico ou mágico, mas a partir de sua encarnação. O Cristo traz a salvação, pois, para dentro da história.⁷²

No continente latino-americano o Concílio será muito bem recebido, e nos anos subseqüente ele vai ser referência constante par a Igreja e a teologia que aqui se desenvolvem. No espírito do Concílio Vaticano II é que acontecem as conferências do CELAM em Medellín (1968) e Puebla (1979), fundamentais para a compreensão da Igreja da América Latina. É no espírito do Concílio que a Igreja se compromete com os fracos, formulando a sua opção preferencial pelos pobres, e que ela contempla o aumento significativo do número de seus mártires. A renovação instaurada pelo Concílio Vaticano II é a responsável pela afirmação identitária da teologia e da Igreja latino-americana. Antonio Manzatto cita os elementos que a compõe:

A valorização da história e do contexto permite refazer a compreensão da vida de Jesus, de outro a compreensão da densidade de sua humanidade permite ressituar a incidência de seu projeto. Busca-se uma compreensão do que significa a ação prática de Jesus, relendo-a dentro do contexto latino-americano. Novas luzes iluminam, então, a reflexão teológica. Compreende-se a ligação existente entre a prática de Jesus e sua morte como imposta pela resistência à sua pregação sobre o Reino.⁷³

Articulando esses temas, nutrindo-se das pesquisas bíblicas e históricas e recebendo a reflexão que vem das comunidades cristãs do continente, a teologia latino-americana construiu e desenvolveu seu pensamento cristológico. Manzatto afirma que desde cedo a nascente teologia latino-americana da libertação preocupou-se com a cristologia:

A afirmação da fé cristã é a de que Jesus é o Cristo. Já em seus inícios, a teologia latino-americana também vai inverter a afirmação, lembrando que, para os que creem, o Cristo é Jesus.⁷⁴

A afirmação do Jesus histórico como ponto de partida da cristologia, a recuperação da noção de Reino de Deus como chave para a compreensão da ação e da pessoa de Jesus; e a vida dos cristãos de hoje colocada sob o prisma de seguimento e do discipulado. Sua ressurreição é vista como vitória sobre a morte, mas também como vitória sobre as forças que

⁷² MANZATTO, Antonio. Cristologia latino-americana. In: SOUZA, Ney (org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas. 2007, p. 28

⁷³ Ibid. p. 29

⁷⁴ Ibid. p.29.

impedem a instauração do reino de Deus. O combate de Jesus é um combate contra o anti-reino e esse também é o combate dos cristãos de hoje.

Assim a salvação de Deus oferecida em Jesus é vista incluindo a expectativa de libertação dos pobres das situações de injustiça, eles que são os crucificados de hoje. A vitória sobre a morte, anunciada a partir da ressurreição de Jesus, é também vitória sobre as forças da morte, ou seja, sobre aquilo que impede o humano de viver, sobretudo os pobres. Vitória sobre a morte e vitória sobre as situações que produzem morte: a injustiça, a opressão, a violência, a pobreza etc.

Jesus, pelo anúncio do Reino de Deus aponta para outra forma de organizar a religião, não baseada na Lei ou no templo, mas na prática do amor fraterno, que é o que cumpre a Aliança estabelecida com Deus. Aponta para outra sociedade, aquela pensada pelos profetas, onde se faça justiça aos pobres e desamparados. Pensa uma política e uma economia onde não haja exclusões, para usar a linguagem de hoje, e afirma que o mesmo é possível na sociedade e na prática religiosa, por isso acolhe pecadores, samaritanos, pagãos, doentes.

A prática de Jesus apresentada pelas comunidades crentes é entendida como compromisso em favor da vida dos pobres. Suas curas são exatamente isso; suas palavras, ensinamentos e ações apontam nessa direção. Sua denúncia dos mecanismos que oprimem os pobres de seu tempo também o demonstra. As práticas de Jesus, como a dos profetas de antigamente, inspira-se numa certa compreensão da Aliança estabelecida entre Deus e o povo como defesa dos direitos dos pobres. Por isso sua ação visa ao estabelecimento da justiça, de uma sociedade, um novo mundo, que ele chamará de Reino de Deus.

Há o aspecto conflitivo da ação de Jesus. Seu anúncio, suas ações proféticas e seus ensinamentos suscitam não pouca oposição que está na origem dos conflitos vivenciados por ele. Os evangelhos os apresentam sem meios-terminos afirma Antonio Manzatto:

O conflito mais grave, que até mesmo decidirá sua execução, é com as autoridades do templo e do governo, em Jerusalém. A chamada crise da Judéia apresenta claramente a oposição entre o projeto de Reino de Deus proposto por Jesus e o projeto de sociedade defendido pelas autoridades, que não é mais que a manutenção do status quo, ou seja, a dominação de uns sobre outros.⁷⁵

⁷⁵ Ibid. p. 39

Assim a ação de Jesus é denúncia dessa situação e, mais ainda, modelo de nova sociedade, em que os pobres e fracos sejam defendidos. E essa é a grande denúncia da teologia latino-americana não fugir do conflito e denunciar as injustiças. Mesmo que para isso tenha que derramar o sangue dos mártires.

2.5 Pastoral urbana: um novo modo de evangelizar a cidade

As grandes cidades são laboratórios da nova cultura contemporânea e plural. Essas novas culturas vão se gestando e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia. A Igreja em seu início se formou nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar. Por isso, podemos realizar com alegria e coragem a evangelização da cidade atual. Hoje segundo o documento de Aparecida podemos ver diante da nova realidade da cidade, novas experiências se realizam na Igreja, mas de forma muito tímida, mas o que prevalece é o fechamento e métodos antigos e prevalecem atitudes de defesa. Assim cita o documento de Aparecida:

Se percebem atitudes de medo em relação à pastoral urbana; tendências a se fechar nos métodos antigos e a tomar atitude de defesa diante da nova cultura, com sentimentos de impotência diante das grandes dificuldades das cidades (DAp. 513).

O teólogo José Comblin observa que a nossa mentalidade eclesial não se preocupa com a cidade. Apenas procura se adaptar a cidade no seu cotidiano, mas no que diz respeito a fé ainda quer permanecer nas fórmulas antigas, que não atinge mais as novas gerações. A paróquia como tal não conhece a cidade e nem sequer imagina que tal tarefa seria de sua incumbência. José Comblin afirma:

A cidade é geralmente mal conhecida pelos católicos. Cada um conhece um fragmento, mas estes conhecimentos não são socializados. A paróquia como tal não conhece a cidade e nem sequer imagina que tal tarefa seria da sua incumbência. Por isso, a Igreja precisa de uma pastoral da cidade, em que o ponto de partida é o conhecimento do sujeito que pretende evangelizar: a cidade.⁷⁶

Torna-se necessário uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É

⁷⁶ COMBLIN, José. *Pastoral urbana: dinamismo da evangelização*. Petrópolis: Rio de Janeiro. Vozes. 1999. p.16.

necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma da cidade. Assim afirma a exortação apostólica do papa Francisco: “A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente porque, ao mesmo tempo em que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos” (EG. 74).

No século XIX todo progresso de nação se esperava das escolas. Elas seriam os templos do saber, assim como as igrejas eram vistos como templos da ignorância e da superstição. Hoje em dia o cenário mudou, há muitas outras instituições que tiraram às escolas o monopólio dos valores sociais. Assim afirma Comblin: “os meios de comunicação, os *shopping center*, os estádios e ginásios de esportes, por exemplo, são tão importantes como as escolas para a difusão da cultura e a educação dos jovens, ou talvez mais importantes do que as escolas ou as universidades”.⁷⁷

Ultimamente cresceu bastante a presença da Igreja nos meios de comunicação; TV, rádios, impressos. No entanto, ela precisa saber qual o público atingido, qual é o alcance real da presença católica. Precisa examinar o conteúdo referindo-se a metas. Constata-se a tentação das expressões religiosas embarcam na cultura do espetáculo. Hoje muitas cenas religiosas, quando lançadas ao grande público pela TV, perdem seu caráter de mistério e se transforma numa de tantas possíveis cenas de consumo indiscriminado do telespectador. O risco de banalização é enorme assim nos alerta o teólogo João Batista Libânio:

No atual universo cultural urbano, a religião tem se transformado muitas vezes em produto de consumo provisório, descartável, funcional, moldado segundo as exigências do freguês. Tal situação deforma radicalmente a fé cristã. A teologia vem mostrando que a fé cristã não é produto das necessidades das pessoas, nem criação projetiva de seus desejos, mas uma interpelação de Deus que pede conversão e seguimento de Jesus no compromisso com os pobres.⁷⁸

Nas cidades sempre há movimentos organizados para transformar a sociedade. São movimentos de trabalhadores, profissionais, feministas, negros, indígenas, ecológicos, de

⁷⁷ Ibid., p. 17.

⁷⁸ LIBÂNIO, João B. *As lógicas da cidade: O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 133.

moradores, de defesa dos direitos humanos, de promoção social de movimentos podem ser promovidos pela Igreja. No entanto a maioria é alheia à Igreja. Sobre isso nos diz Libânio:

A missão do cristão é empenhar-se na criação de uma cultura solidária. Isso significa que o universo significativo, os símbolos, o código de comportamento de tal maneira que ser impregnados pelo valor fundamental da solidariedade de tal maneira que ser solidário se transforme em algo conatural, espontâneo e o contrário seja percebido como violência, destoando da melodia dominante.⁷⁹

A economia está no centro da vida das cidades atuais. O centro das atividades, dos valores, das preocupações. A primazia da economia é tão forte que o que faz o lado espetacular da cidade é a publicidade. A publicidade está 99% a serviço da economia. Trata-se sempre de vender e comprar. Na sociedade atual a atividade sagrada por excelência é comprar: manipular o dinheiro que é o símbolo sagrado, o ídolo dos nossos tempos. A presença cristã na economia é mínima. As empresas são o lugar em que o Deus cristão não penetra. Como há de ser o comportamento dos cristãos num sistema fechado a todos os valores evangélicos. Assim afirma Libânio:

A fé sofre, sem dúvida, o impacto dessa nova situação urbana. Cabe-lhe também assumir uma atitude crítica diante da transformação da concepção de tempo urbano este tende a reduzir as atividades humanas à função lucrativa, interessada. O tempo urbano tem dificuldade de entender a gratuidade. Até os gestos prazerosos, que poderiam parecer gratuitos, entram na roda-viva da produtividade, do comércio, do lucro. É a comercialização do lazer e do prazer.⁸⁰

Na questão política, na vida de cada dia, o poder real do vigário na cidade, diferente de outras épocas, é mínimo. Convém identificar: onde está o poder? Quais são os grupos que mandam, isto é, que dispõem do dinheiro público? Qual é a política, isto é: como é que se gasta o dinheiro público? Como funciona a política e como julgam os tribunais? Qual é a seleção dos funcionários públicos? O que fazem? Prestam os serviços devidos à população? Quais são os grupos que pressionam, questionam, fiscalizam as finanças municipais?

Na cidade há uma há variedade de religiões. O catolicismo perdeu o monopólio. É preciso fazer um levantamento da configuração religiosa da cidade. Com efeito, o

⁷⁹ Ibid.. p. 133.

⁸⁰ Ibid. p. 212.

ecumenismo é parte importante da pastoral e não se pode praticá-lo se não se tem um conhecimento aprofundado da situação das outras Igrejas e das outras religiões.

Nas cidades, vários ambientes estão impregnados de preconceitos anticatólicos. Para essas pessoas a Igreja é uma instituição do passado, responsável por muitos dos males que vem da história da Brasil. A Igreja é feita de pessoas atrasadas, ignorantes da ciência, da tecnologia, das exigências da vida moderna: defende uma moral antiquada e, sobretudo, se dedica a atividades aborrecidas. Para muitos a Igreja é velhice, aborrecimento, vida parada, moral superada, obsessão do sexo, dependência dos padres, uma instituição sem futuro e sem novidade.

A evangelização consiste em tornar presente uma figura diferente do cristianismo e da Igreja. Se para muitos o cristianismo é lei, pecado, tristeza, medo, é preciso mostrar testemunhos de vida cristã alegre, livre, com metas positivas, com mensagem para o futuro, com ousadia, inovação, sem medo da novidade.

A interpretação da fé não se faz pela via da forma externa da comunicação, mas pela força que ela tem de falar às experiências significativas das pessoas. O trabalho de hermenêutica não se realiza a partir das técnicas de comunicação, mas da relação profunda entre evangelho e as interrogações existenciais das pessoas.⁸¹

Há ambientes urbanos em que simplesmente falta a presença da Igreja. Com efeito, não basta que haja um templo ou capela católica para que haja presença. O que faz a presença na cidade são as pessoas. Certas pessoas podem morar ao lado da capela e não ter tido nunca a ideia de entrar nela, porque ninguém foi buscá-las. A presença vem de pessoas que, como missionárias, buscam o contato e não se contentam em esperar que venham, porque não virão espontaneamente. Daí a necessidade de missionários e missionárias não somente nos bairros, mas também em todos os ambientes em que se realiza a socialização urbana.

Muito católicos perdem, na cidade, o contato com os sinais, símbolos, ritos que eram o suporte da sua religião no campo. Permanecem católicos, mas não fazem mais nada. A missão católica pode provocar uma revitalização do catolicismo adormecido. Porém, é preciso ir buscar as pessoas no lugar em que elas estão e apresentar-lhes um modo de ser católico adaptado ao ambiente em que estão.

⁸¹ Ibid. p. 137.

É necessário apresentar a pessoa humana como o centro de toda a vida social e cultural, resultando nela: a dignidade de ser imagem e semelhança de Deus e a vocação de ser filhos no Filho, chamados a compartilhar sua vida por toda a eternidade. A fé cristã nos mostra Jesus Cristo como a verdade última do ser humano, o modelo no qual o ser humano se realiza em todo o seu esplendor ontológico e existencial (DAp. p.217).

A conversão é uma conversão a Cristo. A vocação inclui sempre um apelo para entrar num grupo. Não há conversão a Jesus sem a mediação de um grupo: o grupo representado pela pessoa que estimula a conversão, grupo ao qual pertence o missionário.

Na cidade toda a parte sensível do cristianismo desapareceu ou quase desapareceu. “Trata-se de suscitar uma expressão da fé e da vida cristã que envolva a totalidade do ser humano, o seu corpo inteiro e não somente a razão abstrata ou científica”.⁸²

A fé está envolvida numa experiência religiosa em que o corpo inteiro se move e, principalmente, as emoções e os sentimentos. É preciso reconhecer que os evangelhos vão nesse sentido, Jesus atrai porque realiza sinais maravilhosos e promete os mesmos sinais aos seus discípulos. “A experiência mostra que, na realidade, a conversão nunca se reduz a uma mudança racional e consta sempre de uma experiência ou de um conjunto de experiências em que todas as faculdades humanas se movem”.⁸³

A evangelização refere-se também à vida social. Pelo testemunho, pela palavra os cristãos são chamados a proclamar a novidade do evangelho em cada setor da cidade. Assim afirma José Comblin:

A evangelização da sociedade é tarefa de formiga: milhões de pessoas trabalhando juntas, cada uma levando um grão de evangelho e, assim, indefinidamente sem cessar, sem jamais ver o fim da tarefa. Pois a cidade muda constantemente e a evangelização deve recomeçar sempre de novo a partir de uma realidade nova.⁸⁴

Uma prática de libertação passa por milhares de pequenas transformações no tecido urbano. Milhões de iniciativas particulares são necessárias nas nossas sociedades.

⁸² COMBLIN, José. *Pastoral urbana: dinamismo da evangelização*. Petrópolis: Vozes. 1999. p. 27.

⁸³ Ibid. p. 28.

⁸⁴ Ibid. p. 28.

A verdadeira libertação está no serviço ao próximo. Por conseguinte, o critério de autenticidade do evangelho está no efeito produzido: nos serviços que produz. Se produz uma vida de serviço, foi autêntico. Se não produz, não foi autêntico.⁸⁵

Existe uma multidão de movimentos que reúnem grupos de pessoas convertidas. Há pouca comunicação entre eles porque o clero ainda não descobriu qual era o seu papel na cidade. Continua definindo-se pela paróquia.

Em todas as cidades há dois tipos de trabalhos a serviço da cidade: público e voluntários. De modo geral, a Igreja age como associação particular e age em forma de serviço voluntário e gratuito. A pastoral urbana vai estimular os trabalhos voluntários. O cristão como todos os cristãos devem agir. “A pastoral urbana não deve montar uma máquina administrativa grande e, sim, estimular as iniciativas particulares, animá-las no sentido cristão e manter laços e símbolos de unidade entre todos os cristãos ativos para que todas as ações contribuam para uma evangelização da cidade”.⁸⁶

A luta da sociedade civil tem por objetivo libertar as autoridades da subordinação aos interesses dos poderosos. Pode-se supor de antemão que as autoridades fazem a política dos grandes se não existe um movimento popular muito forte. Exigir a justiça, a imparcialidade, denunciar todas as formas de corrupção, fiscalizar todos os gastos municipais e todas as entradas, descobrir as saídas ilegais de fundos públicos: as tarefas não faltam. Há verdadeira democracia quando a sociedade civil controla efetivamente os movimentos das autoridades. Existe uma longa série de Organizações Não-Governamentais (ONGs) que contribuem para a formação da sociedade civil. Ai está o lugar dos cristãos conscientes.⁸⁷

Uma cidade dividida em paróquias carece de atendimento pastoral como cidade. A paróquia refere-se à diocese, não a cidade. A pastoral urbana supõe que haja um grupo de pessoas dedicadas a ela e, na frente, um bispo ou um vigário episcopal com os poderes de bispo. Pois, a Igreja tem por responsabilidade a evangelização do mundo e não tem o seu fim em si própria. A finalidade de tudo o que existe na Igreja está na evangelização. Para que aconteça uma verdadeira evangelização seria necessária uma visão de conjunto a qual seria a missão de um centro de pastoral urbano. Assim propõe Comblin:

⁸⁵ Ibid. p. 31.

⁸⁶ Ibid. p. 38.

⁸⁷ Ibid. p. 45.

A unidade supõe, primeiro, uma visão do conjunto. O centro de pastoral urbana centraliza todas as informações sobre os acontecimentos e as situações da cidade. Não somente recolhe as informações publicadas pela mídia, mas também as informações não publicadas, seja porque são censuradas pela censura virtual ou tácita que há em qualquer sociedade, seja porque se trata de fatos que sucedem entre os pobres e a mídia não se interessa pelo mundo dos pobres, a não ser quando ocorrem crimes horrorosos. Informações também de todas as comunidades e grupos que atuam na cidade para evangelizá-la. Sem tais informações, a Igreja local permanece cega: não sabe o que acontece.⁸⁸

A Igreja é uma em cada cidade à Igreja na cidade é a verdadeira Igreja local, pelo menos na concepção da Igreja antiga e conforme a evidência geográfica. Por isso, cada cidade devia ter um Bispo para encarnar a unidade da Igreja local. O direito canônico atual não o permite. No entanto, a pastoral urbana precisa de uma reforma do código atual, ainda inspirado no esquema do mundo rural. Essas mudanças no direito canônico e na prática pastoral deve ser urgências para a missão na cidade atesta Comblin:

A unidade da pastoral urbana exige uma conciliação de todos os programas particulares. A unidade pastoral não exige um planejamento racional rigoroso em que cada grupo receberia a sua função. O centralismo não funciona mais na Igreja do que na sociedade. Cada comunidade, grupo ou movimento precisa de autonomia. Porém, todos formam parte de uma só Igreja local. Por conseguinte, devem conciliar os seus programas de atividades e colaborar cada vez que a natureza do problema o torna desejável.⁸⁹

O Centro de pastoral urbana acompanha todos os grupos e movimentos para infundir, reforçar, alimentando espírito da evangelização. O Centro pode perceber as falhas avisar, abrir o caminho para personalidades proféticas que possam renovar o espírito da instituição.

Cabe ao centro de pastoral da cidade permanecer consciente das manobras dos oportunistas, tomar iniciativas antes de serem manipulados, prever a presença da Igreja antes das programações oficiais para não serem vítimas de surpresa. Assim afirma Comblin o conflito é inevitável com relação o posicionamento da Igreja frente aos centros de poder:

Inevitavelmente, as prioridades da Igreja e da sociedade nacional ou internacional entram em conflito: o conflito global sobre o futuro do mundo encarna-se em milhões de conflitos locais. A pastoral da cidade não deve esconder os conflitos: pelo contrário deve torná-los visível para que os católicos tenham referências claras e não fiquem confundidos pensando

⁸⁸ Ibid. p. 47.

⁸⁹ Ibid. p. 50.

que podem ao mesmo tempo ser bons cristãos e aceitar as prioridades da sociedade. Para cada cristão o problema é permanentemente: como resolver o problema da minha presença na sociedade para que seja evangélica?⁹⁰

Manter clareza sobre o conflito e o desafio de todos os católicos, todos chamados a transformarem a sociedade em que estão, nem que seja por pequenas mudanças, mudanças minúsculas que juntas poderão fazer a diferença essa deve ser a função de centro de pastoral. O Centro pastoral lembra as prioridades, exorta, insiste, suplica, repete pacientemente para que todos se inspirem nas prioridades. Além das prioridades gerais da Igreja ou dentro destas mesmas prioridades, cada cidade terá as suas. De modo geral, podemos pensar que, para se conseguir efeitos práticos, é preciso determinar as prioridades. A opção pelos pobres é algo muito genérico e corre o risco de permanecer na teoria.

O mundo de hoje é urbano. Na cidade não tem cabimento a existência de várias ou muitas instituições que funcionam como se fossem Igrejas independentes. Cada paróquia é um feudo dentro da cidade e não há pastoral urbana. Além disso, a paróquia impede a formação de ministérios leigos e o progresso da evangelização. O documento de Aparecida insiste na urgência da renovação missionária:

A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo. Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas pastorais visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural (DAp. 173).

De todos os carismas, o mais importante, o mais necessário e o mais urgente é o carisma de missionário. Missionários são pessoas que vão ao encontro de outras nos bairros, nos ambientes sociais, em todos os lugares em que se criam relações sociais e ali dão testemunho, preparam a vinda de Deus, esperam o momento favorável e dirigem o chamado. Os missionários – homens ou mulheres – reúnem os seus convertidos, formam grupos e, pouco a pouco, os vão incorporando na Igreja local. Sem o empenho dos missionários, as comunidades vão diminuindo sem retorno, os grupos desaparecem. Como todo organismo vivo, a Igreja perde células e gera células novas sem parar. Os missionários deviam ser a

⁹⁰ COMBLIN, José. *Pastoral urbana: dinamismo da evangelização*. Petrópolis: Vozes. 1999. p. 55.

menina dos olhos da pastoral, porque são eles e elas as pessoas que trazem sangue novo ao organismo velho. Em certas dioceses, o carisma de missionário é reconhecido oficialmente e se institui em um ministério que busca desenvolver ações cada vez mais significativas à realidade dos contextos nos quais está inserido.

O Concílio refez a Igreja católica em muitos aspectos e, em certa medida, o próprio cristianismo. De isolada do mundo, assume-se como sinal de salvação. Reconhece a verdade presente nas ciências e passa a dialogar com elas, então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade. Para o Concílio em sua fundamentação Bíblica a missão nasce do coração de Deus que envia seu filho ao mundo para a salvação da humanidade. A missão significa uma presença ativa e permanente do Filho e do Espírito no meio deste mundo, para realizar nele uma operação que é uma transformação. A missão da Igreja, portanto, será sempre trazer vida, e vida em abundância, a todos os homens e mulheres de todos os tempos e de todos os lugares. Missão é Vida: Vida de Deus transmitida a todos. Na Quinta Conferência Geral em Aparecida - 2007, com o tema: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Pela primeira vez o tema da missão e da missionariedade percorre um Documento de ponta a ponta. Uma Igreja disposta a ir para evangelizar “na outra margem”, na margem do Outro: do pobre, do excluído, do estrangeiro, do Ad Gentes; e, ao mesmo tempo, uma Igreja que descobre a missão como caminho de conversão. As grandes cidades são laboratórios da nova cultura contemporânea e plural. Essas novas culturas vão se gestando e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia. A nossa mentalidade eclesial não se preocupa com a cidade. Apenas procura se adaptar a cidade no seu cotidiano, mas no que diz respeito a fé ainda quer permanecer nas fórmulas antigas, que não atinge mais as novas gerações. Torna-se necessário uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais.

A missão do cristão é empenhar-se na criação de uma cultura solidária. Isso significa que o universo significativo, os símbolos, o código de comportamento de tal maneira que ser impregnados pelo valor fundamental da solidariedade. A pastoral da cidade não deve esconder os conflitos: pelo contrário deve torna-los visíveis para que os católicos tenham referências claras e não fiquem confundidos pensando que podem ao mesmo tempo ser bons cristãos e aceitar as prioridades da sociedade.

CAPÍTULO III

NOVOS PARADIGMAS PARA A MISSÃO NA CIDADE

Neste terceiro capítulo apresentamos os novos paradigmas para a missão da cidade. Das reflexões advindas do Documento de Aparecida, e tendo em vista a nova aurora que paira sobre a Igreja a partir do pontificado do Papa Francisco, a Igreja se insere num novo processo de resgate do paradigma eclesial proposto pelo Concílio Vaticano II. Francisco parte da vida concreta da humanidade, das alegrias e esperanças, das tristezas e angústias “sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem” (GS 1) e estimula a “ler os sinais dos tempos na realidade atual” (EG 108), atitudes com as quais aprendemos a interpretar as mensagens que Deus envia a partir do mundo secular à sua Igreja (cf. GS 44,1).

3.1 A identidade cristã: uma nova eclesiologia

Vivemos em uma época de “desafeição eclesial” onde surge um novo tipo de cristão, ou seja, o cristão não eclesial fruto da sociedade moderna marcada pelo processo de industrialização e urbanização. Observamos que a subjetividade foi o núcleo da modernidade, e agora o individualismo é o núcleo da pós-modernidade, o fruto desta situação é o relativismo crescente em todos os campos. Como consequência, a religião foi confinada ao âmbito do individual, sofrendo os efeitos do mercado. Por isso, se torna essencial um retorno ao essencial. Um estudo da Igreja na sua autocompreensão e encarnação numa determinada realidade como a do continente latino-americano. O principal objetivo do Concílio Vaticano II consistiu em renovar a Igreja, para convertê-la em um instrumento pastoral mais eficaz no mundo contemporâneo. Surge uma Igreja mais evangélica e missionária. O Concílio Vaticano II promoveu um modelo de Igreja como a comunidade de Salvação (sacramento de salvação) dada por Deus Pai, centrada em Cristo, e vivificada continuamente no Espírito Santo. Assim afirma Pedro Carlos Cipolini:

O Concílio Vaticano II vai realizar algumas recuperações pneumatológicas importantes. A primeira que se pode apontar é determinante: diante da concepção eclesiológica que concebia a Igreja como “encarnação continuada”, tal Concílio vai fundamentar a “Igreja na missão” do Espírito: o Espírito que ungiu Cristo para a missão é o mesmo que vai aparecer a fim de ungir a Igreja no início de sua missão (Pentecostes). Em segundo lugar, apontamos a recuperação do *sensus fidelium*. Todo o povo possui a unção do Espírito Santo (1 Jo

2,20.27). Assim, a universalidade dos fiéis, graças ao sentido da fé, não pode falhar em sua crença. Em terceiro lugar, aponta-se o resgate do tema dos carismas, que muitos julgavam algo exclusivo da Igreja primitiva.⁹¹

Neste influxo do Espírito, o conceito da Igreja como Povo de Deus constitui um marco da renovação eclesiológica conciliar, foi uma opção que expressou uma vontade de mudança em relação ao conceito de *societas perfecta*, e de novidade, no sentido de buscar na imagem veterotestamentária de Povo de Deus uma fonte original.

A eclesiologia latino-americana, impulsionada pelo Espírito, vai encontrar seu caminho justamente no esforço por perceber o rosto de Cristo presente no pobre, acolhendo-o como novo sujeito eclesial. Se o caminho da igreja é o ser humano, na América Latina este caminho será o ser humano pobre, já que a pobreza é a condição da grande maioria da população. Impregnada do desejo de servir, a Igreja latino-americana vai se perceber como Povo de Deus peregrino vocacionado à vida de comunhão e participação, com a missão profética de ser sacramento de salvação-libertação integral e de anunciar o evangelho do Reino de justiça e paz aos pobres e oprimidos do continente.

O Concílio Vaticano II ao ser lido no contexto latino-americano pareceu confirmar a caminhada de uma Igreja aberta ao mundo dos pobres e à justiça social. Veio de encontro, portanto, ao que já se refletia por aqui. O concílio, ao falar do relacionamento da Igreja com o mundo, afirma que a tarefa evangelizadora está ligada ao compromisso com o ser humano concreto com seus problemas, alegrias e angústias o ser humano todo, na sua unidade de corpo e alma, de coração e consciência, inteligência e vontade. A própria Igreja deseja condicionar sua missão partindo das exigências históricas em que vive o ser humano. Compreende-se que o enfoque da missão da Igreja não deve ser sua expansão, mas deve ser em primeiro lugar, o ser humano na sua realidade, o que, no caso da América Latina, será o empobrecido, o pobre, primeiro destinatário do anúncio do Reino.

A luta entre o ressuscitado e as forças da morte é tema central do apocalipse e constitui, na percepção da Igreja latino-americana, um marco da missão da Igreja como sinal do Reino do Senhor da Vida num continente dominado pelas forças de morte que se manifestam no rosto do pobre. O reino julga a Igreja, se ela se desviar do reino deixará de profetizar e ficará sem projeto transcendente, perderá seu horizonte escatológico.

⁹¹ CIPOLINI, Pedro Carlos. *Eclesiologia latino-americana: uma Igreja da libertação pascal*. In: SOUZA, Ney de. *Temas de Teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas. 2007. p.78.

Na II Conferência do Episcopado Latino Americano em Medellín se manifestou a consciência de uma Igreja profética, no sentido bíblico do conceito: captou-se a presença de Deus na história, na missão da igreja. Dessa forma, Medellín significou um florescimento do profetismo na Igreja do continente, e os profetas são necessários em função da criatividade da Igreja, por serem mais sensíveis aos sinais dos tempos e por saberem discernir a voz do espírito que admoesta a Igreja.

A Igreja na América Latina se entende destinada à missão, sua razão de ser é o anúncio do Evangelho. A Igreja existe para evangelizar implica que ela é chamada continuamente à conversão. Evangelizar, assim, é não apenas visar a uma realização e felicidade plena, no futuro escatológico, mas desde já, gerar um ser humano novo e uma nova sociedade. A evangelização é anúncio da Boa-Nova do Reino, e denúncia do anti-reino, daí o profetismo no sentido de anunciar com palavras e atos em favor da justiça do Reino. A Igreja, dessa maneira, deve realizar constantemente uma síntese entre fé, justiça e testemunho.

Quando os pobres ocupam seu lugar na Igreja, a instituição eclesial fica repleta do Espírito santo, Pai dos pobres. Igreja dos pobres significa, também, Igreja pobre no seguimento de Jesus. Todos os ministérios eclesiais, os hierárquicos, religiosos e laicais devem pautar-se pela simplicidade evangélica, compromisso com os pobres e missionariedade.

A Igreja na América Latina voltada para a missão em favor do Reino de Deus aparece como Igreja do discipulado que busca ser sinal do Reino de Deus aparece como Igreja do discipulado que busca ser sinal do reino propondo “um novo modo de ser Igreja”, e este novo tem o sentido de autêntico, de original, é o modo de ser das primeiras comunidades pobres, missionárias e perseguidas, dos Atos dos apóstolos (At 2,42-47; 4,32-37). É um novo modo de a Igreja estar presente no mundo testemunhando e promovendo o reino como comunidades de fé, de culto e de caridade, fermento da comunidade humana.⁹²

Tudo evolui e é certo que a teologia elaborada da América Latina deve avançar por caminhos novos. Hoje abrir-se à subjetividade como espaço em que se produz a transcendência na imanência, assim, a teologia e a Igreja latino-americana que produz esta perspectiva devem assumir radicalmente seus ideais, sua intuição básica, na linha da opção pelos pobres, incluindo a pós-modernidade, articulando o depósito da fé com os sinais dos tempos.

⁹² Ibid. p.103

Aparecida conseguiu recuperar a memória latino-americana e abrir-se aos desafios de um presente muitas vezes encoberto por enfoques com interesses descontextualizados. Ela representou um compromisso crítico e esperançoso.

Conscientes e agradecidos porque o Pai amou tanto ao mundo que enviou seu Filho para salvá-lo (cf. Jo 3,16), queremos ser continuadores de sua missão, visto que essa é a razão de ser da Igreja e que define sua identidade mais profunda. Como discípulos missionários, queremos que a influência de Cristo chegue até aos confins da terra. (DAp. 373)

Aparecida fez uma proposta ampla e envolvente, na forma de uma “missão continental”, a ser levada em frente por toda a Igreja da América Latina. Mas não foi possível definir como tal “missão continental”. Aparecida abriu caminhos para desdobramentos fecundos para vida e a missão da Igreja em nosso continente. A Conferência de Aparecida transmite uma clara mensagem de retomada da caminhada da Igreja da América Latina.

As condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem ao projeto do Pai e desafiam os cristãos a maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incomparável com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do reino e nos situamos no caminho da morte. (DAp. 358)

Os grandes desafios que agora se apresentam para a Igreja da América Latina, que está sendo provada como nunca foi em sua história. Acostumada a contar tranquilamente com as grandes maiorias católicas, se depara com um duplo desafio: diante de si própria, para reencontrar sua identidade, para com ela se posicionar adequadamente na nova realidade que agora se apresenta; diante dos povos da América Latina, para refazer sua identificação com esses povos, para que continue sendo significativa para um povo que não se sente mais obrigado a ser católico. Essas motivações não podem prescindir da autenticidade dos caminhos propostos pela Igreja, que precisam estar fortemente inspirados no evangelho de Cristo. Ser “discípulos e missionários” de Jesus Cristo recupera o cerne do próprio evangelho que requer autenticidade e radicalidade de disposições. Aparecida nos aponta para o evangelho de Jesus Cristo, para ser colocado em prática nas circunstâncias de hoje.

Quando se trata da herança cristã, na busca de novas respostas, impõe-se salvaguardar a autenticidade originária, a experiência fundante. A coragem de renovação é a única garantia de futuro. Impõe-se hoje uma nova autocompreensão da Igreja que significa, hoje, ser Igreja

una, santa, católica, apostólica, isto é, a Igreja de sempre, num mundo que se tornou diferente. Assim Agenor Brighenti cita as palavras de Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*:

“A Igreja existe para evangelizar”, disse Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*. Se sua identidade é essencialmente seu carisma, ao serviço do qual se estruturam a missão e a instituição, cabe então perguntar que significa agir como Igreja na urgência do presente. A reprojeção da missão, entre outros, parece hoje ter de atinar para duas diretrizes de ação principais: encarnar o Evangelho no coração das culturas.⁹³

Seguindo o dinamismo do mistério da encarnação, antes de tudo evangelizar significa inserir-se gratuita e respeitosamente no contexto onde se quer desencadear um processo de evangelização inculturada. Trata-se, na linha da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, de solidarizar com os problemas, as alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças do povo que se quer evangelizar, pois, antes de mais nada, evangelizar significa testemunhar uma atitude de respeito e de acolhida.

Os cristãos, que partilham o destino dos homens e mulheres do mundo não podem situar-se à margem das grandes causas da humanidade. Trata-se de agir no coração da história, mas não sós. Desafios tais como pobreza crescente, urgência de uma nova ordem internacional, direitos humanos, democracia, racismo, emancipação da mulher, dívida externa, ecologia humana etc. dizem respeito também ao Evangelho.⁹⁴

Imersa num mundo cada vez mais pluralista, cabe à Igreja aprender a conviver e a agir em colaboração com o diferente, que não é necessariamente um inimigo ou um herege, tal como para a cristandade. É instância para o exercício da caridade, fonte de enriquecimento e caminho para o grande outro. Na relação com a alteridade, evangelicamente, impõe-se o imperativo da opção pela alteridade negada: ir a todos a partir dos pobres, pois eles são o prolongamento da Paixão de Cristo no mundo. Aqui está em jogo a própria credibilidade da Igreja, pois como é possível ser cristão sem viver o Evangelho ou como pregar o evangelho sem praticá-lo?

⁹³ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas. 2004. p. 120.

⁹⁴ *Ibid.* p. 125.

3.2 Conversão pastoral e novas estruturas

Segundo o documento de Aparecida nenhuma comunidade deve prescindir de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé. A conversão pastoral desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do reino da vida. Todos são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir as novas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. Daí nasce na fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais. Os Bispos do Brasil no Documento: *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*, apontam em suas reflexões para as dificuldades de renovação das paróquias:

A paróquia, historicamente, parece ter sempre resistido às tentativas de renovação. Sua principal ocupação, em geral, não tem sido a vida comunitária (*Koinonia*), nem a pregação (*didaskalia*), nem o testemunho (*martyria*) nem o serviço (*diakonia*), mas o culto (*leitourgia*). Daqui decorre certa redução da compreensão da vida comunitária cristã como comunidade preferencialmente de culto, com menor força missionária e atuação profética.⁹⁵

Encontramos um modelo paradigmático de renovação comunitária nas primitivas comunidades cristãs (cf. At 2,42-47), que souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas e as circunstâncias. Ao mesmo tempo, motiva-nos a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, o caminho sinodal no pós-concílio e as Conferências gerais do episcopado latino-americano e do Caribe.

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.

A reflexão dos bispos do Brasil aponta para uma pastoral orgânica, que deve ser uma resposta consciente e eficaz para atender às exigências do mundo de hoje com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes

⁹⁵ CNBB. *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia*. Brasília: Edições da CNBB, Documento 100. 2013. p. 35.

de pastoral e a procura dos meios necessários que permitam que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos.

Levando em consideração as dimensões de nossas paróquias se salienta a necessidade a setorização em unidades territoriais menores com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região. É recomendável que os agentes missionários promovam a criação de comunidades de famílias que fomentem a colocação em comum de sua fé cristã e das respostas aos problemas.

A paróquia é um instrumento importante para a construção da identidade cristã. Muitos aspectos precisam ser revistos diante das mudanças, mas a intuição original deve permanecer com seu valor. Apesar de que a paróquia está desafiada a mudar diante das aceleradas mudanças de nosso tempo. Da perspectiva teológica, interessa-nos principalmente, a compreensão destas duas noções: paróquia como casa de acolhida dos peregrinos e comunidade como lar dos cristãos onde se faz a experiência comum de seguir Jesus Cristo. Assim citam os Bispos do Brasil:

Procurando definir o que é paróquia poderemos dizer que ela é “mistério da Igreja presente e operante nela: embora, por vezes, pobre em pessoas e em meios, e outras vezes dispersa em territórios vastíssimos ou quase desaparecida no meio de bairros modernos, populosos e caóticos, a paróquia não é principalmente uma estrutura, um território, um edifício, mas é sobretudo a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade, é uma casa de família, fraterna e acolhedora, é a comunidade de fiéis. De igual modo é, preciso reafirmar que, teologicamente, o fundamento da paróquia é ser uma comunidade eucarística, que celebra a presença de Cristo Palavra e Eucaristia, estabelecendo os vínculos de comunhão entre os seus fiéis e remete todos à missão de testemunhar na caridade a verdade professada.”⁹⁶

Porém, há paróquias que não assumiram a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II continuam a concentrar suas atividades principais na liturgia sacramental e nas devoções. Falta-lhes um plano pastoral e sua evangelização se reduz à catequese para as crianças, restrita à instrução da fé, sem uma autêntica iniciação cristã. Não há preocupação missionária, pois se espera que as pessoas procurem a Igreja.

⁹⁶ Ibid. p. 48.

Por outro lado, muitas comunidades e paróquias, do país vivenciam experiências importantes de uma profunda conversão pastoral. São comunidades preocupadas com a evangelização, com uma catequese de iniciação à vida cristã e na perspectiva bíblica; desenvolvem uma liturgia viva e participativa; preocupam-se e atuam com os jovens; despertam muitos serviços e ministérios entre os leigos e leigas; têm conselho pastoral e de assuntos econômicos. O grupo que participa da vida paroquial tem vínculos comunitários. Há o interesse e o empenho em atrair os afastados. Nelas, os párocos e seus colaboradores, homens e mulheres, desenvolvem uma pastoral de comunhão e participação.

Constata-se também que se por um lado, é irrenunciável a dimensão comunitária para a fé cristã, por outro, se constata que a configuração atual da maioria das paróquias não é mais capaz de atender as exigências da experiência humana e cristã, principalmente entre os adolescentes e jovens, comprometendo o seguimento de Jesus Cristo.

A paróquia se relaciona com as pessoas e com a sociedade. Para humanizar a pessoa é indispensável a sua experiência comunitária e para humanizar a sociedade é preciso que a comunidade cristã tenha uma presença pública além de seus muros.

As grandes cidades, que crescem acelerada e desordenadamente, desafiam o atendimento pastoral, especialmente nas periferias. O desafio da acentuada urbanização dos aglomerados urbanos nas metrópoles exige criatividade missionária, visando os mais diversos ambientes. Aumentam as estatísticas daqueles que se declaram sem religião, embora tenham sido batizados na Igreja.

Há um esfriamento da fé, apesar de se constatar muita religiosidade, especialmente pelos meios de comunicação social, evidencia-se uma adesão parcial à fé cristã. Está em crise o sentimento de pertença à comunidade e o engajamento na paróquia. Afetivamente, há pessoas mais ligadas a expressões religiosas veiculadas por mídias católicas.

Os desafios, portanto, são externos e internos à comunidade. De fora, sopram os ventos contrários do individualismo, do relativismo, do fundamentalismo, do pluralismo e das mudanças familiares. Internamente, somos desafiados a pôr em prática a conversão pastoral, enfrentando o problema da territorialidade paroquial e da manutenção de estruturas obsoletas à evangelização.⁹⁷

⁹⁷ Ibid. p. 65.

Mas teologicamente, a paróquia como comunidade eclesial continua sendo o lugar privilegiado para as pessoas realizarem uma experiência concreta de encontro com Jesus Cristo. A paróquia, como comunhão de comunidades, sente-se desafiada a vencer a tentação de fechamento e apatia em relação aos outros.

O episcopado latino-americano, desde o Documento de Puebla, insiste na renovação, para que a paróquia se torne o centro de coordenação e de animação de comunidades, de grupos e de movimentos. Em Santo Domingo, os bispos a definiram como rede de comunidades e movimentos que precisa ser integrada, missionária e atenta aos problemas do seu contexto. Já o Documento de Aparecida entende a paróquia se torne verdadeiramente uma comunidade de comunidades é inevitável, desafiante a criatividade, o respeito mútuo, a sensibilidade para o momento histórico e a capacidade e agir com rapidez.⁹⁸

Mas é necessário estarmos atentos que a setorização é um meio, não basta uma demarcação de territórios, é preciso identificar quem vai pastorear, animar e coordenar esses setores, pequenas comunidades. Os protagonismos dos leigos e leigas e os ministérios a eles confiados, nesse contexto, serão determinantes para o bom êxito da setorização. Trata-se de uma nova organização, com maior delegação de responsabilidades. Assim cita o documento de Aparecida: “A cultura atual tende a propor estilos de vida, contrários à natureza e dignidade do ser humano. O impacto dominante dos ídolos do poder, da riqueza e do prazer efêmero se transformaram, acima do valor das pessoas, em norma máxima de funcionamento e em critério decisivo na organização social”. (DAp. 387)

Nossa missão, para que nossos povos tenham vida nEle, manifesta nossa convicção de que o sentido, a fecundidade e a dignidade da vida humana se encontra no Deus vivo revelado em Jesus. Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha.

Os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles. Eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo que tem relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por

⁹⁸ Ibid. p. 74.

Jesus Cristo: “Tudo quanto vocês fizerem a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim” (Mt 25,40).

Para desencadear um processo que leve a uma Igreja em estado permanente de missão, à luz da opção pelos pobres, em pequenas comunidades, para que a pessoa inteira e nossos povos tenham vida, faz-se necessário uma *metanoia* no agir eclesial, ou seja, uma profunda mudança no âmbito das ações. Diante do fenômeno crescente da urbanização, temos uma linguagem pouco significativa para a cultura atual e, em particular, para os jovens, não se levando em conta a crise da modernidade. Trata-se de forjar um novo modelo de ação, uma nova forma de presença e de serviço no contexto em que a comunidade eclesial está inserida. Em estreita conexão com os desafios oriundos do contexto onde se vai atuar como discípulo missionário de uma Igreja em estado permanente de missão.

Para uma recepção criativa da proposta missionária de Aparecida tal como frisa o Documento, é uma renovação eclesial. No processo de recepção, a comunhão joga um papel essencial, pois a instituição é também mensagem, as estruturas são mensagem, o mensageiro é mensagem. Sem o suporte institucional correspondente, a melhor ação cai na inanição, a missão em mera campanha, o discipulado em voluntarismo. Assim citando o Documento de Aparecida aponta Agenor Brighenti:

Além dos planos pastorais, a missionariedade deve impregnar todas as estruturas eclesiais (n. 365) e forjar mudanças estruturais profundas na Igreja, no interior de uma pastoral orgânica renovada (n.169). A renovação missionária da pastoral, tanto na evangelização das grandes cidades como do mundo rural, exige, com urgência, a criação de novas estruturas pastorais (n.173, cf. n. 450). E para que seja uma missão defensora e promotora da vida, a opção preferencial pelos pobres deve atravessar todas as estruturas e prioridades pastorais (n. 396).⁹⁹

Assim receber a proposta de Aparecida de uma Igreja em estado permanente de missão implica conversão pastoral e renovação eclesial, o que só é possível num processo gradual e permanente.

Concretamente, compreende-se melhor Aparecida, se situarmos o Documento em relação a Santo Domingo, Puebla, Medellín e, na base deles, o Concílio Vaticano II.

⁹⁹ BRIGHENTI, Agenor. *Pedagogia e Método para uma recepção criativa de Aparecida*. In: BRIGHENTI, Agenor. E HERMANO. Rosario. *A Missão em debate: Provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010, . p. 276

Aparecida se insere na já longa e significativa tradição latino-americana. A proposta não é algo periférico e passageiro. No fundo o que se propõe para sujeitos concretos, numa situação particular e num tempo determinado, é a fé apostólica, com a finalidade de nos conduzir a uma maior comunhão com Deus e com a humanidade. Assim Brighenti nos sintetiza a proposta:

A proposta de V Conferência de Aparecida é sermos uma Igreja em estado permanente de missão, à luz da opção pelos pobres, em pequenas comunidades, para que a pessoa inteira e nossos povos tenham Vida. O Documento propõe percorrer um caminho, em quatro etapas (n. 226): experiência pessoal de fé, vivência comunitária, formação bíblico-teológica e compromisso missionário de toda a comunidade.¹⁰⁰

Uma Igreja em estado permanente de missão depende de discípulos missionários que tenham feito uma experiência pessoal de fé para além de comunidades massivas, constituídas de cristãos não evangelizados, sem conversão pessoal, de fraca identidade cristã e pouca pertença eclesial. Para isso, meios privilegiados são o testemunho dos evangelizadores e o anúncio da mensagem do Evangelho, fontes de conversão pessoal e mudança integral de vida. Em resumo, os discípulos missionários de Cristo devem iluminar com a luz do Evangelho todos os espaços da vida social. A opção preferencial pelos pobres exige uma atenção pastoral aos construtores da sociedade. O Povo de Deus na medida em que os fiéis, pelo Batismo, são depositários da diversidade de carismas no mesmo Espírito, a concepção de uma Igreja sacramento da comunhão da Trindade funda a participação de todos no processo de recepção da proposta de Aparecida.

3.3 Formação do discipulado para Missão na cidade

Hoje tendo em vista a formação do discípulo diante dos novos desafios para a missão na cidade o Papa Francisco em sua exortação apostólica *Laudato Si* aponta a verdadeira sabedoria de vida como discípulos e missionários de Jesus Cristo:

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajamento um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. É importante adotar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e também na Bíblia. Trata-se da convicção de que “quanto

¹⁰⁰ Ibid. p.283.

menos, tanto mais”. Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento.¹⁰¹

O Papa nos exorta que a espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem nos entristecermos por aquilo que não possuímos.

Uma adequada compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se a um equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva a profundidade da vida.

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena sermos bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, descartamos a ética, a bondade, a fé, a honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Essa forma de viver nos impede de uma verdadeira cultura do cuidado.

O ser humano precisa-se libertar da indiferença consumista cultivando uma identidade comum, uma história que se conserva e transmite. Desta forma cuida-se do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres, com um sentido de solidariedade que é, ao mesmo tempo, consciência de habitar em uma casa comum. A pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas.

Aparecida nos lança a proposta de uma Igreja em estado permanente de missão, em pequenas comunidades, à luz da opção pelos pobres, para que a pessoa inteira e nossos povos tenham vida. A recepção é um processo de assimilação progressiva, pois implica uma apropriação querigmática, teológica e prática, que supõe, conversão pastoral e renovação institucional de toda a Igreja.

¹⁰¹ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: Sobre o cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulinas. 2015. p.177.

3.4 Novos paradigmas propostos pelo Concílio Vaticano II e assumidos na realidade da Igreja Latino Americana

Nos últimos cinquenta anos a América Latina passou por inúmeras transformações políticas, sociais, econômicas e religiosas. Que desafiou os princípios teológicos e pastorais. Na segunda metade da década de 1960, a América Latina sofreu as convulsões e os impactos gerados pelo ritmo acelerado do êxodo rural provocado pelas transformações da economia, as migrações internas, a explosão demográfica urbana e o crescimento das periferias, sem condições de infraestrutura para atender a todos. A falta de sacerdotes e de meios apontava para a urgente necessidade de revitalizar e reanimar a vida dos fiéis, por meio de um conhecimento mais substancial dos princípios doutrinários e de uma prática mais sólida da vida cristã. Realçava-se a necessidade de estudar atentamente a adequação e a eficiência das estruturas eclesiais na cidade e no campo, bem como as ações necessárias para tornar as comunidades das regiões urbanas centros de irradiação de vida cristã.

Ouvindo os clamores do seu povo a Igreja latino-americana deu prioridade às preocupações do povo sofrido, em detrimento de suas preocupações internas; redescobriu sua missão profética; assumiu a causa de todos os perseguidos e não somente dos cristãos; voltou-se para a defesa dos direitos e da dignidade humana, não simplesmente por meio de discurso e declarações, mas também mediante ações pastorais concretas planejadas e organizadas. Assim acena Tarcísio Justino Loro:

Nos desdobramentos dos movimentos sociais, políticos e econômicos dessa fase da história, a Igreja teve de responder, pastoral, e teologicamente, às exigências de uma sociedade em mudança, marcada pelo empobrecimento crescente e pela multiplicação dos movimentos populares e de vários movimentos religiosos. O Concílio Vaticano II (1962-1965) Puebla (1979) e Santo Domingo (1992) empenharam-se na busca de respostas evangélicas e teológicas, fundamentais e práticas, concernentes à natureza e à missão da Igreja no século XX, com aberturas para o terceiro milênio.¹⁰²

João XXIII tinha a convicção da necessidade de dar atenção aos sinais dos tempos como um pressuposto para o cumprimento da missão da Igreja no mundo e de encontrar expressões adequadas para dar visibilidade ao conteúdo da mensagem cristã diante de toda a

¹⁰² LORO, Tarcísio Justino. *A Pastoral de Conjunto na América Latina. pascal*. In: SOUZA, Ney de (org.). *Temas de Teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas. 2007. p. 232.

sociedade. Na iminência da realização de um novo Concílio, João XIII solicitou ao episcopado da Igreja na América Latina, em 8 de dezembro de 1961, a organização de um plano pastoral que comportasse medidas a serem adotadas, a curto e longo prazo, e também orientações no campo socioeconômico.

A intenção de João XXIII era tornar a Igreja mais sensível e aberta aos problemas do mundo, mais cristã e menos jurídica, mais próxima dos anseios e dos sofrimentos humanos, capaz de sustentar com a sociedade um diálogo evangelizador.

O Concílio Vaticano II propõe uma nova eclesiologia, a Igreja ampliou e aprofundou a consciência de sua origem no mistério trinitário e de sua natureza e vocação missionária. Essas concepções implicam recuperar a missionariedade como identidade profunda da Igreja, recordando que todo batizado é missionário. A natureza missionária é a própria matéria constituinte da Igreja em si, para si e para o outro.

A Igreja local é o cerne da ação evangelizadora, uma missão que deve desempenhar numa realidade histórica determinada. Sacramento universal de salvação, a Igreja tem consciência de que não é a totalidade do reino de Deus e se predispõe como sinal do reino e instrumento de sua construção. Nesse movimento, ela ganha sua autorrealização.

A caminhada da Igreja latino-americana aponta que para não cair na tentação da conivência e legitimação de estruturas antievangélicas, a quem deve a Igreja escutar e responder? Em primeiro lugar, aos clamores dos pobres e oprimidos, espoliados por sistemas injustos, geradores da exploração e da destruição da vida, que negam os princípios e valores do Reino de Deus. A Igreja é chamada a optar pelos pobres como exigência própria do Evangelho.

O CELAM iniciou e impulsionou a caminhada da Pastoral de Conjunto da Igreja latino-americana. A partir do CELAM criou-se o sentido de uma identidade latino-americana. Medellín tem caráter “fundacional” de uma Igreja que quer renovar-se, fiel ao Concílio, abordando decididamente os desafios de uma “nova sociedade”. Começava para a Igreja da América Latina um novo período de sua vida eclesial, período de profunda renovação espiritual, de generosa caridade pastoral e de autêntica sensibilidade social. Assim atesta Tarcísio Justino Loro a importância das CEBs e a pastoral de conjunto como a herança mais positiva de Medellín para a nova identidade da Igreja latino-americana:

O fato mais importante da eclesiologia nos últimos séculos é o surgimento das comunidades eclesiais de base – CEBs. As CEBs e a Pastoral de Conjunto são a herança

mais positiva de Medellín para a nova identidade da Igreja latino-americana. As comunidades são o espaço no qual os pobres se reúnem, mediante a Palavra de Deus, tecem juízos sobre a vida, ajudam-se reúnem, meditam a Palavra de Deus, tecem juízos sobre a vida, ajudam-se mutuamente e se articulam aos demais movimentos populares. A profunda inserção do social no trabalho pastoral, que passava a exigir um planejamento em todos os níveis, buscava sempre a ligação entre fé e vida nas suas varias dimensões.¹⁰³

A Conferência de Medellín promulga um novo modelo de Igreja viu-se a Igreja buscando desassociar-se do poder político e da classe dominante e procurando solidarizar-se mais com os empobrecidos. É a mudança do lugar social.

As conclusões de Puebla, em continuidade às reflexões de Medellín, têm como aspecto mais importante o “novo espírito” de “comunhão e participação”. O cristão tem a vocação de viver plenamente a comunhão e a participação, como agente de evangelização, em espírito de justiça, serviço e caridade, contribuindo para a formação de um mundo mais fraterno e solidário. Puebla propõe um diálogo aberto com a sociedade pluralista. A Igreja procura situar-se nesta sociedade pluralista sem reivindicar qualquer privilégio, mas exige o direito de dar testemunho de sua mensagem e de usar sua palavra profética de anúncio e denúncia em sentido evangélico, na correção das falsas imagens da sociedade, incompatíveis com a vida cristã. Puebla evidenciou a responsabilidade e a culpa de quem compactua com o sistema de empobrecimento da população, chamou à conversão dos corações e das estruturas.

A IV Conferência do episcopado Latino-americano reuniu-se em Santo Domingo, em outubro de 1992, o tema trabalhado foi da evangelização e a cultura, com a preocupação de refletir sobre a centralidade de Jesus Cristo como um desafio na Modernidade. Santo domingo procurou trabalhar com três opções pastorais prioritárias: a nova evangelização de nossos povos, a promoção integral do povo latino-americano e do Caribe e a evangelização inculturada. Vencer a cultura de morte com a cultura de vida é o novo desafio lançado por Santo Domingo.

Vários paradigmas emergiram e se delinearam como elementos integrantes da construção de uma Pastoral de Conjunto. Entre esses paradigmas podemos destacar o aprofundamento da consciência de que a Igreja é o corpo de Cristo no mundo, a união de forças em busca da solução de necessidades comuns, a valorização das camadas populares

¹⁰³ Ibid. p. 241.

reunidas nas comunidades eclesiais de base, a adoção dos princípios das ciências como meio de transformação da sociedade, latino-americana e a espiritualidade da comunhão.

Do encontro entre a Igreja, enviada a pregar o reino de Deus, que deve ser implantado e crescer na sociedade, e a situação de injustiça estrutural estabelecida, originou-se o que se pode caracterizar como uma teologia latino-americana. A crise gerada pelo confronto entre a Palavra de Deus e a situação concreta e sofrida dos povos latino-americanos impulsionou a Igreja a fazer uma evangélica opção pelos pobres. Assim afirma Loro:

A Pastoral de conjunto se consolidou nos desdobramentos do Concílio Vaticano II. Tem como fundamento a eclesiologia do Povo de Deus. Procurou-se suplantado um modelo de pastoral voluntarista, no qual a ação se rege pelo pragmatismo do pároco, muitas vezes restrita à pastoral sacramental e à assistência aos pobres. Para além da cristandade e da neocristandade, a Pastoral de Conjunto assume a dimensão social da fé, traça programas de impacto na realidade, desenvolvidos por todos os fiéis em diálogo com o mundo.¹⁰⁴

Aparecida além de outras expectativas representou a esperança de que se pudesse identificar e discernir evangelicamente alguns aspectos da nova época que estamos vivendo para antecipar, a partir da perspectiva dos crucificados deste mundo, os traços de uma nova maneira de viver o seguimento de Jesus que contribua para configurar um futuro mais humano para todos e todas no seio de nossa “casa comum” ameaçada.

Importante situar um processo eclesial muito mais amplo, próprio de um tempo caracterizado pelo surgimento de um novo paradigma civilizatório, que está obrigando os cristãos e as cristãs a recolocar-se radicalmente o seguimento de Jesus. Esse processo será necessariamente longo, não isento de conflitos e incertezas. Esse processo volta a colocar em pauta os fundamentos da existência cristã e obriga a redescobrir e pôr em jogo, uma e outra vez, os elementos que poderíamos chamar permanentemente ou “metaparadigmáticos” de toda tradição que se pretenda fiel à novidade radical do evangelho de Jesus.

Aparecida deu passos sobre a realidade que muda rapidamente e revela cada vez mais sua enorme complexidade, a fidelidade implica também reler, enriquecer, ressignificar essa tradição à luz das novas contribuições, desafios e linguagens que surgem da experiência atual. Alguns aspectos que parecem claramente assumidos no Documento de Aparecida são o papel

¹⁰⁴ Ibid. p. 247.

determinante que desempenha a lógica do mercado: ela não só concentra o poder e a riqueza, mas se impõe como “valor regulador” de todas as relações humanas:

Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Esse caráter peculiar faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas. (DAp 61)

O aprofundamento e a diversificação dos *rostos* de pessoas que clamam a partir da pobreza e da exclusão. Entre essas pessoas, aparecem os migrantes, deslocados e refugiados, crianças submetidas à violência e obrigadas a viver e trabalhar na rua, dependentes de tóxicos, presos encerrados em condições desumanas, os excluídos pelo seu analfabetismo tecnológico.

Os indígenas e afro-americanos são, sobretudo, “outros” diferentes que exigem respeito e reconhecimento. A sociedade tende a menosprezá-los, desconhecendo o porquê de suas diferenças. Sua situação social está marcada pela exclusão e pela pobreza. A Igreja acompanha os indígenas e afro-americanos nas lutas por seus legítimos direitos. (DAp 89)

A relação com as pessoas e os grupos pobres deve incluir atitudes de envolvimento pessoal, como escolhê-los para compartilhar nosso tempo, escutá-los, acompanhá-los nos momentos difíceis, cultivar sua amizade, apreciar seus valores a partir de dentro, reconhecer sua imensa dignidade, defender seus direitos, acompanhar e promover de múltiplas maneiras seu *fazer-se sujeitos*.

É necessária uma atitude permanente que se manifeste em opções e gestos concretos, e evite toda atitude paternalista. Solicita-se dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos de nossa vida, e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação. (DA 397)

O fundamento cristológico da opção pelos pobres trata-se de um fundamento absolutamente decisivo, pois implica reconhecê-lo como “não opcional”. O documento de Aparecida recolocou bases para o processo de “ressignificação” da memória crente latino-americana e caribenha, que se deve processar em nível da Igreja continental e em cada uma de nossas Igrejas locais. Recuperar e ressignificar esses aspectos fundamentais da memória cristã latino-americana era um serviço que muitos consideravam necessário e impostergável neste

momento de nosso caminhar como comunidade crente. Mas não constituía um fim em si mesmo. Era o passo prévio para a operação realmente decisiva: discernir os desafios de uma mudança de época que já se está processando entre nós e esboçar como Igreja continental uma resposta profética, fiel e criativa.

A leitura latino-americana, especialmente na linha da teologia da libertação. Aprendeu-se, da abordagem histórico-crítica, que a Bíblia reflete fortemente sua situação de origem na vida e na história. Por outro lado, o conceito ampliado de história procurou articular a história feita antes de nós com a história que nós construímos para o futuro: a história atrás de nós e a história a nossa frente. Assim, certos temas bíblicos se mostravam de repente muito atuais e relevantes – por exemplo, a libertação da escravidão do Egito e a pregação profética da justiça, que iluminavam a situação do Egito e a pregação profética da justiça, que iluminavam a situação não libertada do povo na América Latina e no Terceiro Mundo em geral. E a consciência crítica dessa situação, por sua vez, ajudava a captar mais profundamente o testemunho da narrativa bíblica. Outros temas foram-se acrescentando para uma leitura nessa linha: campo versus cidade, a mulher etc. Surgiu uma hermenêutica sócio-política-cultural, incluindo no sociológico também o econômico. Não se tratava, todavia, de um projeto acadêmico: o povo simples, nas comunidades de base e alhures, percebeu que, em narrativas de tempos distantes, a Bíblia fala da mesma “coisa” – da mesma realidade fundamental – que ele está vivenciando hoje.

3.5 Novas perspectivas pastorais a partir do Pontificado de Francisco

Com a eleição do Papa Francisco, assistimos o renascimento dos anseios e das perspectivas do Vaticano II. A retomada de posturas e propostas outrora, por vezes, negligenciadas ou até condenadas, agora são estimuladas e acolhidas num horizonte que dá esperança. O sonho de Francisco é o de uma Igreja em saída: “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27)

Tendo em vista a nova aurora que paira sobre a Igreja a partir do início do pontificado do Papa Francisco ou como ele gosta de ser chamado o bispo de Roma. A Igreja se insere num novo processo de resgate do paradigma eclesial proposto pelo Concílio Vaticano II. Francisco partindo da vida concreta da humanidade, das alegrias e esperanças, das tristezas e

angústias, “sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem” (GS 1). Francisco estimula “ler os sinais dos tempos na realidade atual” (EG 108). Aprendemos a interpretá-los como mensagens que Deus envia a partir do mundo secular à sua Igreja. A encarnação na realidade tem dois desdobramentos, conhecimento e ação: Por outro lado, a enculturação e a assunção dessa realidade através de “obras de justiça e caridade” (EG 233).

As posturas do Papa Francisco permitem dizer que o papado já não é mais o mesmo; está modificado simbólica e institucionalmente. A renúncia de Bento XVI, com suas causas já conhecidas, e a escolha do novo papa trouxeram à tona a necessidade de uma reforma na Cúria Romana, e mesmo da Igreja como um todo.

Podemos destacar alguns elementos essenciais do próprio projeto do Papa Francisco que é configurado por discursos, gestos e práticas de diálogo. Cinco elementos substantivos desse projeto que realçam uma nova atratividade do Evangelho para o mundo de hoje: a alegria, a realidade, o encontro, a missão e a misericórdia.

a) A alegria da missão

O Papa Francisco fez da Exortação apostólica *Evangelii gaudium* um texto programático de seu pontificado, enfocando uma Igreja missionária e transformadora (cf. EG 27). Do Documento de Aparecida, Francisco trouxe o binômio “fidelidade e audácia” para a cátedra de Pedro (DAp 11) que significa abertura “à ação do Espírito Santo” (EG 259). “O Espírito, que é Pai dos pobres, convida a Igreja a reconhecer a força salvífica” (EG 198) da vida dos pobres. E o Papa confessa “que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar” (EG 7). Essa alegria é missionária. O despojamento da vida do Papa Francisco, seguindo as pegadas do pobre Jesus do presépio e da cruz, é a fonte de sua alegria contagiante. No Evangelho de Francisco não tem lugar para “profetas de desgraças” (EG 84) e “prisioneiros da negatividade” (EG 159).

b) A realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo

Francisco é um discípulo de Aparecida que “faz uso do método Ver, julgar e agir” (DAp 19). A realidade interpela aos cristãos; cobra coerência com os imperativos do

Evangelho, que por sua vez, exige “um compromisso com a realidade” (DAp 491). Esse compromisso nos conduz *ao coração do mundo*, onde abraçamos “a realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo” (DAp 148). Anúncio, gestos e práticas simbólicas do Papa Francisco apontam para uma evangelização integral: “Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas” (DAp 176).

Francisco retoma em muitas páginas da desse fio condutor da integridade e assume a teologia indutiva da *Gaudium et spes* (GS), partindo da vida concreta da humanidade, “das alegrias e esperanças, das tristezas e angústias, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem” (GS 1). Francisco estimula “ler os sinais dos tempos na realidade atual” (EG 108). Aprendemos a interpretá-los como mensagens que Deus envia a partir do mundo secular à sua Igreja (cf. GS 44,1). A encarnação na realidade tem dois desdobramentos, conhecimento e ação: Por um lado, a enculturação e a assunção dessa realidade; por outro lado, o discernimento necessário para transformar essa realidade através de “obras de justiça e caridade” (EG 233). “Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88)

c) Para Francisco o encontro tem um caráter sacramental

Aquilo que Jesus nos ensina, antes de tudo, é encontrar-se e ajudar encontrando. Para Francisco o encontro tem um caráter sacramental. Nosso *ir ao encontro* abre a porta para que aquele que foi encontrado por nós, se encontre com Jesus. Nosso *ir ao encontro* é a atitude de deixar Deus, através de nós, *atrair* os fugitivos de sua bondade e verdade. “A Igreja deve aceitar essa liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo [...], superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas” (EG 22).

d) Estado permanente de missão

A atração de Deus tem, como finalidade concreta, o envio. Seguindo Aparecida, o Papa Francisco propõe à Igreja universal constituir-se “em estado permanente de missão” (DAp 551).

A missão – “Igreja em saída” (EG 22ss) para as periferias do mundo – pressupõe *conversão pastoral* permanente faz parte do *estado permanente de missão*. A conversão

pastoral é concreta, comunitária, revolucionária, radical. Ser radical nos leva à raiz do Evangelho e de volta à Jerusalém: “Nada é mais alto do que o abaixamento da Cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor. Nada é mais forte que a força escondida na fragilidade do amor”¹⁰⁵

e) A misericórdia de Deus não dispensa processos permanentes de conversão e discernimento

Francisco traz um recado para a Igreja que o escolheu: Nós não podemos podar a misericórdia de Deus com a tesoura do legalismo. Misericórdia, porém, não significa nem autocomplacência com vícios internos da Igreja nem autorreferencialidade com uma espécie de “narcisismo teológico”. Desde Davi, passando por Pedro, Paulo e Agostinho, a missão dos eleitos nunca acontece por causa de seus méritos, mas por causa da misericórdia de Deus que não dispensa processos permanentes de conversão e discernimento.

O *Ano Santo da Misericórdia* foi iniciado no dia 8 de dezembro de 2015, dia jubilar do encerramento do Concílio Vaticano II (1965). No simbolismo eclesial, essa coincidência do jubileu de ouro do Vaticano II com a abertura da Porta Santa na Basílica de São Pedro como *Proclamação do jubileu extraordinário da Misericórdia* nos lembra de que o Vaticano II não era um evento que foi encerrado com novas fórmulas e formalismos, mas que continua sendo um processo que precisa passar sempre de novo pela peneira da memória e da porta da misericórdia.

Esquecimento e rigidez pós-conciliares produziram, em muitos momentos, um ponto final do Concílio. Com o Papa Francisco veio uma ventania do Espírito Santo para superar o ponto morto da estagnação. A Porta santa foi aberta para o reencontro com o Concílio. O recado é claro: “Deixem o Concílio entrar e saiam para a missão (cf. EG 20 ss) até as periferias do mundo.

3.5.1 Configuração de coragem

Francisco propõe a reestruturação da missão, segundo o Documento de Aparecida e aponta para cinco pilares que marcam a pastoral em chave missionária (EG 33ss):

¹⁰⁵PAPA FRANCISCO. *Discurso aos cardeais*. Disponível em: (<http://oglobo.globo.com/rio/leia-discurso-do-papa-francisco-no-almoco-com-cardeais-membros-da-cnbb-922194>). Acesso em: 12 jan. 2016.

- Primeiro: abandonar o cômodo critério pastoral: “fez-se sempre assim” (EG 33), que exige que todos sejam “ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG 33);

- Segunda: atitude *Ouvir a todos*, que às vezes, exige caminhar “à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo” (EG 31) outras vezes é mais indicado manter-se “no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa, e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e, sobretudo, porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas” (EG 31);

- Terceira: atitude “sair de si ao encontro do outro” (cf. 176) aponta para uma Igreja missionária, uma Igreja “em saída”. Ela aprendeu essa saída de figuras bíblicas, como Abraão e Moisés, de profetas e apóstolos. “Naquele ide de Jesus, [...] todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). “A Igreja *em saída* é uma Igreja com as portas abertas” (EG 46) e despojada. A autorreferencialidade é o oposto da alterreferencialidade que põe os interesses de Jesus Cristo na frente dos próprios interesses (cf. EG 93);

- Quarta: atitude Encarnar-se (inculturar-se) no universo do outro, porque nele “está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós” (EG 179). Está na lógica da encarnação na diversidade cultural pensar o cristianismo pluricultural;

- Quinta: atitude de coragem é concentrar-se no essencial. Quando a pastoral assume a prioridade da missão, “o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35).

A reforma do papado toca obviamente no centro visível da Igreja católica, no cerne da eclesiologia católica, que entende a Igreja de modo indissociável do Papa, e na organização institucional dela. Trata-se, por estas razões, de uma reforma de grande alcance e de grande complexidade para a tradição e para o governo da Igreja.

A reforma que se apresenta a partir do pontificado de Francisco se sustenta pela teologia do serviço – concretamente do serviço do testemunho e da unidade -, mas também pelo princípio da colegialidade, retomado pelo Vaticano II. Porém um governo colegiado, que supere as várias formas de centralismo congeladas no exercício do papado, ainda aguarda suas expressões e estruturas. As posturas do Papa Francisco têm demonstrado a acolhida dos temas

não concluídos e evitados pelo Concílio, dentre os quais a reforma da Cúria. O fato é que hoje o papado se apresenta dentro e fora da Igreja com novas posturas. João Décio Passos afirma:

O papado foi uma das questões disputadas e mais difíceis do Vaticano II. Como recepção do Vaticano I, em um novo contexto, o segundo Concílio, teve que conciliar duas cosmovisões políticas e eclesiais: a de uma Igreja definida pela sua hierarquia e de uma Igreja definida como comunhão do conjunto dos batizados. O primeiro modelo trazia no seu topo o papa, desde o qual se definiam todos os rumos da Igreja, sendo os bispos uma espécie de coadjutores do bispo universal. Aliás, esse modelo entendia ser desnecessário o próprio concílio, tendo em vista a centralidade eclesial absoluta do governo papal e que trazia no seu núcleo a própria infalibilidade papal. Uma concepção maximizada da centralidade do papa na Igreja. O segundo modelo, gestado nas décadas anteriores ao Concílio Vaticano II e com raízes bíblicas e na tradição antiga, entendia o papado como uma função exercida na colegialidade episcopal: não há papa sem os demais bispos e é somente nessa comunhão que o papado é exercido e somente assim se pode falar de primado do bispo de Roma.¹⁰⁶

Os padres conciliares viam a necessidade de organizar um governo colegiado da Igreja sob a condição do papa, o que exigia, evidentemente, repensar a estrutura e o funcionamento da Cúria Romana. A colegialidade deveria ser traduzida em novas formas de exercício do poder central em relação direta com os poderes locais dos bispos. De fato, a reforma foi parcial e superficial. O Concílio não chegou nem à Cúria, nem ao exercício do papado. Do ponto de vista institucional, o papado e a Cúria romana permaneceram “de fora” do processo de recepção conciliar, com as estruturas e práticas pré-conciliares.

Durante o sínodo dos Bispos de 2015 sobre “A vocação e a missão da Família na Igreja e no Mundo contemporâneo” foi comemorado, no dia 17 de outubro de 2015, o cinquentenário da instituição do Sínodo no final do Vaticano II. O Papa Francisco aproveitou essa data para pronunciar um discurso programático sobre o espírito da sinodalidade no seu pontificado e “como dimensão constitutiva da Igreja”: “Desde o início do meu ministério como Bispo de Roma, pretendi valorizar o Sínodo, que constitui um dos legados mais preciosos da última sessão conciliar”. Valorizar significa também “aperfeiçoar”, porque nem sempre esses Sínodos até hoje realizados conseguiram cumprir a sua tarefa que, segundo

¹⁰⁶ PASSOS, João Décio. *O papado reformável*. In: *Revista Vida Pastoral. Cultura do encontro e ano da misericórdia*. Março-abril de 2016 – ano 57 – número 308. São Paulo. Paulus. 2016. P. 8

Paulo VI, seria “reprovar a imagem do Concílio Ecumênico e refletir o seu espírito e o seu método” (Paulo V, Discurso, 30.09.1967)).

O caminho sinodal, “a necessidade e a beleza de caminhar juntos”, deve forjar “uma Igreja da escuta” recíproca. Cada um de nós, disse o papa, “tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do espírito Santo”. Todo o povo participa também da função profética de Cristo. “o que se refere a todos, de todos deve ser tratado” (cf. LG 12). Nesta questão, o Papa Francisco já marcou a sua posição na exortação *Evangelli Gaudium* alertando para uma participação mais partilhada na Igreja: “não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo”. Não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar *descentralização*.

O Papa Francisco é o fruto maduro do Vaticano II. Encarna em seus gestos e palavras a renovação proposta pelo grande Concílio a partir do que vivenciou como recepção na América Latina. Traz para o papado a experiência difícil da colegialidade vivenciada a partir da periferia da Igreja, como também a prática concreta da Igreja dos pobres, do protagonismo eclesial do leigo. A eclesiologia do povo de Deus, assumida sem ponderações, dá o tom de uma reforma inadiável da Igreja. A reforma do papado emerge como pauta natural de uma reforma geral da Igreja. A Igreja missionária está sempre em saída para o mundo e deve repensar a si mesma por fidelidade ao evangelho, para colocar-se em diálogo com os que estão fora e para servir aos mais necessitados.

A chamada franciscana está lançada e permanece no horizonte da comunidade eclesial e da própria sociedade como possibilidade e, até mesmo, como urgência. O papado se encontra em estado permanente de reforma, com as atitudes surpreendentes de Francisco e com decisões pontuais que vão sendo anunciadas. A colegialidade está sendo exercida de modo mais efetivo com a Comissão dos Cardeais encarregados de elaborar o Projeto de reforma da Igreja. Os documentos promulgados revelam uma conexão direta do magistério papal com os magistérios locais. Uma reforma se legitima unicamente em nome da fidelidade da Igreja e as suas fontes e, por a sua missão primordial. Francisco fala do *coração do Evangelho* como a referência da vida da Igreja. A renovação do papado vai ao encontro da renovação do ministério petrino em sintonia com as fontes evangélicas, com a longa tradição cristã, com a eclesiologia conciliar e em sintonia com as aspirações do mundo atual.

O Papa Francisco desde sua nomeação procurou, através de palavras e gestos, imprimir à Igreja Católica, em sua ação evangelizadora, que pode ser resumida nas palavras: “Uma Igreja em Saída” (EG 24); romper com todas e quaisquer amarras que a impeça de “ir além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp 370); resgatá-la de uma consciência isolada e da autorreferencialidade (cf. EG 8) e do “mundanismo espiritual” (EG 93-97); impulsioná-la a sair do espaço apertado da sacristia com cheiro de incenso, para se aventurar no espaço infinito do mundo contraindo assim o “cheiro de ovelha” (EG 24).

Podemos observar certos paralelismos entre a fase pré-conciliar e a de hoje a 50 anos do Vaticano II. A Visão do Papa João XXIII e a do Papa Francisco. Um mês antes do Concílio Vaticano II o Papa João XXIII, numa radio mensagem realizada em 11 de setembro de 1962 expressava o desejo de ver uma Igreja a serviço do homem, dizendo: “Perante aos países subdesenvolvidos a Igreja se apresenta como ela é, e quer ser, como a Igreja de todos, e particularmente a Igreja dos pobres”. Poucos dias depois de sua eleição, em 16 de março de 2013, o Papa Francisco se pronunciou para centenas de jornalistas, dizendo: “Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres! ”

Muitas dificuldades foram encontradas com a Cúria Romana pelos papas João XXIII e Francisco. Esses obstáculos mostram claramente uma Igreja que lhe custa entender e de se colocar em estado de missão - em saída - rumo ao mundo e aos pobres, abrindo mão do conforto, do poder e dos privilégios.

A firmeza com a qual os dois pastores enfrentaram tais dificuldades. O Papa João XXIII chamando, “certas almas ardorosas” de “profetas de desventuras”.¹⁰⁷ O Papa Francisco afirmando: “Há sacerdotes e bispos videirinhos e apegados ao dinheiro que em vez de servir se servem da Igreja”.¹⁰⁸

3.6 Apontamentos da Encíclica *Laudato Si* para uma ecologia integral

Com o intuito de buscar novos caminhos de animação missionária e de conversão eclesial para uma Ecologia Integral, alguns elementos que se destacam na Encíclica “*Laudato*

¹⁰⁷ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Discurso de abertura do Vaticano II, 11/10/1962. São Paulo: Paulus, 1997 (Documentos da Igreja).

¹⁰⁸ PAPA FRANCISCO. *Meditações matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela da Casa Santa Marta* (06/11/2015). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2015/documents/papa-francesco-cotidie_20151106_servir-nao-servir-se.html. Acesso em: 06 Jul. 2016.

Si'". A relação de tudo com tudo. O ser humano é relação e a qualidade de vida e convivência depende da qualidade de suas relações. Inclusive, o mundo que habitamos é feito de relações, conexões, diálogos; e, a "saúde" do mundo, o cuidado com a Terra, depende da sustentabilidade dessas relações. Tudo está relacionado (LS 92; 120; 142). É de extrema importância, portanto, olhar sempre a realidade como um conjunto de interações complexas, superando a fragmentação que leva ao reducionismo e a falsificação da realidade.

Outros dois termos usados no texto chamam a atenção: complexo/s e complexidade. Sistema/s complexo/s (LS 18; 23). Complexidade (LS 38; 47; 63; 144; 190). Percebe-se que o *pensamento complexo* está subjacente à Encíclica *Laudato Si'*, convidando o leitor a uma nova maneira de perceber e pensar o mundo. O Pensamento Complexo é uma maneira de sair de um padrão de pensamento cartesiano, que leva à fragmentação do conhecimento, negligenciando as relações que existem entre esses conhecimentos e que são essenciais à visão significativa do todo.

Ao propagar a ideia de um Pensamento Complexo, apostamos em uma mudança de paradigmas, passando de um paradigma de dominação e poder, de fragmentação, classificação e hierarquização, para um paradigma de cooperação, que valoriza e restabelece as relações, as atitudes significativas.¹⁰⁹

Portanto, pode-se afirmar que - na Encíclica - o pensamento complexo está presente: na mensagem transmitida, na construção do texto, e na escolha dos destinatários:

A partir do princípio que "tudo está estreitamente interligado", o Papa Francisco soube conjugar o tema da justiça social com o tema da ecologia, até então abordados separadamente. Esse tipo de abordagem mostra que o cuidado pela humanidade que precisa de libertação da opressão, das diversas formas de injustiças, da violência está estreitamente interligado com o respeito e cuidado pela Mãe Terra, nossa casa comum.¹¹⁰

Prestando atenção nas citações pode-se constatar que o Papa Francisco se coloca em "estado de escuta" para acolher reflexões e sugestões vindas de diversos âmbitos da realidade: eclesiais, ecumênicos e leigos superando dessa forma a "autorreferencialidade" e o "pensamento/discurso único". Citações do Magistério da Igreja. Citações das diversas Conferências Episcopais. Citações do mundo ecumênico. Citações do mundo acadêmico

¹⁰⁹ NASCIMENTO, Patrícia Limaverde. *Pensamento complexo*. Disponível em: <https://transdisciplinaridade.wordpress.com/2012/01/20/pensamento-complexo/>. Acesso em: 10. Abr. 2016.

¹¹⁰ RESTORI, Memore. *Para uma Igreja em saída: teologia e animação missionária em saída*. Disponível em: http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_112.pdf. Acesso em: 05 mar. 2016.

(Filósofos e Teólogos). Citações de Organismos Internacionais. Com esta riqueza de citações a Encíclica mostra ter um “respiro universal”, capaz de reconhecer e valorizar a busca e a sabedoria que brota do seio da humanidade.

Na escolha dos destinatários: “O Santo Papa João XXIII [...]. Dirigiu a sua mensagem *Pacem in Terris* a todo o mundo católico [...], e a todas as pessoas de boa vontade. Agora, à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta” (LS 3). Sendo que o problema é planetário e envolve todos, o Papa Francisco quer se dirigir “a cada pessoa”, interagir com todos.

Visto que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos duma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais (LS 137).

Com a “ecologia integral” o Papa Francisco convida a todos para enxergar o mundo com outros olhos para perceber a interligação entre todas as coisas, entre as diversas dimensões: ambiental, social, política, econômica, humana, cultural, espiritual, etc.

Quando falamos de «meio ambiente», fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade (LS 139).

O Papa repete que tudo está em relação, que todos os seres, mesmo os menores, estão envolvidos em laços de conexões. Nada existe fora da relação. Isso implica entender que a economia tem a ver com a política, educação com a ética, ética com a ciência. Todas as coisas relacionadas se entrelaçam para existir, subsistir e continuar neste mundo. Essa visão é absolutamente nova nos discursos do magistério, ainda refém do velho paradigma que separava, dicotomizava, atomizava e dividia a realidade em compartimentos. Em função desta visão distorcida, para cada problema tinha a sua solução específica sem dar-se conta de sua incidência nas outras partes que podia ser maléfica.

A visão da ecologia integral é sistêmica, integra todas as coisas num grande todo dentro no qual nos movemos e somos. Deste nexo de relação de todos com todos, o Papa o faz

derivar de um dado teológico. Deus-Trindade é por essência relação eterna e simultânea entre as três divinas Pessoas. Se Deus-Trindade é relação, então tudo no universo é também relação.

Perspectivas de ação a partir de uma “Ecologia Integral”. Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente (LS Cap. VI. 2): Educar para a aliança entre a humanidade (entre os diversos povos e culturas que formam a humanidade); isto é, “Ecologia Cultural” (LS 143) por meio da Educação à mundialidade e à interculturalidade (cf. LS 143-146). Educar para a aliança entre a humanidade e ambiente; isto é, “Educação Ambiental” (LS 210) visando criar uma verdadeira “Cidadania Ecológica” (LS 211). Os âmbitos educativos apontados pela Encíclica:

Vários são os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida (LS 213).

A absoluta novidade consiste em que a encíclica assume o novo paradigma contemporâneo segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades interconectadas, influenciando-se umas às outras. Isso faz superar a fragmentação dos saberes e confere grande coerência e unidade ao texto.

Esta novidade; isto é, o fato de assumir este novo paradigma deveria nortear a Animação Missionária procurando desenvolver um trabalho que vise uma ação missionária não só inculturada, mas que leve em conta a teia complexa de relações que de certa forma interferem, positiva ou negativamente, sobre aquela específica realidade.

Hoje como nunca, após a 5ª Conferência Geral em Aparecida e através dos impulsos missionários vindos do pontificado do Papa Francisco, é urgente um novo despertar missionário que leve a transformar todas as atividades da Igreja numa autentica ação missionária em todos os âmbitos da realidade, seja “ad intra” como “ad extra”.

Uma Animação Missionária imbuída do espírito da “*Laudato Si*” e a partir de uma “Ecologia Integral” não pode mais se limitar a uma animação “ad intra” ou, pior ainda, ser alimentada por uma visão reducionista da missão; mas deve levar as pessoas ao seu próprio amadurecimento na fé. De fato, desde a “*Evangelii Nuntiandi*” - que apresenta uma visão mais abrangente da Evangelização (cf. EN 30-31) - pode-se afirmar que a Animação Missionária deve:

chegar a atingir e como que modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação (EN 19).

A nova visão de conjunto que norteia a *Laudato Si* está imbuída do pensamento do novo paradigma da ciência. Portanto, a recepção da Encíclica precisa de uma nova “*forma mentis*”, requer a superação da visão objetiva e fragmentada da realidade, reflexo da influência da visão cartesiana. É necessário repensar a nossa forma de pensar.

Investir para o devido aprofundamento, através de Cursos de Formação sobre o conhecimento do *novo paradigma contemporâneo*, presente na *Laudato Sí*, a partir do “novo paradigma da ciência” e do “pensamento complexo”.

No momento em que o planeta tem cada vez mais de espíritos aptos a aprender seus problemas fundamentais e globais, a compreender sua complexidade, os sistemas de ensino continuam a dividir e fragmentar os conhecimentos que precisam ser religados.¹¹¹

A *Laudato Si* alerta sobre a gravidade da crise - cultural e ecológica – afirmando que e a consciência dessa gravidade precisa traduzir-se em novos hábitos (cf. LS 209). Isto pode ser viabilizado por uma “Educação Ambiental” na perspectiva de uma “Ecologia Integral” que, superando a simples informação científica, “tende a incluir uma crítica dos “mitos” da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras) e tende também a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus” (LS 210).

Investir em Cursos de Formação sobre a Educação à Mundialidade e à Interculturalidade (Educar para a Paz e para a construção da Cidadania Planetária) na perspectiva de uma “Ecologia Integral” (Ecologia cultural + Educação Ambiental) visando educar para a aliança entre a humanidade (entre as diversas culturas) e a humanidade e o ambiente.

Os cenários da atualidade nos provocam repensar uma missão [e uma Animação Missionária] que abrange a realidade toda, para que seja sustentada por uma apropriada

¹¹¹ MORIN, Edgar. ROGER, Emílio Ciurana. MOTTA Raúl. Educar na era Planetária. São Paulo: 2 ed. Cortez. Brasília: UNESCO, 2007.p. 11-12.

reflexão teológica, uma conversão interior, uma clareza de horizontes e uma ousada ação evangelizadora.¹¹²

3.7 Cristãos leigos e leigas engajados na missão e profecia na cidade

O leigo foi rotulado e discriminado por não ser clérigo nem monge e pela falta de preparação em matéria de fé. Enfim, um simples receptor do sagrado gerido pela hierarquia conforme a relação “pastor-ovelhas”. A partir do começo da década de 1940, uma nova consciência foi despertando no laicato católico. Os leigos e leigas cristãos que já tinham alcançado a “maioridade” como sujeitos históricos na sociedade, individual e coletivamente, começaram a se articular para alcançar o “status” de sujeito eclesial por intermédio do movimento leigo: “O movimento dos leigos, que está na base de preparação do Concílio Vaticano II, remonta à fundação e evolução da Ação Católica, à reflexão teológica de Y. Congar e à influência dos pensadores cristãos J. Maritain, E. Mounier, que são pontos fundamentais de referência”¹¹³

Realmente podemos afirmar que o Concílio Vaticano II produziu os primeiros documentos sobre os leigos em dois mil anos de história da Igreja. A abordagem que faz o Concílio Vaticano II da teologia do laicato segue duas linhas: uma ligada à eclesiologia que se fundamenta na nova imagem de Igreja “Povo de Deus” e a segunda que conserva, infelizmente, os resquícios de uma eclesiologia cuja visão de Igreja ainda permanece hierárquica e clerical. Deveras, no concílio Vaticano II, o leigo encontrou sua plena cidadania dentro da Igreja como justamente nos lembra a *Lumen Gentium*: “Estes fiéis, pelo batismo, foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG 31). Portanto, “os leigos, que devem participar ativamente e toda a vida da Igreja, estão obrigados não somente a impregnar o mundo de espírito cristão, mas também são chamados a ser testemunhas de Cristo em tudo, no meio da comunidade humana” (GS 43).

O caráter missionário de todo o povo de Deus – dando-se uma atenção especial aos leigos e leigas – é um dos marcos conciliares apontados pelo Decreto *Ad Gentes*: “os leigos

¹¹² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e cooperação Missionária: orientações para animação missionária da igreja no Brasil*. Estudos da CNBB 108 - Brasília: CNBB. 2015. n 5.

¹¹³ LIBÂNIO, João Batista. *Encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 58-59.

colaboram na obra de evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica” (AG 41), “sem a presença ativa dos leigos, o Evangelho não pode gravar-se profundamente no espírito, na vida e no trabalho de um povo” (AG 21).

Essa atenção especial aos leigos e leigas em vista do resgate de sua dimensão missionária teve um destaque cada vez maior nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Esta tomada de consciência encontrará sua expressão mais profunda na Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino americano do Caribe em Aparecida:

Hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe querem colocar-se em estado de missão. A evangelização do Continente, dizia-nos o Papa João Paulo II, não pode realizar-se hoje sem a colaboração dos fiéis leigos. Hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade. Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que, por seu batismo e sua confirmação, é discípulo e missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras é necessário que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação (DAp 213).

A visão que tem Aparecida a respeito do leigo não deixa dúvidas: É tempo de deixar os leigos e leigas assumirem na Igreja o papel que o Vaticano II lhes conferiu. O potencial que a atividade missionária da Igreja teria à disposição com o envolvimento maior dos leigos e leigas é incalculável. Acabou o tempo em que a ação missionária se concentrava só nas mãos das congregações religiosas ou de institutos missionários.

O acelerado processo de urbanização constitui hoje para a evangelização um dos seus maiores desafios. Essa nova realidade da cidade hoje exige uma reflexão pedagógica-pastoral mais aprofundada, para que a evangelização dentro do tecido urbano de hoje simplesmente não repita os esquemas pastorais tradicionais, marcados ainda pela experiência pastoral num mundo rural que quase já não se verifica hoje. Atento a esse desafio, o documento de Santo Domingo recomenda uma “pastoral urbana inculturada”. Para isso “a Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano”.

Há uma exigência de um programa de pastoral na cidade. É importante detectar dinanismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. A cidade pós-moderna mudou. A Igreja deve organizar sua pastoral não mais na cidade tradicional tricêntrica: ao redor da Igreja, da praça, e da moradia. A moderna é policêntrica ela se organiza ao redor de muitos centros definidos por interesses os mais variados, que dizem

respeito à economia, à política, à cultura, à religião, ao lazer, etc. Dificultando assim a ação evangelizadora da Igreja. É preciso buscar na sua dinâmica própria elementos de compreensão para orientar a ação no todo complexo e contraditório que o constitui.

Um dos desafios atuais é gerar a experiência da fé eclesial. A geração antiga não consegue transmitir sua própria experiência religioso-eclesial da fé as novas gerações. Ela não consegue reproduzir seus valores. Abre a uma situação de múltiplas pertencas parciais. A fé cristã exige um sentido à realidade do “ser humano” como um todo e do universo (criação). Mas vivemos um processo de fragmentação cultural e da consciência, próprios da condição pós-moderna.

A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje. Ela parte do entusiasmo pela missão, de uma “consciência missionária” viva, mas deve ter seu momento de racionalidade para organizar as ações frente à complexidade dos desafios no mundo de hoje. Assim afirma José Comblin:

O essencial da cidade são as relações humanas. O que mais vale não são os objetos ou toda a exterioridade da cidade. O que vale são as relações humanas. A cidade é feita, antes de mais nada, pelas pessoas que nelas residem ou que por elas passam: edifícios, ruas ou estradas são meios a serviço das pessoas e estão subordinados ao relacionamento humano. A cidade é um centro de relações, porque é antes de mais nada, uma comunidade de pessoas. E as pessoas humanas existem nas suas relações. A cidade subordinada à exaltação de poderes, seja eles religiosos, políticos ou militares, sofre uma distorção fatal.¹¹⁴

A cidade tem por finalidade tornar possível e mais ampla a liberdade dos cidadãos. A liberdade entende-se aqui no sentido ativo. A liberdade dos cidadãos é a capacidade de governar por si próprios a sua cidade. A cidade é uma comunidade. Vivemos já muito tempo na degradação moral, descartando a ética, a bondade, a fé, a honestidade; chegou o momento de reconhecer dirigida pelos seus próprios a sua cidade. A cidade é uma sociedade que não aceita nenhum poder particular que lhe seja superior. Diante do Estado, uma cidade autêntica reivindica todas as liberdades ditas municipais, isto é, o seu destino, e não estar a serviço da grandeza ou do poder de um Estado. Assim afirma Comblin:

Uma cidade verdadeira é uma organização das relações humanas tal que não haja mais privilégios de casta, de raça de sexo, de cultura (imunidade judicial, imunidade fiscal,

¹¹⁴ COMBLIM, José. *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 46.

direitos hereditários, exclusividade de cargos ou responsabilidades sociais ou políticas). Tal igualdade somente é possível se os cidadãos estiverem organizados em associações. O essencial da cidade consiste em organizar um diálogo verdadeiro e um autêntico confronto entre todas as categorias sociais de tal modo que todos possam reivindicar com força a sua participação na cidade. A cidade é feita, em primeiro lugar, de instâncias de debate e de negociação antes de qualquer função específica.¹¹⁵

O lugar do cristão é estar em meio das lutas pela essência da cidade, isto é, pelas liberdades municipais, pela igualdade entre todos os cidadãos contra a secessão dos poderosos, pela solidariedade nos serviços públicos assumidos coletivamente. O perigo das paróquias urbanas é que se isolarem das lutas da cidade inteira. Nas cidades, as grandes decisões, os grandes atos que fazem o ritmo da vida cristã devem estar em conexão com os ritmos da própria cidade. As decisões devem ser tomadas a partir da cidade, como conjunto, e as paróquias devem estar subordinadas a uma pastoral global da cidade. Os sacerdotes formam um colégio responsável pela presença da Igreja na cidade, concebida como projeto de vida comunitária. Pois a espiritualidade consiste em traduzir, nas formas materiais da cidade, nos ritmos e nos blocos de matéria, a solidariedade humana, o amor ao próximo. Esse amor ao próximo se vive nas praças e nas ruas, nos edifícios públicos, nas manifestações da vida pública, tanto quanto no recinto da família ou das comunidades de base.

Pode a Igreja contentar-se com o culto, como se a finalidade da encarnação do Filho de Deus fosse a organização de um culto? Se os cristãos não podem intervir na sociedade, deixam o espaço social para outras religiões ou outras ideologias. Permitem que outros façam o que os cristãos não querem fazer, e o povo dos pobres buscará ajuda nesses outros movimentos¹¹⁶.

Podemos citar exemplos como Gandhi de como ser profeta hoje. Ele não quis nenhuma força econômica, política ou cultural. Enfrentou o sistema colonial somente com as mãos, os pés e a boca. No Brasil tivemos um fato semelhante. O bispo de Barra (BA) realizou dois jejuns, o primeiro de 9 dias em 2005 e o segundo de 24 dias em 2008. O assunto era a transposição do rio São Francisco. O projeto estava sendo implantado sem encontrar oposição. Estava claro que o projeto tinha finalidade abrir espaços novos para o agronegócio, sem vantagem alguma para os camponeses. Na opinião pública, ninguém sabia, mas quando o

¹¹⁵ Ibid. p. 49 e 50.

¹¹⁶ Idem. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 273.

bispo realizou o seu jejum – também chamado de greve de fome – houve um imenso despertar da sociedade civil. De repente, desde os especialistas, os professores de universidade e os advogados, e até as massas populares, todos tomaram consciência do problema. O gesto era profético. O profeta era um homem simples, pobre, tranquilo, inofensivo. Mas, com a força de Deus, iniciou um movimento popular em quase todas as classes sociais. A democracia era comprada pelo poder econômico e um simples bispo, de uma das dioceses mais pobres do Brasil, defendia os direitos do povo contra o governo e contra a quase unanimidade do Congresso – sem falar do poder judiciário. Basta que o agronegócio fale e todas concordam.

Mais uma característica da sociedade atual é o poder da mídia – sobretudo a TV. A mídia não mostra fatos puros, mas os fatos dentro de determinada ótica - com uma interpretação. Não mostra tudo, mas o que é desejado pelo poder econômico. A mídia e a TV em geral estão a serviço do mercado. A TV arrasta as massas para um mundo de ficção. Apaga o mundo real e envolve as pessoas num mundo fictício que lhes parece mais atraente que o mundo real. Dentro dessa visão, tudo o que é social ou comunitário desaparece. O próprio Estado ou poder político desaparece ou se transforma em espetáculo.

O profeta tem por missão mostrar a realidade, o mundo real, romper a paralisia mental que isso exige dons muito especiais, porque esse mundo dos sonhos é bastante sedutor, promete satisfazer desejos e anuncia propostas de felicidade. O profeta também precisa da TV, mesmo que seja necessário “forçar as portas”. Precisa mostrar os fatos com convicção, numa situação bem definida, de tal modo que a TV não possa não mostrar a sua atuação. É importante que também se faça visível e que fale. Precisa fazer gestos que obriguem a TV a mostrá-los¹¹⁷.

Outra característica da atualidade é o domínio da economia. Toda a vida individual e social está cada vez mais subordinada à economia. O dinheiro é o valor supremo e quase único. A finalidade da vida humana individual e social é aumentar o dinheiro. O Estado está a serviço do crescimento da economia e do aumento incessante do dinheiro, e não importa em saber aonde vai esse dinheiro ou se o mercado favorece realmente a todos. A norma universal é a produção de dinheiro.

As consequências desse sistema são o crescimento da desigualdade, a exclusão de milhões, que não conseguem entrar nessa competição pelo lucro, e o progressivo abandono dos valores pessoais e culturais. Na religião, a consequência é o crescimento dos que

¹¹⁷ Ibid. p 277.

dominam a técnica de produzir dinheiro – através de shows religiosos – e o abandono de tudo aquilo que não dá lucro. O papel do profeta será denunciar essa inversão de valores que coloca o dinheiro acima de Deus. Denuncia o desprezo pelos pobres, a indiferença da sociedade para com os derrotados da economia. Comblin aponta para lugares e denominações onde a profecia se concretiza hoje:

No fundo desse sistema está a indiferença pela condição dos pobres – contrário do que pede o evangelho. Algo disso aparece em certas dioceses da Amazônia, na atualidade – pois a Amazônia é o lugar em que se manifesta mais claramente o desprezo pelos pobres e o reino do dinheiro. Também há, na Amazônia, missionários cristãos: bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, pastores, leigos e leigas animados por um espírito profético. A profecia não é propriedade exclusiva dos católicos existe também nas outras denominações¹¹⁸.

O profeta vai exaltar todas as pessoas, grupos e instituições que agem para salvar o povo – sem buscar lucro; sem, com isso, ganhar dinheiro; sem criar capital. Muitas pessoas desempenham serviços gratuitos. São elas que salvam a humanidade da destruição. O profeta valoriza e mostra todo tipo de gratuidade que existe – apesar das regras dominantes na sociedade atual. Essa gratuidade existe especialmente entre os pobres, que se ajudam mutuamente sem cobrar nada.

O desafio criado pela mídia é como dar a conhecer o que realmente acontece; como comunicar a realidade verdadeiramente evangélica do agir gratuito às massas humanas que recebem as informações da TV? Eis uns dos maiores desafios do futuro. O profeta não se opõe às novidades, hoje cada vez mais numerosas, que transformam as condições da vida corporal e mental. Reconhece na base das transformações da condição humana o efeito do avançado espírito de liberdade e lembra que onde está a liberdade, aí está o espírito de Deus. Reconhece a presença de Deus nesse imenso esforço da humanidade para uma humanização crescente. Não tem medo da evolução da humanidade.

A profecia aceita a evolução do mundo, apesar de todos os seus defeitos. Se não confiasse no futuro da humanidade e no progresso da humanização, não abriria a boca inutilmente. Reconhece a força do Espírito de Deus, que conduz a humanidade. O profeta sabe que, no mundo, a Igreja não costuma confiar no progresso da humanidade. Ela tem a fama de se situar na defensiva, sempre desconfiado das novidades. Esta fama foi formada a partir de

¹¹⁸ Ibid. p 278.

tantas condenações emitidas pelos papas, desde a Revolução francesa, e que pusesse fim à era das condenações. Quem não aceita a humanidade tal como é não pode evangelizar, porque a sua palavra não será aceita. O profeta pretende anunciar o evangelho dentro do mundo e por isso ama este mundo¹¹⁹.

A profecia é testemunho do evangelho para o mundo. Mas ela é também, inevitavelmente, testemunho para a Igreja. O profeta quer a conversão da igreja, que consiste em passar da aceitação passiva da injustiça estabelecida, do desprezo pelos pobres, para um testemunho evangélico no mundo, pela palavra e pela ação.

A profecia sempre é um risco. À medida que o clero se burocratiza e se fecha num passado isento de problemas, passa a ter medo do risco. A vida sacerdotal pode se transformar naquela que menos arrisca. Igualmente, o cristão leigo pode ser aquele que menos arrisca, quando evita qualquer possibilidade de conflito. Basta não pensar nada, não dizer nada e não fazer nada; estará em paz durante a vida toda.

Com a emancipação das mulheres, podemos esperar que apareçam profetizas. Durante séculos, as mulheres foram prisioneiras do clero no pensamento, na submissão, no serviço gratuito. Nunca se lhes reconheceu nenhum poder, nenhum carisma a serviço da igreja perante o mundo. Hoje, a situação é diferente. Ainda que não sejam reconhecidas como iguais na prática social, tanto fora como dentro da Igreja, as mulheres já podem conquistar a liberdade.

A profecia nunca faltou na história do cristianismo. Às vezes ficou limitada a espaços mais estreitos; outras ressoaram na Igreja inteira. Às vezes foi eloquente, outras vezes mais discreta. Cada um dos profetas foi diferente dos outros. Não existe modelo uniforme de profeta. Comblin com muita esperança no futuro da Igreja aponta para onde podem surgir as novas profecias:

Os profetas estão no meio de nós. Provavelmente são jovens, pois ainda não apareceram publicamente. Virão para tirar a Igreja da sua letargia – pois a Igreja ainda não sabe como se emancipar do poder do dinheiro, que tudo invade. Este é o desafio: Jesus que tinha todos os títulos para ser rico, tornou-se pobre – realmente pobre e não como se fosse encenação. Esse é o fato que não podemos negar e que nos questiona sem cessar¹²⁰.

¹¹⁹ Ibid. p 280.

¹²⁰ Ibid. p 286.

Podemos concluir nossa reflexão tendo em vista que o profeta vai exaltar todas as pessoas, grupos e instituições que agem para salvar o povo. Nos dias de hoje o desafio criado pela mídia é como dar a conhecer o que realmente acontece; como comunicar a realidade verdadeiramente evangélica do agir gratuito. A profecia é testemunho do evangelho para o mundo. A profecia nunca faltou na história do cristianismo. Às vezes ficou limitada a espaços mais estreitos, mas os profetas estão no meio de nós. Virão para tirar a Igreja da sua letargia.

3.8. Novos rostos: as pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, migrantes, enfermos, dependentes de drogas e detidas em prisões.

Uma das fortes características que marcam as estruturas do mundo globalizado é a presença de *novos* rostos que se apresentam como sujeitos de direito. *Novos*, não por uma realidade recentemente concebida, já que resultam de uma estrutura historicamente situada, mas sim, por terem superado o alto grau de invisibilidade que profundamente suprimia a sua identidade e por exigirem respostas cada vez mais concretas à sua existência mediante uma atenção nunca antes recebida. São homens e mulheres existencialmente feridos pela fome e pela dor e que vivem nas ruas das grandes cidades, pela angústia e que migram em fuga, pela doença, pela dependência e pelo encarceramento aos quais Jesus em seu ministério proclama ter sido enviado para anunciar a Boa-Nova e pelos quais a missão tem por tarefa primária atender.

3.8.1 Pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades,

Nas cidades é cada vez maior o número das pessoas que vivem na rua. Requer da Igreja cuidado especial, atenção e trabalho de promoção humana, de tal modo que enquanto se proporciona a elas ajuda no necessário para a vida, que também sejam incluídas em projetos de participação e promoção nos quais elas próprias sejam sujeitos de sua reinserção social. É necessária atenção dos governos locais e nacionais para que elaborem políticas que favoreçam a atenção a esses seres humanos, e atendam igualmente às causas que produzem esse flagelo que afeta milhões de pessoas em toda a nossa América Latina e no Caribe.

A opção preferencial pelos pobres nos impulsiona, como discípulos e missionários de Jesus, a procurar caminhos novos e criativos a fim de responder a outros efeitos da pobreza. A

situação precária e a violência familiar com frequência obrigam muitos meninos e meninas a procurarem recursos econômicos na rua para sua sobrevivência pessoal e familiar, expondo-se também a graves riscos morais e humanos. (DAp. p. 185)

É dever social do Estado criar uma política inclusiva das pessoas da rua. Nunca se aceitará como solução a esta grave problemática social a violência e inclusive o assassinato dos meninos e jovens da rua, como lamentavelmente tem sucedido em alguns países de nosso continente.

3.8.2 Pessoas migrantes

É expressão da caridade, também eclesial, o acompanhamento pastoral dos migrantes. Há milhões de pessoas que por diferentes motivos estão em constante mobilidade. Na América Latina e Caribe os emigrantes, deslocados e refugiados, sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência, constituem fato novo e dramático.

A Igreja, como Mãe, deve sentir-se como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar, atenta ao fenômeno crescente da mobilidade humana em seus diversos setores. Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas, que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja particular de acolhida. As conferências episcopais e as Dioceses devem assumir profeticamente esta pastoral específica com a dinâmica de unir critérios e ações que favoreçam uma permanente atenção também aos migrantes, que devem chegar a ser também discípulos e missionários. (DAp. p. 185)

Para conseguir esse objetivo se faz necessário reforçar o diálogo e a cooperação de saída e acolhida entre as Igrejas, a fim de dar atenção humanitária e pastoral aos que se mobilizam, apoiando-os em sua religiosidade e valorizando suas expressões culturais em tudo o que se refira ao evangelho. É necessário que nos Seminários e Casas de formação se tome consciência sobre a realidade da mobilidade humana, para lhe dar resposta pastoral. Também se requer a preparação de leigos e leigas que com sentido cristão, profissionalismo e capacidade de compreensão, possam acompanhar os que chegam como também às famílias que eles deixam nos lugares de saída. Creemos que a realidade das migrações não deve nunca ser vista só como problema, mas também e, sobretudo como grande recurso para o caminho da humanidade.

Entre as tarefas da igreja a favor dos migrantes está indubitavelmente a denúncia profética dos atropelos que sofrem frequentemente, como também o esforço por incidir, junto aos organismos da sociedade civil, nos governos dos países, para conseguir uma política migratória que leve em consideração os direitos das pessoas em mobilidade. Deve ter presente também os deslocados pela violência. Nos países açoitados pela violência se requer a ação pastoral para acompanhar as vítimas e oferecer-lhes acolhida e capacitá-los a que possam viver de seu trabalho. Ao mesmo tempo, deverá aprofundar seu esforço pastoral e teológico para promover uma cidadania universal na qual não haja distinção de pessoas. (DAp. p. 185)

Os migrantes devem ser acompanhados pastoralmente por suas Igrejas de origem e estimulados a se fazer discípulos e missionários nas terras e comunidades que os acolhem, compartilhando com eles as riquezas de sua fé e de suas tradições religiosas. Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer valiosa contribuição missionária as comunidades que os acolhem

3.8.3. Pessoas enfermas

A Igreja tem feito opção pela vida. Esta nos projeta necessariamente para as periferias mais profundas da existência: o nascer e o morrer, a criança e o idoso, o sadio e o enfermo. Cristo enviou seus apóstolos a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos, verdadeiras catedrais do encontro com o Senhor Jesus.

Desde o início da evangelização, esse duplo mandato se tem cumprido. O combate à enfermidade tem como finalidade conseguir a harmonia física, psíquica, social e espiritual para o cumprimento da missão recebida. A pastoral da Saúde é a resposta às grandes interrogações da vida, como o sofrimento e a morte, a luz da morte e ressurreição do Senhor. A saúde é um tema que movem grandes interesses no mundo, mas não proporcionam uma finalidade que a transcende. Na cultura atual a morte não cabe e, diante de sua realidade, trata-se de ocultá-la. Abrindo-a para a sua dimensão espiritual e transcendente, a Pastoral da Saúde se transforma no anúncio da morte e ressurreição do Senhor, única e verdadeira saúde. Ela unifica na economia sacramental de Cristo o amor de muitos “bons samaritanos”, presbíteros, diáconos, religiosas, leigos e profissionais da saúde. As 32.116 instituições católicas dedicadas a Pastoral da Saúde na América Latina representam um recurso que se aproveita para a evangelização. ((DAp. p. 186 e 187)

A maternidade da Igreja se manifesta nas visitas aos enfermos nos centros de saúde, na companhia silenciosa ao enfermo, no carinhoso trato, na delicada atenção. Consideramos de

grande prioridade as necessidades da enfermidade, através dos profissionais e voluntários discípulos do Senhor. Ela abriga com sua ternura, fortalece o coração e, no caso do moribundo, acompanha-o no trânsito definitivo. O enfermo recebe com amor a Palavra, o perdão, o sacramento da Unção e os gestos de caridade dos irmãos. O sofrimento humano é uma experiência especial da cruz e da ressurreição do Senhor.

Deve-se, portanto, estimular nas Igrejas particulares a Pastoral da Saúde que inclua diferentes campos de atenção. Consideramos de grande prioridade fomentar uma pastoral com pessoas que vivem com o HIV Aids, em seu amplo contexto e em seus significados pastorais; que promova o acompanhamento compreensivo, misericordioso e a defesa dos direitos das pessoas infectadas; que implemente a informação, promova a educação e a prevenção, com critérios éticos, principalmente entre as novas gerações, para que desperte a consciência de todos para conter a pandemia.

3.8.4. Pessoas dependentes de drogas

A Igreja não pode permanecer indiferente diante desse flagelo que está destruindo a humanidade, especialmente as novas gerações. Sua tarefa se dirige em três direções: prevenção, acompanhamento e apoio das políticas governamentais para reprimir essa pandemia. Na prevenção, insiste na educação nos valores que devem conduzir as novas gerações, especialmente o valor da vida e do amor, a própria responsabilidade e a dignidade humana dos filhos de Deus. No acompanhamento, a Igreja está ao lado do dependente para ajudá-lo a recuperar sua dignidade e vencer essa enfermidade. No apoio à erradicação da droga, não deixa de denunciar a criminalidades sem nome dos narcotraficantes que comercializam com tantas vidas humanas.

Na América Latina e no Caribe, a Igreja deve promover luta frontal contra o consumo e tráfico de drogas, insistindo no valor da ação preventiva e reeducativa, assim como apoiando os governos e entidades civis que trabalham neste sentido, exortando o Estado em suas responsabilidades de combater o narcotráfico e prevenir o uso de todo tipo de droga. A ciência tem indicado a religiosidade como fator de proteção e recuperação importante para o usuário de drogas. (DAp. p. 189)

Consequência da comercialização da droga se tornou algo cotidiano em alguns de nossos países, devido aos enormes interesses econômicos ao redor dela. É o grande número de

peessoas, em sua maioria crianças e jovens, que agora se encontram escravizados e vivendo em situações muito precárias, que recorrem à droga para acalmar sua fome ou para escapar da cruel e desesperadora realidade em que vivem. É responsabilidade do Estado combater, com firmeza e com base legal, a comercialização indiscriminada da droga e o seu consumo ilegal. Lamentavelmente, a corrupção também se faz presente nessa esfera, e aqueles que deveriam estar na defesa de uma vida mais digna às vezes fazem uso ilegítimo de suas funções para se beneficiar economicamente.

Estimulamos todos os esforços que se realizam a partir do Estado, da sociedade civil e das Igrejas em acompanhar essas pessoas. A Igreja Católica tem muitas obras que respondem a essa problemática a partir do nosso ser discípulos e missionários de Jesus, embora ainda não de maneira suficiente diante da magnitude dos problemas; são experiências que reconciliam os dependentes com a terra, com a família e com Deus. Merecem especial atenção, nesse sentido, as Comunidades terapêuticas, por sua visão humanística e transcendente da pessoa.

3.8.5. Pessoas detidas em prisões

Uma realidade que golpeia a todos os setores da população. Mas principalmente o mais pobre, e a violência, produto das injustiças e outros males que durante longos anos vêm sendo semeado nas comunidades. Isso induz a criminalidade maior, e, por conseguinte a que sejam muitas as pessoas que devem cumprir penas em recintos penitenciários desumanos, caracterizados pelo comércio de armas, drogas, aglomeração, torturas, ausência de programas de reabilitação, crime organizado que impede um processo de reeducação e de inserção na vida produtiva da sociedade. No momento atual, lamentavelmente os cárceres são com frequência escolas para aprender a delinquir.

É necessário que os estados considerem com seriedade a verdade a situação do sistema de justiça e a realidade carcerária. É necessária maior agilidade nos procedimentos judiciais, atenção personalizada das pessoas civil e militar que, em condições muito difíceis, trabalha nos recintos penitenciários, e o reforço da formação ética e dos valores correspondentes. (DAp. p. 190)

Deve-se fortalecer a pastoral penitenciária, onde se inclua a tarefa de evangelização e promoção humana por parte dos capelães e do voluntariado carcerário. Têm prioridade as equipes de Direitos humanos que garantem o devido processo aos privados de e uma atenção muito próxima a suas famílias. Recomenda-se às conferências Episcopais e Dioceses

fomentar as comissões de pastoral penitenciária, que sensibilizem a sociedade sobre a grave problemática carcerária, estimulem a sociedade sobre a grave problemática carcerária, estimulem processos de reconciliação dentro do recinto penitenciário e incidam nas políticas.

Enfim, Aparecida conseguiu recuperar a memória latino-americana e abrir-se aos desafios de um presente. Urgente para os dias de hoje são novas atitudes, é preciso que a comunidade cristã tenha uma presença pública além de seus muros. Aparecida além de outras expectativas representou a esperança de que se pudesse identificar e discernir evangelicamente alguns aspectos da nova época que estamos vivendo para antecipar, a partir da perspectiva dos crucificados deste mundo, os traços de uma nova maneira de viver o seguimento de Jesus que contribua para configurar um futuro mais humano para todos e todas no seio de nossa *casa comum* ameaçada. Com a eleição do Papa Francisco, assistimos o renascimento dos anseios e das perspectivas do Vaticano II. Francisco propõe a reestruturação da missão, segundo o Documento de Aparecida e aponta para cinco pilares que marcam a pastoral em chave missionária. O Papa Francisco é o fruto maduro do Vaticano II. Encarna em seus gestos e palavras a renovação proposta pelo grande Concílio a partir do que vivenciou como recepção na América Latina. Traz para o papado a experiência difícil da colegialidade vivenciada a partir da periferia da Igreja, como também a prática concreta da Igreja dos pobres, do protagonismo eclesial do leigo. A eclesiologia do povo de Deus, assumida sem ponderações, dá o tom de uma reforma inadiável da Igreja. O Papa Francisco convida a todos para enxergar o mundo com outros olhos para perceber a interligação entre todas as coisas, entre as diversas dimensões: ambiental, social, política, econômica, humana, cultural, espiritual, etc. O acelerado processo de urbanização constitui hoje para a evangelização um dos seus maiores desafios. Há uma exigência de um programa de pastoral na cidade. É importante detectar dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje. Deve ter seu momento de racionalidade para organizar as ações frente à complexidade dos desafios relativos ao contexto no qual está inserida e profundamente disposta a superar modelos fragmentados e excludentes.

CONCLUSÃO

Como cristãos inseridos no coração do mundo, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida, realizado de 13 a 31 de maio 2007, convida a localizar rostos concretos, de antigas e novas pobreza. É missão dos cristãos do século XXI serem protagonistas desse outro mundo não só possível, mas necessário. A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo. As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Ocupar-se do meio ambiente é preocupar-se com o futuro da Terra e da vida. Precisa-se criar outro tipo de civilização que trabalhe junto com a terra, que use racionalmente os recursos escassos, que salvguarde a capacidade de regeneração dos ecossistemas. A identidade cristã só existe encarnada na história por isso a necessidade de refletir a identidade cristã diante da realidade da cidade. Há a necessidade de uma conversão pastoral e constata que não se pode negar que o passado, sobretudo na época da cristandade, pesa fortemente na Igreja atual.

O Concílio refez a Igreja católica em muitos aspectos e, em certa medida, o próprio cristianismo. De isolada do mundo, assume-se como sinal de salvação. Reconhece a verdade presente nas ciências e passa a dialogar com elas, então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade. A missão significa uma presença ativa e permanente do Filho e do Espírito no meio deste mundo, para realizar nele uma operação que é uma transformação. A missão da Igreja, portanto, será sempre trazer vida, e vida em abundância, a todos os homens e mulheres de todos os tempos e de todos os lugares. Missão é Vida: Vida de Deus transmitida a todos. Na Quinta Conferência Geral em Aparecida, com o tema: *Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*. Pela primeira vez o tema da missão e da missionariedade percorre todo o um Documento.

Uma Igreja disposta a ir para evangelizar *na outra margem*, na margem do Outro: do pobre, do excluído, do estrangeiro, do *Ad Gentes*; e, ao mesmo tempo, uma Igreja que descobre a missão como caminho de conversão. As grandes cidades são laboratórios da nova cultura contemporânea e plural. Essas novas culturas vão se gestando e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia. A nossa mentalidade eclesial apenas procura se adaptar a cidade no seu cotidiano, mas no que diz respeito a fé ainda quer permanecer nas fórmulas antigas, que não atinge mais as novas gerações. Torna-se necessário uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. A missão do cristão é empenhar-se na criação de uma cultura solidária. Isso significa que o universo significativo, os símbolos, o código de comportamento deve ser impregnado pelo valor fundamental da solidariedade.

A Quinta Conferência Geral em Aparecida, conseguiu recuperar a memória latino-americana e abrir-se aos desafios do presente. Imersa num mundo cada vez mais pluralista, cabe à Igreja aprender a conviver e a agir em colaboração com o diferente, que não é necessariamente um inimigo ou um herege, tal como para a cristandade. É instância para o exercício da caridade, fonte de enriquecimento e caminho para o grande Outro. A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.

Com a eleição do Papa Francisco, assistimos o renascimento dos anseios e das perspectivas do Vaticano II. A retomada de posturas e propostas outrora, por vezes, negligenciadas ou até condenadas, agora são estimuladas e acolhidas num horizonte que dá esperança. Francisco propõe a reestruturação da missão, segundo o Documento de Aparecida e aponta para cinco pilares que marcam a pastoral em chave missionária. O Papa Francisco é o fruto maduro do Vaticano II. Encarna em seus gestos e palavras a renovação proposta pelo grande Concílio a partir do que vivenciou como recepção na América Latina. Traz para o papado a experiência difícil da colegialidade vivenciada a partir da periferia da Igreja, como também a prática concreta da Igreja dos pobres, do protagonismo eclesial do leigo. A eclesiologia do povo de Deus, assumida sem ponderações, dá o tom de uma reforma inadiável da Igreja.

A partir do princípio que *tudo está estreitamente interligado*, o Papa Francisco soube conjugar o tema da justiça social com o tema da ecologia, até então abordados separadamente. Esse tipo de abordagem mostra que o cuidado pela humanidade que precisa de libertação da opressão, das diversas formas de injustiças, da violência está estreitamente interligado com o respeito e cuidado pela Mãe Terra, nossa casa comum. O Papa Francisco convida a todos para enxergar o mundo com outros olhos para perceber a interligação entre todas as coisas, entre as diversas dimensões: ambiental, social, política, econômica, humana, cultural, espiritual, etc. A absoluta novidade consiste em que a encíclica assume o novo paradigma contemporâneo segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades interconectadas, influenciando-se umas às outras.

A visão que tem a Quinta Conferência Geral em Aparecida, a respeito do leigo não deixa dúvidas: É tempo de deixar os leigos e leigas assumirem na Igreja o papel que o Vaticano II lhes conferiu. O potencial que a atividade missionária da Igreja teria à disposição com o envolvimento maior dos leigos e leigas é incalculável. O acelerado processo de urbanização constitui hoje para a evangelização um dos seus maiores desafios. Essa nova realidade da cidade hoje exige uma reflexão pedagógica-pastoral mais aprofundada. É importante detectar dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. Um dos desafios atuais é gerar a experiência da fé eclesial. A geração antiga não consegue transmitir sua própria experiência religioso-eclesial da fé as novas gerações. Ela não consegue reproduzir seus valores.

A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje. Deve ter seu momento de racionalidade para organizar as ações frente à complexidade dos desafios no mundo de hoje. O lugar do cristão é estar em meio das lutas pela essência da cidade, isto é, pelas liberdades municipais, pela igualdade entre todos os cidadãos contra a secessão dos poderosos, pela solidariedade nos serviços públicos assumidos coletivamente. O perigo das paróquias urbanas é de se isolarem das lutas da cidade inteira.

A Igreja deve estar presente em todos os dramas humanos, do homem e da mulher da cidade e tornar-se ativa na vida política no sentido antigo da palavra, ou seja, na vida da cidade *polis* como organização política. É preciso ter consciência da distância que há entre o evangelho e a nova cultura. É preciso fazer uma opção por uma vida alternativa e cada cristão precisa de uma comunidade de fé para alimentar a sua adesão ao Evangelho. Frente uma

sociedade que enfrenta fortes mudanças em suas estruturas sociais e culturais, buscar-se-á a verdade do Evangelho e isso requer um estilo de vida simples, austero e solidário, fiel à verdade e à caridade, como também valentia, persistência e docilidade à graça de prosseguir. Fiel à Igreja sempre, a renovação iniciada pelo concílio Vaticano II e impulsionada pelas conferências Gerais, asseguram o rosto latino-americano e caribenho de nossa Igreja. A profecia lembra que somente uma Igreja dos pobres terá capacidade e credibilidade para proclamar um reino de justiça neste mundo e para questionar a desordem estabelecida. Somente uma Igreja dos pobres seria capaz de assumir a missão de evangelizar.

Hoje como nunca, após a Quinta Conferência Geral em Aparecida e através dos impulsos missionários vindos do pontificado do Papa Francisco, é urgente um novo despertar missionário que leve a transformar todas as atividades da Igreja numa autêntica ação missionária em todos os âmbitos da realidade, seja *ad intra* como *ad extra*.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. Pós-modernidade: abordagem sociológica. In: TRASFERETTI, José e GONÇALVES, Paulo Sérgio L. *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 53-70.
- BOOF, Leonardo. *A Grande Transformação na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis: Vozes. 2014.
- _____. *As Quatro Ecologias: ambiental, política e social, mental e integral*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias. 2012.
- BOFF, Clodovis. *A partir da realidade ou da experiência de fé? Propostas para o CELAM de Aparecida*, Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Teologia: um enfoque histórico-teológico*. São Paulo: Paulinas, 1998
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. *A Missão a Serviço da Vida Plena*. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na Teologia da missão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.
- BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. *Para compreender o texto de Aparecida. O pré-texto, o contexto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. *Pedagogia e Método para uma recepção criativa da Aparecida*. In: BRIGHENTI, Agenor e HERMANO, Rosario. *A Missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010.

- BROMN, R.; FITZMYER, J.; MURPHY, R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Santo André: Academia Cristã / São Paulo: Paulus, 2011.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivani (orgs.). *Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 229-248.
- CASTELLS, M. (1972). *A questão urbana*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CARTA DA TERRA. Disponível em:
(<http://www.cartadaterrabrasil.com.br/prt/history2.html>). Acesso em: 06/07/2016.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.
- CIPOLINI, Pedro Carlos. *Eclesiologia latino-americana: uma Igreja da libertação pascal*. In: SOUZA, Ney de. *Temas de Teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CODINA, Victor. *A eclesiologia de Aparecida*. AMERÍNDIA (Org.). In: *V Conferência de Aparecida: Renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 110.
- COMBLIN. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002.
- _____. *Pastoral Urbana: O dinamismo na evangelização*. Petrópolis: Vozes, 3ª edição: 2002.
- _____. *Neoliberalismo: Ideologia dominante na virada do século*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002.
- _____. *O povo de Deus*, São Paulo: Paulus, 2002.
- _____. *O Caminho - Ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *O que é a verdade?*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *A vida - Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. São Paulo: Paulus, 1996
- _____. *As grandes incertezas na Igreja atual*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COENEM, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia: Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- COLAVECCHIO, Ronaldo L. *Jesus e a comunidade do Reino no Evangelho de São Lucas: o vendaval da misericórdia na vida dos discípulos e do mundo*. São Paulo: Loyola, 2013.
- COX, Harvey. *A Cidade Secular*. São Paulo: Academia Cristã, 2015.

- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II): Lucas e João*. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.
- HIDALGO, Manuel. A missão diante da crise econômica: interpretação, consequências e desafios. In: BRIGHENTI, Agenor e HERMANO, Rosário org. *A Missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- LABONTÉ, Guy; ANDRADE, Joaquim (org). *Caminhos para a missão: fazendo missiologia contextual*. Brasília: BSB Editora, 2008.
- JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LIBÂNIO, João Batista. *Eu creio. Nós cremos*. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. Igreja contemporânea – *Encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola. 2000.
- LORO, Tarcísio Justino. A Pastoral de Conjunto na América Latina. In: SOUZA, Ney de (org.). *Temas de Teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas. 2007.
- MANZATTO, Antonio. Cristologia latino-americana. In: SOUZA, Ney (org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas. 2007.
- MIRANDA, Mario de França. *Aparecida: a hora da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MORIN, Edgar. ROGER, Emílio Ciurana. MOTTA Raúl. *Educar na era Planetária*. São Paulo: 2 ed. Cortez. Brasília: Unesco, 2007.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- NASCIMENTO, Patrícia Limaverde. *Pensamento complexo*. Disponível em: <https://transdisciplinaridade.wordpress.com/2012/01/20/pensamento-complexo/>. Acesso em: 10. Abr. 2016.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PANAZZOLO, João. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- PASSOS, João Décio. O papado reformável. In: *Revista Vida Pastoral. Cultura do encontro e ano da misericórdia*. Março-abril de 2016 – ano 57 – número 308. São Paulo. Paulus. 2016.
- PUNTEL, Joana T. A Igreja e os meios de comunicação na sociedade brasileira a partir do Concílio Vaticano II. Em: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise (orgs.). *Concílio Vaticano: Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 315-335.

RESTORI, Memore. *Para uma Igreja em saída: teologia e animação missionária em saída*. Disponível em: [http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/ cms_artigos_pdf_112.pdf](http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_112.pdf). Acesso em: 05 jun. 2016.

REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA. *Exigência ecumênica na América Latina*. Fasc. 253 – janeiro – Número 64. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

SANTOS, Milton. *O Espaço dividido*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carrol. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SIMÕES, Cátia. Já chegaram à Europa mais de 50 milhões de refugiados este ano Disponível em:(http://economico.sapo.pt/noticias/ja-chegaram-a-europa-mais-de-50-milhoes-de-refugiados-este-ano_225768.html). Acesso em 09 de ago. de 2015.

SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Sinais de esperança: reflexões em torno dos temas da Conferência de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Introdução a Teologia da Missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*, Petrópolis: Vozes, 2011.

SUZIN, Luiz Carlos. Missão em um tempo de mudanças profundas e desafios culturais inadiáveis. BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (orgs). *A missão em debate: provocações à luz de Aparecida/ Ameríndia*. São Paulo: Paulinas. 2010. p. 25-40.

VIGIL, José Maria. *A opção pelos pobres: síntese doutrinal*. São Paulo: Paulinas, 1999.

Documentos Eclesiásticos

BIBLIA: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo. Paulinas. 2002.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín*. 4 ed. São Paulo. Paulinas. 1979.

_____. *Conclusões da Conferência de Puebla*. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo. Paulinas. 1979.

_____. *Conclusões da IV conferência do Episcopado Latino-Americano – Santo Domingo. Nova Evangelização-promoção humana- cultura cristã*. São Paulo. Paulinas. 1992.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB / Paulus / Paulinas, 2007.

_____. *A Missão Continental: para uma Igreja missionária*. Brasília: Edições CNBB, 2008.

COMISSÃO NACIONAL DOS PRESBITEROS. *Presbítero: Discípulo-Missionário de Jesus Cristo na América Latina*. Conclusões do 12º Encontro Nacional de Presbíteros. Brasília: CNBB, 2008.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Discurso de abertura do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997 (Documentos da Igreja).

_____. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. São Paulo: Paulus, 1997 (Documentos da Igreja).

_____. *Constituição pastoral Gaudium et spes*. São Paulo: Paulus, 1997 (Documentos da Igreja).

_____. *Decreto Ad Gentes*. São Paulo: Paulus, 1997 (Documentos da Igreja).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O Brasil na Missão Continental: projeto nacional de evangelização*. Brasília: Edições CNBB, 2008. (Coleção Documentos da CNBB – 88).

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. doc. 87. Brasília: CNBB, 2008.

_____. *O Brasil na Missão Continental: projeto nacional de evangelização*. doc. 88. Brasília: CNBB, 2008.

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. doc. 102. Brasília: CNBB, 2015.

_____. *Comunidades de comunidades: uma nova paróquia*. doc. 100. Brasília: CNBB, 2013.

_____. *Missão e cooperação Missionária: orientações para animação missionária da igreja no Brasil*. Estudos da CNBB 108 - Brasília: CNBB, 2015.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA/ Pontifício Conselho “justiça e paz”; tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). – 7. Ed- São Paulo: 2011.

FRANCISCO. Exortação apostólica do Sumo Pontífice. *Evangelii Gaudium/ A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. Carta Encíclica *Laudato Si'*: *Sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Discurso aos cardeais*. Disponível em: (<http://oglobo.globo.com/rio/leia-discurso-do-papa-francisco-no-almoco-com-cardeais-membros-da-cnbb-922194>). Acesso em: 12 jan. 2016.

_____. *Homilia*. Disponível em: (<http://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-e-triste-ver-sacerdotes-e-bispos-apegados-ao-dinheiro-24891/>). Acesso em: 15 fev. 2016.

_____. *Papa critica a "indiferença" do mundo pelos imigrantes*. Disponível em: (<http://www.dn.pt/globo/europa/interior/papa-critica-a-indiferenca-do-mundo-pelos-imigrantes-3310760.html>.) Acesso em: 08 jul. 2013.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1999.